

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Letras

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Isabella Moreira da Mata

**AS ESPECIFICAÇÕES DE TRAÇOS-PHI DO PRONOME POSSESSIVO *SEU*
PARA AS 2ª E 3ª PESSOAS GRAMATICAIS**

Belo Horizonte
2025

Isabella Moreira da Mata

**AS ESPECIFICAÇÕES DE TRAÇOS-PHI DO PRONOME POSSESSIVO *SEU*
PARA AS 2ª E 3ª PESSOAS GRAMATICAIS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área: (1) Linguística Teórica e Descritiva.
Linha de pesquisa: (1E) Estudos Formais de Língua.

Orientadora: Profa. Dra. Janayna Maria da Rocha Carvalho.

Belo Horizonte
2025

M425e Mata, Isabella Moreira da.
As especificações de traços-phi do pronome possessivo *seu* para as 2^a e 3^a pessoas gramaticais [manuscrito] / Isabella Moreira da Mata. – 2025.
1 recurso online (115f.: il., grafs., tab., p&b.) : pdf.
Orientadora: Janayna Maria da Rocha Carvalho.
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.
Linha de pesquisa: Estudos Formais de Língua.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 113-115.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua portuguesa – Pronomes – Teses. 2. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 3. Língua portuguesa – Gramática – Teses. I. Carvalho, Janayna Maria da Rocha. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.5



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FOLHA DE APROVAÇÃO

AS ESPECIFICAÇÕES DE TRAÇOS-PHI DO PRONOME POSSESSIVO 'SEU' PARA AS 2ª
E 3ª PESSOAS GRAMATICAIS

ISABELLA MOREIRA DA MATA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos Formais de Língua.

Aprovada em 11 de abril de 2025, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Janayna Maria da Rocha Carvalho - Orientadora

UFMG

Prof(a). Fábio Bonfim Duarte

UFMG

Prof(a). Ana Regina Vaz Calindro

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Belo Horizonte, 11 de abril de 2025.



Documento assinado eletronicamente por Janayna Maria da Rocha Carvalho, Professora do Magistério Superior, em 16/04/2025, às 16:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Fabio Bonfim Duarte, Professor do Magistério Superior, em 07/05/2025, às 13:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Ana Regina Vaz Calindro, Usuária Externa, em 23/05/2025, às 07:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 4088364 e o código CRC 023566C4.

À minha mãe, Mônica, e ao meu pai, Cláudio, que foram os primeiros, e em alguns momentos os únicos, que me incentivaram neste longo caminho das letras.

Esta conquista também é deles.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus pela minha vida e pela vida dos que eu amo.

À minha orientadora, Janayna Carvalho, por me guiar nesta jornada. Graças aos seus ensinamentos, evoluí na escrita desta dissertação e evoluí, também, como pesquisadora. Todos os seus direcionamentos para que eu escrevesse, lesse os textos, apresentasse e participasse de eventos me transformaram em uma linguista. Agradeço pelas explicações, pelas diversas revisões e correções dos capítulos e pelas conversas descontraídas entre horas e horas de reuniões. Muito obrigada por ter confiado em mim.

À CAPES pelo financiamento da minha pesquisa no meu segundo ano de mestrado. Sem esse apoio financeiro, eu não conseguiria finalizar a dissertação no tempo programado. Torço para que, um dia, todos os discentes já entrem na pós-graduação com uma bolsa de pesquisa e com todos os direitos básicos garantidos.

A todos os funcionários da Universidade Federal de Minas Gerais, em especial os da Faculdade de Letras e os da Secretaria do Poslin. Sou muito grata e honrada em fazer parte dessa universidade pública, referência em ensino e pesquisa, e desse programa de pós-graduação, tão importante para os estudos linguísticos nacionais e internacionais.

A todos os professores da Faculdade de Letras que contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional. Ao professor Eduardo Amaral por ter me apresentado a Onomástica, aprendi enormemente com a disciplina de Variação e Mudança de Nomes Próprios e me sinto motivada a continuar aprendendo sobre essa área; ao professor Fábio Bonfim pelas importantíssimas aulas de Minimalismo e Sintaxe Gerativa, que foram essenciais para a minha formação como linguista; e ao professor Guilherme Lourenço pelas aulas interessantes na disciplina de Sintaxe, além das companhias de Alícia e Márcia, doutorandas dele na época, que também contribuíram bastante para o meu aprendizado.

Às minhas amigas de orientação, Aline e Yasmine, sou muito grata por ter me aproximado de vocês durante o mestrado. Foi muito especial poder contar com cada uma nos momentos de desespero e nos de felicidade.

Aos meus queridos amigos linguistas que iniciaram esta jornada junto a mim, Júlia e Alexandre, por cada café na FALE e por cada conversa descontraída. Esses momentos me relaxaram em meio ao caos de disciplinas, leituras e escritas.

Aos meus amigos da Representação Discente, Tânia, Maria Augusta e Jadson, por confiarem em mim para fazer parte da RD do Poslin. Aprendi muito sobre os trâmites do programa e tive a certeza que quero continuar neste percurso acadêmico graças a essa oportunidade. O trabalho que fazemos merece mais reconhecimento pelos discentes e pelos docentes.

Às minhas amigas de vida, Thaís, Rayane, Larissa D., Maria Victória, Joyce, Maria Laura, Camilla, Lorena (*in memoriam*), Isadora, Ricielly, Larissa A. e tantas outras, por sempre me apoiarem, por torcerem por cada conquista minha e por estarem presentes em qualquer momento, mesmo à distância.

A todos os meus amigos que me acompanharam até aqui, sou muito grata pelo apoio de vocês.

Aos meus familiares, que me perguntavam do mestrado em encontros de família, pelas palavras amigas e pelo interesse em saber sobre a Linguística. Em especial à minha tia Raquel, que, mesmo sem saber, me traz força.

À minha prima, Nathália, por ser minha irmã de alma, por me apoiar em todo momento e por sempre falar que tem orgulho de mim.

Ao meu avô paterno, Carlos Márcio, por perguntar sobre a minha vida na capital, entre um café e um bolo em nossos encontros na minha cidade natal, e ao meu avô materno, Osvaldo, que sempre estará no meu coração.

Às minhas avós, Maria de Lourdes e Maria Raimunda, que não estão fisicamente aqui, mas estão comigo, não importa quanto tempo passe.

O meu principal agradecimento vai para as pessoas mais importantes da minha vida, os meus pais. Agradeço à minha mãe, Mônica, por todo amor e colo, inclusive nos períodos mais conturbados da pós, e por cada oração pedindo a minha proteção. Agradeço ao meu pai, Cláudio, por toda demonstração de amor e cuidado comigo, pelas palavras de encorajamento quando eu mais precisei e por sempre me incentivar nos estudos. Tudo que faço é por vocês.

E também sou grata ao meu esforço, pois graças à minha dedicação e determinação que eu consegui esta conquista tão sonhada por mim.

“Depois do medo, vem o mundo.”
(Clarice Lispector)

RESUMO

O presente estudo investiga o uso do pronome possessivo *seu* para as 2ª e 3ª pessoas gramaticais, um tema que ainda é pouco abordado nos estudos formais. A pesquisa parte da hipótese de que os traços-phi de pessoa, gênero, número, além dos referentes e antecedentes do possessivo, são os influenciadores do compartilhamento de *seu* para as 2ª e 3ª pessoas. O comportamento do possessivo *dele* como possessivo de 3ª pessoa será analisado em momentos pontuais, comparando-o com o possessivo *seu*.

A metodologia adotada envolve a revisão das características sintáticas dos pronomes possessivos, a relação com os pronomes pessoais e a distribuição de *seu* para as 2ª e 3ª pessoas. O estudo será embasado em abordagens prévias da literatura que serão importantes para a nossa hipótese, como Ihsane (2003) e os três tipos dos possessivos, em que identificaremos as tipologias do possessivo *seu*; Perini (1985) e a discussão sobre a ambiguidade observada no pronome possessivo *seu* para as 2ª e 3ª pessoas gramaticais; Muller (1997) e os tipos de antecedentes que diferenciam a 3ª pessoa de *seu* e *dele*; Menuzzi (2003) e as aplicações de variável ligada e correferência, que serão usadas nos pronomes possessivos *seu* e *dele*, além das análises de interpretação com identidade estrita e interpretação com identidade relaxada, que serão adaptadas para o possessivo *seu*, foco desta análise. A análise busca responder ao questionamento central da pesquisa: Por que o pronome possessivo *seu* pode ser usado tanto para as 2ª pessoas quanto para as 3ª pessoas?.

Em nossa investigação sobre o pronome possessivo *seu* ser compatível com as 2ª e 3ª pessoas, vamos comparar o comportamento desse possessivo com essas formas de *Vossa Mercê*, mostrando que tanto o sintagma possessivo e o sintagma pronominal *Vossa Mercê* quanto o pronome possessivo *seu* de 2ª pessoa e de 3ª pessoa são exemplos de formas que apresentam comportamentos sintáticos distintos, além de compartilharem características dêiticas e anafóricas.

Palavras-chave: pronomes possessivos; 2ª pessoa; 3ª pessoa; traços-phi.

ABSTRACT

This study investigates the use of the possessive pronoun *seu* for both the 2nd and 3rd grammatical persons, a topic that remains underexplored in formal linguistic research. The research starts from the hypothesis that phi-features such as person, gender, and number, as well as the referents and antecedents of the possessive, are the factors influencing the shared use of *seu* for both 2nd and 3rd persons. The behavior of the possessive *dele* as a 3rd person possessive will be analyzed at specific points, in comparison to the possessive *seu*.

The adopted methodology involves a review of the syntactic features of possessive pronouns, their relationship with personal pronouns, and the distribution of *seu* for the 2nd and 3rd persons. The study will be grounded in previous approaches from the literature that are relevant to our hypothesis, such as Ihsane (2003) and the three types of possessives, through which we will identify the typologies of the possessive *seu*; Perini (1985) and the discussion on the ambiguity found in the possessive pronoun *seu* for the 2nd and 3rd grammatical persons; Muller (1997) and the types of antecedents that distinguish the 3rd person uses of *seu* and *dele*; Menuzzi (2003) and the applications of bound variable and coreference, which will be applied to the possessive pronouns *seu* and *dele*, along with the analyses of strict identity and sloppy identity interpretations, which will be adapted to *seu*, the focus of this analysis. The analysis seeks to answer the central research question: Why can the possessive pronoun *seu* be used for both the 2nd and 3rd persons?

In our investigation of the compatibility of the possessive pronoun *seu* with both the 2nd and 3rd persons, we will compare the behavior of this possessive with forms derived from *Vossa Mercê*, showing that both the possessive phrase and the pronominal phrase *Vossa Mercê*, as well as the 2nd person and 3rd person uses of the possessive pronoun *seu*, are examples of forms that exhibit distinct syntactic behaviors, while also sharing deictic and anaphoric characteristics.

Keywords: possessive pronouns; 2nd person; 3rd person; phi-features.

LISTA DE QUADROS

CAPÍTULO 1:

<i>Quadro 1. Os tipos de possessivos, segundo Ihsane (2003).....</i>	<i>28</i>
<i>Quadro 2. Os tipos de possessivos de Ihsane (2003) para o português brasileiro.....</i>	<i>32</i>
<i>Quadro 3. Relação entre os pronomes pessoais e os pronomes possessivos.....</i>	<i>33</i>
<i>Quadro 4. Sistema pronominal de pessoas do português brasileiro.....</i>	<i>34</i>
<i>Quadro 5. Distribuição dos pronomes possessivos e a relação de posse.....</i>	<i>36</i>
<i>Quadro 6. Nomenclaturas de seu e dele, segundo Perini (2010) e Ihsane (2003)....</i>	<i>41</i>

CAPÍTULO 2:

<i>Quadro 1. Sistema de possessivos no português padrão.....</i>	<i>43</i>
<i>Quadro 2. Sistema de possessivos no português coloquial.....</i>	<i>44</i>

CAPÍTULO 3:

<i>Quadro 1. Os traços formais e semânticos de gênero, número e pessoa.....</i>	<i>103</i>
<i>Quadro 2. Proposta de traços formais e semânticos para a forma pronominal Vossa Mercê.....</i>	<i>104</i>
<i>Quadro 3. Proposta de traços formais e semânticos para o pronome possessivo Seu.....</i>	<i>105</i>

LISTAS DE FIGURAS

CAPÍTULO 2

<i>Figura 1: Formação do pronome possessivo na small-clause</i>	51
<i>Figura 2: Esquema sintático de “O aparecimento seu”</i>	51
<i>Figura 3: Esquema sintático de “O seu aparecimento”</i>	52
<i>Figura 4: Esquema sintático de “Os retratos todos de Pedro (dele)”</i>	53

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO 2

<i>Tabela 1. Tipo de antecedente e forma possessiva correspondente a sua retomada.....</i>	<i>65</i>
--	-----------

CAPÍTULO 3

<i>Tabela 1. Pronomes seu(s)/sua(s)/dele(s) e dela(s) em cada contexto.....</i>	<i>96</i>
<i>Tabela 2. Ocorrências do tipo de pessoa que os pronomes seu(s)/sua(s) retomam.....</i>	<i>97</i>
<i>Tabela 3. Ocorrências do tipo de pessoa que os pronomes dele(s)/dela(s) retomam.....</i>	<i>98</i>

LISTA DE ABREVIATURAS

1p.: Primeira pessoa
2p.: Segunda pessoa
3p.: Terceira pessoa
1ª S.: Primeira pessoa do singular.
2ª S.: Segunda pessoa do singular.
3ª S. / 3ª PS: Terceira pessoa do singular.
1ª P.: Primeira pessoa do plural.
2ª P. / 2ª PP: Segunda pessoa do plural.
3ª P. / 3ª PP: Terceira pessoa do plural.
2G: 2ª pessoa generalizada
3G: 3ª pessoa generalizada
Agr: *Agreement*
AgrP: *Agreement Phrase*
CR: Categoria de regência
D: Determinante
DEF: Definitude
DP: Sintagma determinado
F.: Feminino
M.: Masculino
N.: Nome
POBJ. DIR.: Pronomes pessoais na função de objeto direto
POBJ. IND.: Pronomes pessoais na função de objeto indireto
POBJ. PREP.: Pronomes pessoais na função de objeto preposicionado
PP: Pessoa do plural
PPOS: Pronomes possessivos
PS: Pessoa do singular
PSUJ: Pronomes pessoais sujeito
RD: Retomada dentro de CR
RF: Retomada fora de CR
SC: *Small-clause*
SG: Singular
SN: Sintagma nominal
SpecDP: Especificador do Sintagma Determinante
SSP: Supressão de Sujeito Pronominal
SV: Sintagma verbal

SUMÁRIO

1. OS PRONOMES POSSESSIVOS.....	16
1.1 Introdução.....	16
1.2. Os pronomes possessivos.....	19
1.3. A tipologia dos possessivos.....	22
1.3.1. A tipologia dos pronomes possessivos do português brasileiro.....	29
1.4. O sistema de pronomes possessivos do português brasileiro.....	33
1.5. Um recorte sociolinguístico sobre os pronomes possessivos de 2ª e 3ª pessoas....	35
1.6. Conclusão.....	40
2. AS NOÇÕES DE COMPARTILHAMENTO DO PRONOME POSSESSIVO SEU PARA AS 2ª E 3ª PESSOAS E DELE PARA A 3ª PESSOA GRAMATICAL.....	42
2.1. Introdução.....	42
2.2. Os pronomes possessivos de 2ª e 3ª pessoas nos sistemas pronominais brasileiros e a ambiguidade do possessivo <i>seu</i> , segundo Perini (1985).....	43
2.2.1. As diferenças entre ambiguidade, vagueza e indicialidade, por Cançado (2008)	53
2.3. As restrições pragmáticas que definem o uso de <i>seu</i> ou <i>de você</i> para a 2ª pessoa, segundo Kato (1985).....	57
2.4. As especificações da coocorrência dos pronomes possessivos <i>seu</i> e <i>dele</i> para a 3ª pessoa, a partir de estudos de Muller (1997).....	63
2.4.1. Testando o comportamento do possessivo <i>seu</i>	68
2.5. A relevância da natureza específica ou genérica e da animacidade dos antecedentes na escolha dos pronomes possessivos de 3ª pessoa, segundo Lopes e Guedes (2020).....	73
2.6. Conclusão.....	80
3. AS ESPECIFICAÇÕES DE TRAÇOS-PHI DO PRONOME POSSESSIVO SEU PARA AS 2ª E 3ª PESSOAS.....	83
3.1. Introdução.....	83
3.2. As definições de pronome, anáfora, correferência e variável ligada, por Muller (2003) e Menuzzi (2003).....	84
3.3. Revisitando contextos em que o pronome possessivo <i>seu</i> é usado para a 2ª pessoa gramatical.....	88
3.4. Revisitando contextos em que o pronome possessivo <i>seu</i> é ligado à 3ª pessoa gramatical.....	90
3.5 O uso do pronome possessivo <i>seu</i> para a 3ª pessoa com antecedente definido, a partir de dados de Almeida e Minussi (2021).....	94
3.6. Os traços formais e semânticos do pronome possessivo <i>seu</i> , uma análise comparativa com o sintagma <i>Vossa Mercê</i> , de Marcotulio (2012).....	100
3.7. Conclusão.....	108
4. RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	112

CAPÍTULO 1

OS PRONOMES POSSESSIVOS

1.1 Introdução

Esta pesquisa investiga as razões para o pronome possessivo *seu*¹ ser usado para as 2ª e 3ª pessoas gramaticais, a partir de uma abordagem formal, isto é, por meio da descrição de regras que ocorrem na língua interna dos falantes. Esse é um assunto ainda pouco abordado nos estudos formais, pois são poucas as pesquisas que trabalham com o pronome possessivo *seu* nessa perspectiva de descrever o comportamento dúbio desse possessivo na língua interna dos falantes.

Por meio de um viés formalista sintático, defenderemos a relação dos traços-phi de pessoa, gênero e número dos possuidores e possuídos com o possessivo *seu* como um dos fatores que explica a sua distribuição, sendo os referentes e antecedentes os influenciadores do compartilhamento de *seu* para as 2ª e 3ª pessoas. Trataremos, em momentos pontuais, sobre o comportamento do possessivo *dele*² como possessivo de 3ª pessoa, comparando-o com o possessivo *seu*, além de como as questões de pronome, dêixis, anáfora, correferência e variável ligada são relevantes no uso de *seu* para essas duas pessoas gramaticais.

O estudo, então, objetiva pesquisar as especificidades do pronome possessivo *seu*, como os traços-phi que recebe, para investigar a sua relação com as 2ª e 3ª pessoas gramaticais. Para tanto, esta dissertação vai perpassar as características sintáticas dos pronomes possessivos, a relação com os pronomes pessoais e a distribuição de *seu* para essas duas pessoas gramaticais. Discutiremos, principalmente, abordagens prévias da literatura, como Perini (1985), Kato (1985), Muller (1997) e (2003), Abraçado (2000), Menuzzi (2003), entre outros linguistas que serão citados.

Esta pesquisa se desenvolve em 4 capítulos. Este capítulo inicial apresenta e define todos os pronomes possessivos a partir de exemplos básicos para que o

¹ Neste trabalho, todas as vezes que nos referimos a *seu* (masculino e singular), as formas flexionadas no feminino e plural estão englobadas.

² Neste trabalho, todas as vezes que nos referimos a *dele* (masculino e singular), as formas flexionadas no feminino e plural estão englobadas.

leitor conheça o objeto de estudo em foco. Apresentamos, também, três tipos de possessivos que serão observados em diferentes línguas: os determinantes, os adjetivais e os pronominais. Buscaremos investigar a tipologia do possessivo *seu*, e também a de *dele*, iniciando a discussão sobre o compartilhamento de *seu* para as 2ª e 3ª pessoas do discurso, além da entrada de *dele* no português brasileiro. Adicionaremos, na discussão, o surgimento do pronome pessoal *você*, que influencia essa distribuição de *seu* para essas duas pessoas no sistema pronominal do português brasileiro.

No capítulo 2, é apresentado o referencial teórico da pesquisa, a revisão de literatura de linguistas que trabalham ou trabalharam com os pronomes possessivos de 2ª e 3ª pessoa e com o compartilhamento de *seu* para essas duas pessoas gramaticais. Apresentaremos, também, algumas controvérsias de posicionamentos observados entre trabalhos clássicos sobre esse assunto.

Perini (1985), por exemplo, aborda sobre a distribuição dos pronomes possessivos de 2ª e 3ª pessoas a partir da diferenciação entre os sistemas pronominais padrão e coloquial:

- (1) a. João pegou o *seu* lápis.
b. João pegou o lápis *dele*.

Em (1a), vemos um exemplo que seria pertencente ao sistema pronominal padrão, que apresenta o possessivo *seu* para as 2ª e 3ª pessoas, gerando a ambiguidade que Perini (1985) discute.

Em (1b), o possessivo *dele* entra no quadro pronominal coloquial, sendo direcionado para a 3ª pessoa, evitando a ambiguidade observada em (1a).

Já Kato (1985) apresenta algumas divergências de posicionamentos com os de Perini (1985), discutindo que as restrições do possessivo *seu* dependem do contexto de uso. Há, também, na seção dela do capítulo 2, uma discussão sobre a escolha de *de você* ou *seu* para a 2ª pessoa em sentenças:

- (2) a. É o *seu* livro que vai ser lançado.
b. *É o livro *de você* que vai ser lançado.

Adentrando as especificações dos possessivos, em que nos debruçamos nesta pesquisa, Muller (1997) apresenta as especificidades dos pronomes possessivos *seu* e *dele* para a 3ª pessoa, detalhando os tipos de antecedentes desses possessivos e a relação entre os pronomes possessivos e os sintagmas nominais:

- (3) a. **Os alunos** estudam o que o *seu* professor pede.
 b. **João** revisou a tese *dele*.

Em (3a), observamos que o sintagma nominal (SN) *alunos* não é específico, enquanto o SN *João*, de (3b), é. Esse ponto e outros elementos serão abordados na diferenciação entre esses dois pronomes possessivos para essa mesma pessoa gramatical.

Citamos, também, o estudo de Lopes e Guedes (2020) acerca de como a natureza e a animacidade dos antecedentes nominais mostram como ocorre o uso entre *seu* ou *dele* para a 3ª pessoa:

- (4) a. **A dissertação** e a *sua* importância para o mestrado.
 b. **A orientadora** *dele* está na banca de defesa.

O exemplo em (4a) ilustra o uso de *sua*, acompanhando um SN inanimado e genérico *a dissertação* como antecedente, enquanto, em (4b), o *dele* acompanha um SN animado e específico *a orientadora*, e não possui um antecedente. Veremos, no estudo dessas autoras, a relevância dessas características nesses SNs no uso de *seu* e *dele* para a 3ª pessoa, e outros linguistas que também serão citados no decorrer da pesquisa, como Ihsane (2003), Almeida (1993), Abraçado (2000) e Muller (2003).

Já o capítulo 3 apresenta a nossa análise e a nossa tentativa de responder ao questionamento central da pesquisa: *Por que o pronome possessivo seu pode ser usado tanto para as 2ª pessoas quanto para as 3ª pessoas?*, além de *Por que o pronome possessivo seu ainda é usado para a 3ª pessoa com a antecedentes definidos?*.

Para responder essas perguntas, abordaremos a especificação de traços-phi de *seu* para as 2ª e 3ª pessoas retomando algumas características dos pronomes,

como os tipos de referentes e antecedentes, além de dêixis, anáfora, correferência e variável ligada, segundo Menuzzi (2003) e Muller (2003). Baseamo-nos, também, na pesquisa de Almeida e Minussi (2021) sobre as ocorrências dos possessivos *seu* e *dele* nas 2ª e 3ª pessoas e nas 2ª e 3ª pessoas generalizadas em um corpus selecionado pelos pesquisadores, além de dados que também serão relevantes para a nossa visão acerca do uso de *seu* para a 3ª pessoa com antecedente específico. Vamos adicionar um estudo de Marcotulio (2012) sobre as diferenças sintáticas entre o sintagma possessivo *Vossa Mercê* e o sintagma pronominal *Vossa Mercê* e de suas características anafóricas e dêiticas, adaptando essa análise para a investigação sobre o pronome possessivo *seu* de 2ª e 3ª pessoas. Observaremos, também, os traços semânticos e formais do sintagma pronominal *Vossa Mercê* que poderão ser utilizados na análise do pronome possessivo *seu*.

O capítulo 4 finaliza esta pesquisa com os resultados, mostrando que o *seu* não possui traços-phi inerentes, de forma que ele recebe os traços de gênero e número dos SNs referentes ou antecedentes, enquanto recebe o traço de pessoa do SN possuidor, que pode ser de 2ª pessoa dêitica ou de 3ª pessoa anafórica. Buscamos demonstrar, também, que o uso de *seu* para a 3ª pessoa com antecedente definido é uma exceção, e só era efetivamente produtivo antes da entrada de *dele* no quadro pronominal brasileiro. O capítulo segue com as nossas considerações finais, conclusões e referências bibliográficas.

1.2. Os pronomes possessivos

Na gramática gerativa, os pronomes não são apenas elementos que substituem os nomes nas sentenças, eles podem possuir, inerentemente, os traços de pessoa, número, gênero e caso, ou podem recebê-los por outros elementos sintáticos da sentença, como os sintagmas nominais. Isto é, segundo Carnie (2013, p. 142), os pronomes podem ser definidos como SNs que podem, opcionalmente, adquirir o sentido de outro SN na sentença, ou podem adquirir esse sentido de outro elemento, como do contexto ou de sentenças anteriores do discurso, por exemplo, em (5):

(5) Maria_i disse que *e/a_{ij}* estudou para a prova.

No exemplo (5), o pronome *ela* pode se referir ao SN *Maria* que aparece na sentença (“*Maria_i* disse que *Maria_i* estudou para a prova”) ou pode se referir a uma outra pessoa do discurso (“*Maria_i* disse que *ela_j* [*Joana*] estudou para a prova”). Ou seja, os pronomes podem se referir a um elemento do discurso, anafórico, ou a um elemento dêitico. As leituras dessas interpretações são observadas por meio dos índices *i* e *j* na sentença em (5).

Adentrando os pronomes do português brasileiro, observamos que essa língua possui várias subclasses de pronomes, as quais podemos organizar em:

- Pronomes pessoais: *eu*, *tu*, *você(s)*, *ele* (*e flexões*), *nós*, que identificam a pessoa gramatical da sentença;
- Pronomes demonstrativos: *esse* (*e flexões*), *este* (*e flexões*), *isso*, *isto*, *aquilo*, *aquele* (*e flexões*), que localizam algo em relação às pessoas do discurso;
- Pronomes possessivos: *meu* (*e flexões*), *teu* (*e flexões*), *seu* (*e flexões*), *nosso*, *deles* (*e flexões*), que relacionam o possuído e o possuidor.

Essas subclasses possuem, em comum, as características anafóricas ou dêiticas dos pronomes, isto é, quando o pronome depende do contexto linguístico ou extralinguístico para se referir a um antecedente ou a um referente, respectivamente.

Por exemplo, em (5), observamos o pronome pessoal *ela*, que pode depender do antecedente ou de um referente do contexto extralinguístico, como apresentamos anteriormente com os índices.

Isso também seria visto nos pronomes demonstrativos em uma sentença do tipo *Aquilo está longe de mim*, em que só saberíamos sobre o que *aquilo* se refere a partir de um contexto extralinguístico. Já em *A professora ensina Sintaxe e essa disciplina é difícil*, o próprio contexto linguístico já identifica sobre o que *essa* se refere: *a disciplina de Sintaxe*. O mesmo pode ser notado com os pronomes possessivos, principalmente com o possessivo *seu* que é o foco desta pesquisa.

Diferentemente dos pronomes pessoais e demonstrativos, os pronomes possessivos sempre codificam uma relação. Observamos que o possuído pode ser inanimado ou animado, enquanto o possuidor é sempre animado/humano:

(6) **A dissertação** é do *meu colega*.

possuído inanimado

possuidor animado

Vemos, no exemplo em (6), que o possuído é inanimado por ser uma *dissertação*, ou seja, é um objeto, não uma pessoa.

Já o possuído animado é um caso que poderíamos chamar de *posse metafórica*, em que a posse ultrapassa o domínio material se estendendo ao domínio abstrato. Isto é, tanto o possuído quanto o possuidor podem ser humanos, como no exemplo em (7):

(7) **O professor** é do *seu colega*.

possuído animado

possuidor animado

Ou seja, em (7), o *professor* seria o possuído e o *colega* seria o possuidor. Essa posse é metafórica, pois o *professor* não é uma posse do *colega*, como um *livro* poderia ser. A relação *professor-aluno* é, então, codificada sintaticamente como uma relação de posse, mas não necessariamente é uma relação de posse do ponto de vista conceitual.

Em suma, vemos que o pronome possessivo estabelece uma relação entre duas entidades. Essa noção está presente em algumas definições de pronomes possessivos, como a de Neves (2000):

Se alguém diz *meu livro*, está relacionando duas pessoas: a pessoa que fala (1ª pessoa) e o livro (3ª pessoa). [...] Isso significa que, quando se usa um possessivo como determinante do nome, há sempre uma 3ª pessoa (representada por um nome, ou substantivo) posta em relação com outra pessoa, que pode ser a 1ª, a 2ª ou a 3ª, sendo essa diferenciação marcada pela própria forma do possessivo (Neves, 2000, p. 471, adaptado).

Isto é, o nome ou o substantivo possuído, está sempre na 3ª pessoa, mas quem detém a posse – o possuidor – pode ser tanto da 1ª, 2ª ou 3ª pessoa, só depende de qual pronome possessivo será usado, como nos exemplos em (8). Então, a relação de posse, como acontece entre o possuidor e o possuído, pode ser resumida como duas entidades intrinsecamente conectadas por um pronome possessivo:

(8) a. *Meu* **livro**.

possuidor (1p.) possuído (3p.)

b. *Seu* **livro**.
possuidor (2p.) possuído (3p.)

c. **Livro** *dele*.
possuído (3p.) possuidor (3p.)

Nos exemplos em (8), observamos como os pronomes possessivos estão relacionados com as pessoas gramaticais dos possuidores, e o possuído está sempre na 3ª pessoa.

Nesta seção, apresentamos uma primeira abordagem sobre as características básicas dos pronomes, o que engloba a relação de dêixis e anáfora e a relação entre possuidor e possuído.

Na próxima seção, abordaremos a tipologia dos possessivos, começando com as classificações de Perini (2010) e se estendendo até as de Ihsane (2003), discutindo, também, Neves (2000).

1.3. A tipologia dos possessivos

Embora o pronome possessivo codifique basicamente uma relação de posse entre duas entidades, as manifestações morfossintáticas dessa categoria são tão diversas que há tipologias variadas para as formas possessivas encontradas nas línguas.

Perini (2010, p. 305) nomeia os possessivos *meu*, *seu* e *nosso* como possessivos sintéticos, por exemplo em (9a), que são complementados, no quadro pronominal, por possessivos analíticos, como *dele* e *de vocês*, em (9b-c):

- (9) a. O *meu* livro. / Um livro *meu*.
b. O livro *dele*.
c. O livro *de vocês*.

Enquanto um possessivo sintético pode aparecer antes ou depois do SN, os possessivos analíticos se comportam como sintagmas preposicionados, aparecendo depois do núcleo do SN, como visto nos exemplos acima. Essa diferença entre

sintético e analítico se reflete em diferenças estruturais. Ihsane (2003) também apresenta classificações dos possessivos em uma perspectiva translinguística a partir de línguas como francês, flamengo ocidental, italiano, paduan e inglês, de forma que compararemos a tipologia desses possessivos em outras línguas com o português. Essa pesquisadora aborda três tipos diferentes de modificadores possessivos, são eles: determinantes, adjetivais e pronominais.

Começaremos pelos possessivos determinantes, que são os possessivos com traços de definitude inerente, isto é, o traço de definitude ([+DEF]) já está presente nesses possessivos. Os exemplos de Ihsane em (10), da língua West Flemish (flamengo ocidental)³, mostram que duas variantes possessivas – *zyn(en)/zen(en)* – são agramaticais se coocorrem com artigos, pois ambas já carregam o traço [+DEF], que as classificam como possessivos determinantes, não aceitando artigos (Ihsane, 2003, p. 25):

(10) a. *den zynen boek.

*the his book
'o livro dele'

b. *den zenen boek.

*the his book
'o livro dele'

Já no exemplo em (11), Ihsane (2003, p. 27) mostra que apenas uma das formas – *zyn(en)* – pode ser enfatizada, coordenada ou modificada por possuir traço forte. Na análise da autora, o possessivo forte é uma projeção máxima e se move para o especificador do sintagma determinante (SpecDP) por causa do traço forte, enquanto o possessivo fraco se move para núcleo do determinante (D) por causa do seu traço fraco.

(11) a. ze ziet **ZYN**/*ZEN eus geren en t'eure niet.

she sees HIS house 'gladly' and the-her not

³ Na literatura, diferentes tipologias de possessivos modificadores foram propostas, inclusive as de Cardinaletti (1998) e Schoorlemmer (1998). Todavia, nenhum levou em conta os dados da língua West Flemish, em que a 3ª pessoa do singular apresenta duas variantes de possessivos modificadores: *zenen/zen* e *zynen/zyn* (Ihsane, 2003, p. 24).

'Ela vê a casa dele com prazer e a dela, não'

b. **zyn**/*zen en eur recept.
 his and her recipe
 'A receita dele e dela'

Vemos, ainda, em (11), que a forma *zyn* pode ser usada para ênfase, seja em posição de objeto, como no exemplo em (11a), ou isoladamente, como no exemplo em (11b), contrária à forma fraca *zen*.

Analisando os possessivos determinantes, observamos que o flamengo ocidental possui o paradigma de traços fortes e fracos para variantes possessivas. Entre as duas formas analisadas, *zyn(en)* é a forma com traços fortes enquanto *zen(en)* é a forma com traços fracos.

Já sobre a impossibilidade de possessivos determinantes coocorrerem com artigos, Ihsane (2003, p. 28) explica que os possessivos competem com os artigos pela mesma posição. Essa proposta implica que, no francês, por exemplo, *mon* é uma projeção máxima e é um pronome definido. Assim, o artigo definido *le* e o possessivo *mon*, juntos, tornam a sentença em francês agramatical, como no exemplo em (12a), pois ambos elementos carregam a característica [+DEF]. O mesmo pode ser visto para o exemplo do flamengo ocidental em (13):

(12) Francês

a. * <i>le mon</i> livre.	a'. <i>mon</i> livre.
*the my book	my book
'o meu livro'	'meu livro'

(13) Flamengo ocidental

*den zenen boek.
 * the his book
 'o livro dele'

No caso dessas duas línguas, os possessivos *mon* e *zen(en)*, respectivamente, já possuem características definidas e não precisam dos artigos

definidos *le* e *den*, como dito anteriormente e exemplificado com a gramaticalidade de (12a').

Outro tipo de possessivo apresentado por Ihsane (2003) é o adjetival. Esse segundo tipo de possessivo, abordado pela linguista, permite que o artigo e o possessivo apareçam juntos, pois o traço [+DEF] não é inerente a esses possessivos. Eles aparecem, por exemplo, no italiano, em que os possessivos *mio* e *mia*, em (14), apresentam a mesma flexão dos adjetivos *caro* e *cara*, evidenciando que fazem parte da mesma categoria (Ihsane, 2003, p. 31), por isso é usado o termo possessivos adjetivais.

O exemplo (14a) mostra que o artigo definido *il* pode coocorrer com os possessivos adjetivais em italiano. Além disso, em algumas línguas, sintagmas determinantes (DPs) que contêm possessivos adjetivais podem coocorrer com artigos indefinidos, como em (15), também no italiano (Ihsane, 2003, p. 31):

(14) Italiano

a. *il mio caro* amico. M. SG
 the my dear friend
 'o meu querido amigo'

b. *la mia cara* amica. F. SG
 the my dear friend
 'a minha querida amiga'

(15) Italiano

Un suo amico.
 a/one his friend
 'o/um aluno dele'

Nos exemplos em (14) e (15), é o artigo que determina o valor de definitude do DP, não o elemento possessivo. Isso implica que, ao contrário dos possessivos determinantes, os possessivos adjetivais não são marcados como [+DEF]. Portanto, é justamente porque esse tipo de possessivo não possui a característica [+DEF] que um artigo precisa ser inserido para determinar o valor de definitude do DP. Ou seja,

o artigo e o possessivo não ocupam a mesma posição sintática, podendo, ambos, coocorrerem na sentença.

Sobre os traços fortes e fracos desse tipo de possessivo, Ihsane (2003, p. 32), citando a língua paduan, afirma que os possessivos pré-nominais são possessivos adjetivais fracos, como em (16a), e que os possessivos pós-nominais são possessivos adjetivais fortes, como em (16b).

(16) Paduan

a. el <i>me</i> libro.	a'. *el <i>me</i> .
the my book	the my
'o meu livro'	'o meu'

b. el libro <i>mio</i> .	b'. el <i>mio</i> .
the book my	the my
'um/o livro meu'	'o meu'

Ihsane (2003, p. 33) propõe que os possessivos adjetivais fracos ocorrem com substantivo explícito, como em (16a), enquanto possessivos adjetivais fortes podem ocorrer em contexto de elipse, como em (16b'). A elipse em (16a') é agramatical pelo substantivo não acompanhar o possessivo.

Essa linguista ainda acrescenta que, em algumas línguas, as formas fracas e fortes são homófonas, ou seja, possuem a mesma pronúncia, embora desempenhem funções gramaticais distintas ou apareçam em contextos sintáticos diferentes, como no italiano, em (17):

(17) Italiano

a. <i>il</i> amico <i>suo</i> .
the friend his
'um/o amigo seu'

b. <i>il suo</i> amico.
the his friend
'o seu amigo'

c. Il mio amico mi ha presentato *il suo*.

the my friend to.me has introduced the his

'o meu amigo me apresentou o seu'

Vemos isso em (17), quando *il suo* aparece tanto na forma fraca, como em (17b), quanto na forma forte elíptica, em (17c).

Já o terceiro e último tipo de possessivo que Ihsane (2003, p. 34) apresenta é o possessivo pronominal. Tal qual pronomes pessoais, esse tipo de possessivo não tem complementos. Por exemplo, o possessivo *mine* do inglês não permite a coocorrência com substantivos, como no exemplo em (18a). Além disso, ele também não pode ser precedido por artigos, como em (18b), por provocar a agramaticalidade das sentenças, de modo que essas formas não podem ser possessivos determinantes nem adjetivais (Ihsane, 2003, p. 34):

(18) Inglês

a. **mine* book.

'meu livro'

b. **the mine* / **the mine* book

'o meu' / 'o meu livro'

Os possessivos pronominais devem ser usados isolados, como predicado e em contexto de elipse⁴. Observemos os exemplos retirados de Ihsane (2003, p. 34):

(19) a. Speaker A: Whose book is this? - B: *Hers/Mary's* → **Isolado**

'falante A: de quem é esse livro: B: dela/de Maria'

b. This is *hers/Mary's* → **Predicado**

'isso é dela/de Maria'

c. My friend has introduced *hers* to me → **Elipse**

'meu amigo me apresentou a [Ø] dela'

⁴ As três formas de uso dos possessivos pronominais possuem traços fortes.

Além do inglês, o italiano também apresenta possessivos pronominais:

(20) a. Questo ritratto è *suo*

'this painting is his'

'essa pintura é dele'

b. Speaker A: Di chi è questo libro? – B: *Suo*

'speaker A: whose book is this?' – B: 'his'

'falante A: 'de quem é esse livro?' – B: 'dele'

Isto é, em italiano, o possessivo também pode ser usado como predicado, como no exemplo em (20a), e isolado, como em (20b).

Resumindo a tipologia apresentada por Ihsane (2003), a linguista propõe a divisão dos possessivos em três tipos, são eles: possessivos determinantes, possessivos adjetivais e possessivos pronominais. Os determinantes não coocorrem com artigos, pois já possuem, inerentemente, a característica [+DET], diferente dos possessivos adjetivais, os quais não possuem essa definitude, precisando dos artigos, definidos ou indefinidos, para essa função. Já os possessivos pronominais não permitem a coocorrência com substantivos, além de não serem precedidos por artigos, mas podem ser usados isolados, como predicado e em contexto de elipse.

O Quadro 1 apresenta as principais diferenças entre os três tipos de possessivos:

Quadro 1: Os tipos de possessivos, segundo Ihsane (2003)

DETERMINANTES	ADJETIVAIS	PRONOMINAIS
Não coocorrem com artigos	Necessitam dos artigos	Não são precedidos por artigos e não permitem coocorrência com substantivos
Definitude inerente (+DET) e sempre tem um complemento	Não possuem definitude inerente (-DET)	Podem ser usados isolados, como predicado e elipse

Fonte: Elaboração própria

Após essa exemplificação, averiguaremos, a seguir, como os possessivos do português brasileiro, em especial o possessivo *seu*, se comportam de acordo com essa tipologia.

1.3.1. A tipologia dos pronomes possessivos do português brasileiro

A partir, também, dos conhecimentos anteriores sobre as tipologias dos possessivos, por Perini (2010) e Ihsane (2003), em línguas diversas, esta subseção 1.3.1 tem o objetivo de encontrar, entre as tipologias observadas por esses pesquisadores, quais são as dos possessivos do português brasileiro, principalmente acerca do possessivo *seu*.

Iniciamos, novamente, com os possessivos determinantes – os quais já possuem o traço de definitude, não podem coocorrer com artigos e apresentam complementos. Observamos que, no português brasileiro, um possessivo determinante seria *meu, teu, seu e nosso*:

- (21) a. *Meu* caderno está na mochila.
 b. *Teu* caderno está na mochila.
 c. *Seu* caderno está na mochila.
 d. *Nosso* caderno está na mochila.

Em (21), notamos que os possessivos não estão apresentando artigo, possuindo o traço [+DET], além de permitir complementos na sentença.

Passamos para os possessivos adjetivais – que admitem a presença de artigos na mesma sentença. Assim, notamos que os possessivos sintéticos de Perini (2010), *meu, teu, seu, nosso*, podem não possuir traço [+DEF] inerente, o que permite a presença de artigos definidos antes do possessivo pré-nominal, como em (22a). Todavia, quando o possessivo pré-nominal tem um artigo *indefinido* anterior a ele, a sentença fica agramatical, como em (22b), pois não há traço de definitude na sentença:

- (22) a. **O** *seu* professor
 b. ***um** *seu* professor

Vemos, então, a gramaticalidade do exemplo em (22a) com a presença do artigo definido, adicionando a definitude na sentença, e a agramaticalidade do exemplo em (22b), sentença a qual não possui nenhum traço [+DET]. Todavia, como vimos anteriormente, *seu* também pode aparecer em sentenças sem o artigo, sendo classificado como pronome determinante naquele caso.

Além disso, observamos que o possessivo adjetival, por exemplo o *seu*, pode aparecer, também, na posição pós-nominal, como em (23), que é a contraparte gramatical de (22b):

(23) Um professor *seu*

Assim, podemos relacionar o que foi visto no italiano, por Ihsane (2003, p. 31), com o português brasileiro, em que o artigo *definido* pode acompanhar o possessivo adjetival quando o *seu*, por exemplo, estiver em posição pré-nominal, e o artigo *indefinido* pode acompanhar esse mesmo possessivo quando estiver em posição pós-nominal, visto nos exemplos (22a) e (23), respectivamente. Já o *dele*, possessivo pronominal, só pode aparecer em posição pós-nominal – que é a única posição em que esse possessivo é gramatical, como veremos em breve:

(24) Italiano - <i>seu</i>	Português - <i>seu</i>	Português - <i>dele</i>
a. <i>il suo</i> amico	a'. o <i>seu</i> amigo	a''. -
b. <i>il</i> amico <i>suo</i>	b'. um amigo <i>seu</i>	b''. o amigo <i>dele</i>

Isto é, o possessivo *seu* – um possessivo determinante, quando não acompanha o artigo, e adjetival, quando acompanha o artigo – pode aparecer tanto em posição pré ou pós-nominal e posterior aos artigos definidos e indefinidos, como nos exemplos em (24a'-b'), respectivamente. Isso também ocorre no italiano, como em (24a-b). Já o possessivo pronominal *dele* só pode aparecer em posição pós-nominal, como no exemplo em (24b''). Trataremos da tipologia pronominal a seguir.

Antes, observemos o comportamento dos possessivos pré-nominais em situação de elipse. Em (25a), notamos a ocorrência do artigo com o possessivo e com o sintagma nominal. Se provocarmos a elipse do SN, teremos o exemplo em (25b):

(25) O *seu* professor montou o calendário, mas o *meu* professor não.

a. o *seu* **professor** montou o calendário.

b. mas o *meu* [~~professor~~]⁵ não.

Ou seja, em (25b), se houver a elipse do SN, a presença do artigo definido e do possessivo, juntos, mantém a sentença gramatical, que seria um indício de que os possessivos *meu*, *teu*, *seu* e *nosso* são adjetivais em contextos de elipse.

Agora, abordaremos os possessivos pronominais no português brasileiro. Por eles serem pronomes, não possuem complementos e o que garante a gramaticalidade da sentença é o uso do possessivo pronominal como isolado, predicado:

(26) a. A: Esse livro é de quem? – B: *Seu/Dela*. → **Isolado**

b. Isso é *seu/deles*. → **Predicado**

Em (26), vemos, então, que o possessivo *seu* se encaixa, também, como possessivo pronominal, assim como *dele*. Ou seja, o *seu* é obrigatoriamente adjetival em contextos de elipse, mas pode ser pronominal em outros contextos, como vimos nos exemplos em (26).

Vemos que os possessivos pré-nominais têm uma classificação bastante diferente dos possessivos pós-nominais *dele* e *de vocês*.

Os possessivos *dele* e *de vocês* não podem coocorrer com artigos e já possuem uma definitude inerente [+DET], todavia, esses possessivos não podem ter complementos:

(27) a. **dele caderno*.

b. **de vocês caderno*.

Isto é, esses pronomes só podem ser, na verdade, possessivos pronominais. No português brasileiro, os possessivos determinantes são possessivos como *meu*, *teu*, *seu*, *nosso* e o extinto *vosso*. Os possessivos adjetivais permitem a

⁵ A elipse, nesta pesquisa, será ilustrada por meio do termo tachado.

coocorrência de artigos definidos junto a eles nas sentenças, também como *meu*, *teu*, *seu*, *nosso* e o extinto *vosso*. Além disso, o *seu*, foco do estudo, também pode ser um possessivo pronominal quando usado como predicado ou em caso isolado. Em contextos de elipse, *meu*, *teu*, *seu*, *nosso* e outros são possessivos adjetivais.

Notamos, assim, que os possessivos pronominais podem ser determinantes, adjetivais e pronominais, mas não os três tipos ao mesmo tempo. Isso porque os possessivos pertencem a cada tipo em contextos específicos e diferentes, como podemos ver no Quadro 2:

Quadro 2: Os tipos de possessivos de Ihsane (2003) para o português brasileiro

DETERMINANTES	ADJETIVAIS	PRONOMINAIS
Não coocorrem com artigos	Necessitam dos artigos	Não são precedidos por artigos e não permitem coocorrência com substantivos
Definitude inerente (+DET) e permite complementos	Não possuem definitude inerente (-DET)	Podem ser usados isolados, como predicado
' <i>Meu/Teu/Seu/Nosso</i> caderno de Sintaxe'	'Eu li o <i>meu/teu/seu/nosso</i> artigo'	A: 'De quem é esse artigo?' B: ' <i>Meu/Teu/Seu/Nosso/D ele</i> '

Fonte: Elaboração própria

A partir do quadro acima, observamos que *seu* é considerado um possessivo determinante no contexto em que não coocorre com artigos, por já possuir definitude inerente, e ao permitir complementos na sentença. Esse mesmo pronome é adjetival quando está em um contexto que necessita do artigo definido, por esse pronome não possuir definitude inerente na sentença nesse caso e é obrigatoriamente adjetival em contextos de elipse. E o *seu* ainda pode ser pronominal no contexto em que não é precedido por artigos e não permite coocorrência com substantivos e com complementos, podendo ser usado isolado, como predicado.

Com esse conhecimento acerca da tipologia dos possessivos, sabendo onde o pronome em foco desta pesquisa se encaixa e quais as características os

possessivos determinantes, adjetivais e pronominais toleram/precisam ou não, vamos nos aprofundar nas especificidades sintáticas dos possessivos, focando nos pronomes possessivos das 2ª e 3ª pessoas. Buscaremos detalhar, também, as distribuições no quadro pronominal brasileiro e os usos desses pronomes para essas pessoas gramaticais.

1.4. O sistema de pronomes possessivos do português brasileiro

Compreendendo a tipologia dos possessivos vistos anteriormente e focando no português brasileiro, apresentaremos, a seguir, os principais atributos do pronome possessivo *seu* para as 2ª e 3ª pessoas, que é o objeto de estudo desta pesquisa.

Em termos diacrônicos, cada pronome pessoal teria um pronome possessivo correspondente, como é mostrado no quadro abaixo com *eu* e *meu*, *tu* e *teu* e *nós* e *nosso*:

Quadro 3: Relação entre os pronomes pessoais e os pronomes possessivos

	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
singular	Eu → Meu	Tu → teu Você → Seu	Ele → Seu
plural	Nós → Nosso	Vós → Vosso Vocês → Seus	Eles → Seus

Fonte: Elaboração própria

Todavia, em termos sincrônicos, essa correspondência não é unívoca, como também podemos ver no Quadro 3, em que há um pareamento entre o pronome possessivo *seu* e as 2ª e 3ª pessoas gramaticais, mostrando que a relação de correspondência entre pronome pessoal e pronome possessivo não é direta.

Isso ocorre pois o português brasileiro passou, e passa, por um processo de reestruturação pronominal. Por exemplo, o pronome pessoal *você*, que é de 2ª pessoa, possui morfologia de 3ª pessoa e relaciona-se com o possessivo *seu*:

(28) **Você** escreveu o *seu* livro.

Isto é, a referência do sujeito é o receptor da mensagem quando o pronome *você* é usado, portanto, se trata da 2ª pessoa do discurso, mas percebemos que esse pronome é morfossintaticamente especificado para a 3ª pessoa, dada a flexão do verbo.

Com o uso do pronome *seu* para a 2ª pessoa, era esperado que os falantes desenvolvessem um novo pronome possessivo correspondente ao pronome pessoal de 3ª pessoa, *ele*, para que houvesse uma outra opção além da utilização do possessivo *seu*.

Segundo Menon (1995, p. 102), essa nova forma ocorre “adotando como possessivas as formas compostas da preposição de + os pronomes pessoais sujeito de 3ª pessoa: *dele(s)/dela(s)*”, apesar do pronome *ele* e suas flexões não ocorrerem somente como sujeitos.

Isso é visto no Quadro 4, que atualiza o nosso Quadro 3, em que são apresentados os pronomes pessoais sujeito (PSUJ), pronomes pessoais na função de objeto direto (POBJ.DIR.), pronomes pessoais na função de objeto indireto (POBJ.IND.), pronomes pessoais na função de objeto preposicionado (POBJ.PREP.) e os pronomes possessivos (PPOS), respectivamente:

Quadro 4: Sistema pronominal de pessoas do português brasileiro

PES	PSUJ	POBJ. DIR.	POBJ. IND.	POBJ. PREP.	PPOS
1ª S.	eu	me	me	mim	meu, minha
2ª S.	tu, você	te, lhe, se	te, lhe, se	vocês, ti	teu, tua, seu , sua
3ª S.	ele, ela	ele, ela	ele, ela, lhe	ele, ela, si	seu, sua, dele, dela
1ª P.	nós a gente	nos a gente	nos a gente	nós a gente	nosso, nossa da gente

2ª P.	vocês	vocês, lhes, se	vocês, lhes, se	vocês	seus, suas, de vocês
3ª P.	eles, elas	eles, elas	eles, elas, lhes	eles, elas, si	seus, suas, deles, delas

Fonte: Menon (1995, p. 93). Adaptado com a inserção de 'a gente'/'da gente' na 1ª pessoa do plural.

Concordando com o quadro de Menon (1995), a partir da flexibilização do possessivo *seu*, devido à entrada do pronome *você* no quadro pronominal brasileiro, não é simples decidir quando o *seu* é usado para a 2ª pessoa e quando é para a 3ª pessoa. Podemos dizer, então, que esse pronome é compatível com pelo menos duas especificações, fato que trataremos mais adiante.

Cabe ressaltar que esse pronome possessivo passou a ser mais usado para a 2ª pessoa do que para a 3ª pessoa em linguagem coloquial e *dele* passou a ser usado para a 3ª pessoa, como já foi pesquisado por Lopes e Rumeu (2007). No entanto, embora haja uma mudança perceptível, as pessoas, de modo geral, ainda utilizam o *seu* para 3ª pessoa ou possuem intuições linguísticas compatíveis com esse uso, que parecem indicar que a especialização desse pronome possessivo ainda está em curso. Discutiremos mais sobre o uso de *seu* para a 3ª pessoa no capítulo 3.

1.5. Um recorte sociolinguístico sobre os pronomes possessivos de 2ª e 3ª pessoas

Uma gama de linguistas, como Perini (1985), Kato (1985), Menon (1995), Abraçado (2000), Cerqueira (1996), Muller (1997) e Lopes e Guedes (2020), pesquisaram e pesquisam os pronomes possessivos de 2ª e 3ª pessoas, relacionando-os com as pessoas gramaticais do português brasileiro⁶. Como foi apresentado nesta pesquisa, empreenderemos o estudo formal do pronome

⁶ Além disso, outros pesquisadores se dedicaram aos estudos de perspectivas históricas e sociolinguísticas, como Torres Morais e Ribeiro (2014); Silva (2016) e Soares (1999), respectivamente.

possessivo *seu*, e, pontualmente, *dele*, objetivando descrever e explicar como esses pronomes são organizados no sistema pronominal do falante.

Retomando a relação entre pronomes possessivos e pessoais vista na seção anterior, Menon (1995, p. 92) diz que “[...] os pronomes possessivos (doravante PPOS) são associados intimamente aos pronomes pessoais (doravante PSUJ)”, isto é, os pronomes possessivos têm uma correspondência com a 1ª, a 2ª ou a 3ª pessoa do singular ou do plural no estudo diacrônico.

Nota-se, além dessa relação de posse, que os pronomes possessivos são formas que acompanham o nome. No português, eles podem se distribuir com correspondência parcial, ou seja, um pronome possessivo pode ser usado para mais de uma pessoa gramatical, sincronicamente.

Reforçando o que já foi visto, o pronome *seu* – e suas flexões – pode ser usado para as 2ª e 3ª pessoas, como podemos verificar nos exemplos do Quadro 5:

Quadro 5: Distribuição dos pronomes possessivos e a relação de posse

	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
singular	Meu artigo	Seu artigo	Seu artigo
plural	Nosso artigo	Seus artigos	Seus artigos

Fonte: Elaboração própria

A partir desse ponto, é necessário começar a detalhar a influência dos pronomes pessoais no comportamento dúbio do pronome possessivo *seu*, particularmente *você* e *e/e*. Começando pela propagação de *você*, Menon (1995) afirma que

no Brasil, diferentemente de Portugal, a forma *você(s)* passou a ser a forma de tratamento íntimo em quase todo o país, provavelmente em decorrência do uso, desde o início da colonização, de formas variantes de *Vossa Mercê* para o tratamento da segunda pessoa (Menon, 1995, p. 95).

A partir de estudos da sociolinguística, como Lopes e Rumeu (2007), observamos a migração do possessivo *seu* de 3ª pessoa – que acompanhava o pronome pessoal *e/e*, como no exemplo (29a) – para o paradigma de 2ª pessoa –

que tinha *teu* como forma possessiva de *tu*, como no exemplo (29b) (Lopes; Rumeu, 2007, p. 02):

- (29) a. **Ele** recebeu a *sua* bolsa CAPES.
 b. **Tu** recebeu a *tua* bolsa CAPES.

Por meio de mudanças pronominais que serão citadas a seguir, vimos, na seção anterior, o uso de *seu* para a 2ª pessoa, como no exemplo em (30a), e observamos, também, o uso de *tua* para a 2ª pessoa juntamente com o pronome pessoal *você*, como em (30b):

- (30) a. **Você** recebeu a *sua* bolsa.
 b. **Você** recebeu a *tua* bolsa.

Lopes e Rumeu (2007, p. 02) defendem que o que motivou essa mudança de *seu* de 3ª pessoa para a 2ª pessoa foi a inserção de *você* no quadro pronominal brasileiro, que criou repercussões gramaticais na língua. O pronome *você* deriva da forma nominal *Vossa Mercê* que flexiona o verbo para a 3ª pessoa do singular, o que acarretou um rearranjo no sistema pronominal com a fusão do paradigma de 2ª com o de 3ª pessoa do singular – *você vai / ele vai* – e com a eliminação do paradigma de 2ª pessoa do plural – *vós*.

As pesquisadoras citam estudos que mostram que a combinação de *você* com formas de 2ª pessoa já era comum em fins do século XIX. Em cartas do Paraná, escritas em 1888, e no Rio de Janeiro, também no século XIX, são localizados indícios da “mistura de tratamento”, ainda repudiada no século XX pelos manuais escolares (Lopes; Rumeu, 2007. p. 12).

Assim, novas possibilidades combinatórias tornaram-se usuais, por exemplo, *você* com *te*, *lhe*, *teu* e *seu*, e *vocês* com *lhes*, *teus*, *seus* e *de vocês*. Para o nosso estudo, observamos como essas alterações afetaram os pronomes possessivos.

Com a migração do possessivo *seu* de 3ª pessoa para o paradigma de 2ª pessoa, ocasionada também pela inserção de *você* no sistema, a forma *dele* tem se tornado cada vez mais frequente como estratégia “possessiva” de 3ª pessoa para evitar que o possessivo *seu* atenda às 2ª e 3ª pessoas (Lopes e Rumeu, 2007, p. 01).

Assim como também vimos em Menon (1995), e veremos em Marcotulio (2012), o *você* surgiu do processo de gramaticalização do pronome de tratamento *Vossa Mercê*, como representado no exemplo em (31):

(31) *Vossa Mercê* → *Vosmecê* → *Você*.

Quanto a esse pronome de tratamento, iniciaremos um outro recorte sociolinguístico pontual a respeito da forma *Vossa Mercê* para contextualizar essa discussão, a qual se estenderá à seção 3.6., sendo uma importante base para a nossa análise do pronome possessivo *seu*.

Segundo Marcotulio (2012, p. 06) há duas hipóteses para o surgimento de *Vossa Mercê*. A primeira, citando Brown e Gilman (1960), apresenta a fragmentação do Império Romano a dois imperadores romanos, de modo que a primeira hipótese para a criação de uma nova forma de cortesia é relacionada a eles. Com o objetivo de incluir o outro imperador no discurso, para evitar divergência de ordens, um imperador se tratava por *Nos* e, em resposta a essa forma, o povo começou a utilizar a forma *Vos*, ainda que para somente um interlocutor, e sem excluir o outro imperador.

A segunda hipótese é o inverso dessa primeira:

A iniciativa teria vindo do povo, que começa a tratar o imperador por *Vos* e este, em resposta, se trata por *Nos*. A nova forma, com paradigma verbal e pronominal da 2ª pessoa do plural, era utilizada para somente um interlocutor, com conteúdo semântico-pragmático de cortesia e distanciamento, associado à figura de maior prestígio na sociedade romana (Marcotulio, 2012, p. 06).

Marcotulio (2012) ainda diz que, de acordo com Luz (1958), a forma de cortesia *Vos*, no entanto, começou a ser utilizada cada vez mais para camadas menos nobres e, como consequência, a forma cortês *Vos* perdeu traços semântico-pragmáticos de cortesia.

Essa forma *Vos* já não transmitia o respeito e a cortesia que a figura do rei demandava. Surge, assim, a necessidade de criação de uma nova forma de cortesia para ele, nascendo a forma *Vossa Mercê*.

Observamos, então, que *Vossa Mercê* surgiu para substituir *Vos* assim como *Vossa Mercê* foi substituído por *Vossa Alteza* por aquela ter sido uma forma disseminada e usada pelas camadas populares na época da monarquia de Portugal.

Uso esse que provocou o surgimento de *você* por meio da gramaticalização de *Vossa Mercê*, o que retoma o que foi visto em (31) acima.

Então, fechando essa discussão, a entrada de *você* no quadro pronominal brasileiro influenciou o processo de compartilhamento do pronome possessivo *seu* entre as 2ª e 3ª pessoas gramaticais, como podemos ver nos exemplos em (32a-b).

(32) a. **Você** pegou o *seu* caderno?

b. **Ele** pegou o *seu* caderno?

Em resumo, esse pronome surgiu a partir da substituição de *Vossa Mercê* para *Vossa Alteza* destinado à realeza, no final do século XV e início do XVI, pois a forma *Vossa Mercê* começou a ser usada pelos plebeus e o rei solicitava de um novo e exclusivo tratamento. O fato de *Vossa Mercê* ter deixado de ser usada para se referir a monarcas e ter passado a ser usada para referir a pessoas em geral foi o que impulsionou a gramaticalização desse sintagma nominal em pronome, representada no exemplo em (33), que adiciona mais formas condensadas, como *ocê* e *cê*, típicas da língua falada.

(33) *Vossa Mercê* → *Vosmecê* → *Você* → *Ocê* → *Cê*

O que se observa no exemplo acima é uma intensa mudança morfológica, fonética e sintática diretamente proporcional à popularização desse pronome, de maneira que ele foi perdendo material fonético e sintático, dando origem à formação do pronome *você* e das formas *ocê* e *cê*, as quais são mais típicas em Minas Gerais.

Podemos notar, também, o uso de pronomes de referência pessoal de 2ª pessoa junto com o possessivo *seu*. Isso ocorre pela difusão, no Brasil, do emprego de *você* ao invés de *tu* referente ao interlocutor (Neves, 2000, p. 473):

(34) Queremos **te** conhecer, lemos coisas *suas*.

2p.

2p.

(35) **Você** nunca pediu a *sua* professora para **te** levar até a sala?

2p.

2p.

2p.

Além do pronome possessivo *seu* poder se relacionar com duas formas da 2ª pessoa – *você* e *tu* – como exemplificado acima, também observaremos dois

pronomes possessivos – *seu* e *dele* – que podem se referir a apenas uma pessoa gramatical – a 3ª pessoa.

Resumindo isso, a perda de espaço do pronome *tu* em alguns dialetos ocorre pelo uso constante de *você*, que está cada vez mais sendo usado pelas pessoas. Isso influenciou, também, a distribuição dos pronomes possessivos na 2ª pessoa, iniciando o processo de dois pronomes pessoais – *você* e *ele* – terem o mesmo pronome possessivo – *seu*.

Nesta seção, apresentamos a distribuição dos possessivos no sistema pronominal e como o possessivo *seu* faz parte das 2ª e 3ª pessoas gramaticais. Abordamos, também, aspectos sociolinguísticos sobre *Vossa Mercê* e *você*, além da introdução desse pronome no quadro pronominal brasileiro.

1.6. Conclusão

Este capítulo 1 apresentou as características básicas dos pronomes, como a relação entre possuidor e possuído e as referências de pessoas do possessivo *seu*. Iniciamos, assim, a discussão sobre o uso do possessivo *seu* para as 2ª e 3ª pessoas gramaticais no português brasileiro.

Focando nos possessivos em estudo, passamos para as tipologias de possessivos apresentadas por Perini (2010) e por Ihsane (2003). O primeiro pesquisador nomeou os possessivos como possessivos sintéticos, como *meu*, *teu*, *seu*, *nosso*, e possessivos analíticos, como *dele* e *de vocês*. Enquanto o primeiro grupo pode aparecer antes ou depois do SN, o segundo grupo se comporta como sintagmas preposicionados, aparecendo depois do núcleo do SN.

Ihsane (2003) definiu os possessivos como determinantes, adjetivais ou pronominais. Os determinantes não podem ser coocorrentes com artigos, por já possuírem o traço inerente [+DET], e não permitem complementos. Eles são diferentes dos possessivos adjetivais, os quais não possuem essa definitude, precisando dos artigos para essa função. Já os possessivos pronominais não permitem a coocorrência com substantivos, além de não serem precedidos por artigos, mas podem ser usados isolados, como predicado.

Sobre essas tipologias de Perini (2010) e Ihsane (2003) e focando nos pronomes possessivos do objeto de estudo, nós observamos que *seu* é considerado um possessivo sintético determinante, adjetival e pronominal, mas não ao mesmo

tempo, pois cada tipo de possessivo demanda um contexto diferente de uso; enquanto *dele* é um pronome analítico pronominal. Simplificamos essa explicação com o Quadro 6:

Quadro 6: Nomenclaturas de *seu* e *dele*, segundo Perini (2010) e Ihsane (2003)

	Seu	Dele
Perini (1985)	Possessivo sintético	Possessivo analítico
Ihsane (2003)	Possessivo determinante, adjetival e pronominal	Possessivo pronominal

Fonte: Elaboração própria

Após a definição do que é pronome e a partir do conhecimento sobre os tipos de possessivos, começamos a discutir a compatibilidade do possessivo *seu* com mais de uma pessoa gramatical, isto é, com as 2ª e 3ª pessoas gramaticais, além da entrada de *dele* para a 3ª pessoa. Observamos que *seu* passou a ser mais usado para a 2ª pessoa do que para a 3ª pessoa em linguagem coloquial e *dele* passou a ser usado para a 3ª pessoa. No entanto, as pessoas, de modo geral, ainda utilizam o *seu* para a 3ª pessoa, o que indica que a especialização desse pronome possessivo ainda está em andamento e que também será analisada nesta pesquisa.

Com essa noção da compatibilidade do possessivo *seu* com as 2ª e 3ª pessoas gramaticais, apresentamos, também, a distribuição dos possessivos no quadro pronominal brasileiro, além de abordarmos aspectos sociolinguísticos sobre *Vossa Mercê* e *você* e a introdução desse pronome possessivo nesse quadro pronominal.

No próximo capítulo, apresentaremos as análises de pesquisadores como Perini (1985), Kato (1985), Muller (1997) e Lopes e Guedes (2020) acerca deste assunto, mostrando em que baseiam as suas pesquisas, comparando-as entre elas e com os nossos posicionamentos.

CAPÍTULO 2

AS NOÇÕES DE COMPARTILHAMENTO DO PRONOME POSSESSIVO *SEU* PARA AS 2ª E 3ª PESSOAS E *DELE* PARA A 3ª PESSOA GRAMATICAL

2.1. Introdução

Este capítulo aborda os posicionamentos de alguns linguistas, como Perini (1985), Kato (1985), Muller (1997) e Lopes e Guedes (2020), sobre as especificações de *seu* para as 2ª e 3ª pessoas e *dele* para a 3ª pessoa e como os fatos empíricos levantados por esses linguistas podem ser usados em uma abordagem teórica para a distribuição de *seu* para as 2ª e 3ª pessoas.

Este capítulo está organizado por esta seção introdutória e mais quatro seções. Na seção 2.2., apresentamos o posicionamento de Perini (1985) acerca da distribuição dos pronomes possessivos de 2ª e 3ª pessoa, discutindo sobre os sistemas pronominais padrão e coloquial e suas diferenças em relação aos possessivos dessas duas pessoas do discurso. Esse pesquisador aborda, também, uma ambiguidade percebida no possessivo *seu* e comenta a entrada do possessivo *dele* para a 3ª pessoa, mostrando como isso impacta o sistema pronominal brasileiro.

Na seção 2.3., Kato (1985) apresenta as suas divergências com Perini (1985) quanto ao uso do pronome possessivo *seu*. Essa pesquisadora defende que as restrições do possessivo *seu* dependem de um filtro pragmático, além de discutir qual o possessivo para a 2ª pessoa em sentenças, o pronome possessivo *seu* ou a versão analítica *de você*.

Na seção 2.4., abordamos o trabalho de Muller (1997) sobre as especificidades de distribuição dos pronomes possessivos *seu* e *dele* para a 3ª pessoa. Essa linguista detalha os tipos de antecedentes de cada possessivo e a relação entre os pronomes possessivos e os sintagmas nominais. Os trabalhos de Abraçado (2000) e Menuzzi (2003) são também levados em conta para detalhar os contextos em que *seu* tem um antecedente de 3ª pessoa.

Na seção 2.5., Lopes e Guedes (2020) apresentam os argumentos sobre como a natureza e a animacidade dos antecedentes nominais indicam o uso de *seu* ou *dele* para a 3ª pessoa. Elas são as únicas, nesta pesquisa, que apresentam um

estudo sobre como a animacidade dos antecedentes podem definir quando usar *seu* ou *dele* para a 3ª pessoa.

2.2. Os pronomes possessivos de 2ª e 3ª pessoas nos sistemas pronominais brasileiros e a ambiguidade do possessivo *seu*, segundo Perini (1985)

Perini (1985, p. 04), em sua pesquisa sobre os pronomes possessivos de 2ª e 3ª pessoas do português brasileiro, descreveu a variedade formal da língua uniforme em todo o Brasil e o sistema pronominal coloquial do português da parte central do país, como o sudeste. O sistema de possessivos no português padrão, observado por Perini (1985, p. 04), é o seguinte:

Quadro 1: Sistema de possessivos no português padrão

	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
singular	meu	seu	seu
plural	nosso	seu	seu

Fonte: Perini (1985, p. 04)

Como visto acima no português padrão, que também pode ser definido como português escrito formal ou variedade formal, o pronome possessivo *seu* pode corresponder aos pronomes de 2ª pessoa – *você, vocês* – ou aos de 3ª pessoa – *ele, eles* –, mostrando como esse possessivo é ambíguo para Perini (1985, p. 04).

Para exemplificar esse sentido duplo de *seu* no português escrito formal, observado por esse pesquisador, veja (1a) e (1b):

(1) a. A Joana emprestou a *sua* gramática para a Joaquina → 2ª pessoa

(a gramática é do ouvinte)

b. A Joana emprestou a *sua* gramática para a Joaquina → 3ª pessoa

(a gramática é da Joana)

Ou seja, em (1a), o objeto possuído (*gramática*) é do ouvinte, enquanto, em (1b), o objeto possuído é da própria Joana.

A partir do uso do pronome possessivo *seu*, como visto nos exemplos, Perini (1985) afirma que:

o pronome *seu* é ambíguo, podendo corresponder a qualquer dos pronomes *você*, *vocês*, *ele* ou *eles*. Essa é a situação comumente encontrada no português escrito formal. Naturalmente, os autores costumam achar meios de manipular o contexto de modo a manter a ambiguidade sob controle. Mas permanece o fato de que o sistema, em si, inclui ambiguidade (Perini, 1985, p. 05).

Isso quer dizer que, na variedade padrão, o possessivo *seu* é compartilhado, seja no singular ou no plural, para as 2ª e 3ª pessoas gramaticais, que o torna ambíguo, como apresenta Perini (1985). Essa ambiguidade acontece pois não sabemos o contexto das sentenças para identificar se o referente é *você*, *vocês*, *ele* ou *eles*.

Já no português coloquial, esse pesquisador defende a substituição de *seu* por *dele* na 3ª pessoa. Isso porque, para Perini (1985, p. 5), o *seu* é especializado apenas para a 2ª pessoa do singular, ou seja, um sintagma como *seu pai* significa o pai da pessoa designada como *você*, o ouvinte, e não o pai da(s) pessoa(s) designada(s) como *ele*, *eles* ou *vocês*.

Com essa mudança, segundo ele, a língua coloquial livrou-se da ambiguidade de *seu* e as partes faltantes no quadro foram preenchidas por sintagmas possessivos da forma *de + nome (N)*: *pai dele*, *pai deles*, *pai de vocês* (Perini, 1985, p. 05). Isso é visto no Quadro 2:

Quadro 2: Sistema de possessivos no português coloquial

	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
singular	meu	seu	dele
plural	nosso	de vocês	deles

Fonte: Perini (1985, p. 05)

Então, diferentemente do sistema de possessivos padrão, que compartilha *seu(s)* para as 2ª e 3ª pessoas do singular e plural e induz uma ambiguidade (Quadro 1), o sistema de possessivos coloquial (Quadro 2) apresenta *seu* apenas

para a 2ª pessoa do singular e *de vocês* como a forma da 2ª pessoa do plural, além de *dele* e *deles* para as 3ª pessoas do singular e do plural, respectivamente.

Para esse linguista, isso acontece no português coloquial, pois, quando o possuidor é designado por um substantivo ou por qualquer SN não pronominal, só é possível a construção *N de N*:

(2) **A Maria** deu a bolsa *dela* para o João.

Em (2), a possuidora *Maria* é designada pelo nome próprio, de maneira que a sentença acima apresenta a construção possessiva *dela*.

Todavia, quando o possuidor é designado por um pronome pessoal, as formas são misturadas: usa-se uma construção com pronome possessivo para a 1ª pessoa do singular (*meu*), 2ª pessoa do singular (*seu*) ou 1ª pessoa do plural (*nosso*) e usa-se uma construção *N de N* para a 2ª pessoa do plural (*de vocês*), 3ª pessoa do singular (*dele*) ou 3ª pessoa do plural (*deles*) (Perini, 1985, p. 06):

(3) **Eu** comprei o *meu* caderno e a caneta *de vocês*.

Em (3), o possuidor é designado pelo pronome pessoal *eu*, e vemos as formas misturadas de 1ª pessoa do singular junto com a 2ª pessoa do plural.

Para o caso particular das construções possessivas, a língua procura evitar formas ambíguas como vimos que acontece com o possessivo *seu*, e, para isso, Perini (1985, p. 07) cria um princípio que parece funcionar para o sistema de possessivos do português coloquial:

- Princípio Um (primeira versão): “Dentro do sistema de possessivos, formas ambíguas devem ser evitadas” (Perini, 1985, p. 07).

Perini (1985, p. 08) observa que esse princípio não resulta em uma substituição de todos os pronomes possessivos por construções *de + N*. Isso porque parece que o uso dessas construções é específico, de modo que as formas não ambíguas, como *meu* e *nosso*, não são e não podem ser substituídas por *de + N*: **pai de mim*, **pai de nós*, que são agramaticais, fato que será retomado mais adiante. Perini (1985, p. 08) ainda diz que, por conta da ambiguidade, “*seu* não é

simplesmente descartado, mas mantido em um de seus significados (forma possessiva de *você*)”. Tudo isso leva ao segundo princípio proposto por ele:

- Princípio Dois: “Quando um sistema é alterado para atender ao Princípio Um, só se admitem alterações mínimas” (Perini, 1985, p. 08).

Uma característica interessante observada por Perini (1985, p. 08) sobre esse segundo princípio é que ele atua contra a simetria estrutural, uma das influenciadoras da mudança diacrônica. Por exemplo, enquanto o possessivo *meu* possui uma simetria com o pronome reto *eu*, a forma possessiva *seu* é assimétrica a *você* – pronome de 2ª pessoa do singular em que o possessivo *seu* passa a se referir –, sendo essa uma alteração mínima para evitar a ambiguidade desse possessivo.

Resumindo os dois princípios, para Perini (1985, p. 08), o Princípio Um representa as exigências da comunicação, forçando o sistema a adaptar-se, enquanto o Princípio Dois assegura a inércia do sistema, resistindo a uma mudança drástica. Realizar uma alteração adicional para a 2ª pessoa do singular ter uma forma possessiva simétrica ao pronome *você* em vez de *seu* violaria o Princípio Dois.

Além disso, podemos observar que a ambiguidade discutida anteriormente sobre o possessivo *seu* também pode ser observada em outros sistemas, como vamos apresentar adiante. Perini (1985, p. 09) adiciona o caso da Supressão de Sujeito Pronominal (SSP) quando o sujeito não é expresso em sentenças, como em (4):

(4) a. **Eu** gosto de estudar Linguística.

b. Gosto de estudar Linguística.

Ou seja, o sujeito *eu*, de (4a), pode ser omitido em (4b), pois essa supressão de sujeito não altera a interpretação da sentença e não gera ruídos na comunicação.

Todavia, nem sempre a SSP pode ser usada, por exemplo, quando o sujeito é de 3ª pessoa:

(5) a. **Ele** gosta de estudar Linguística.

b. **gosta* de estudar Linguística.

A explicação para essa restrição do uso da SSP é feita também pelo Princípio Um, isto é, a ambiguidade deve ser evitada. Assim, em (5b), seria difícil recuperar a pessoa gramatical da sentença: quem gosta de estudar Linguística poderia ser a 2ª pessoa do singular ou a 3ª pessoa do singular. Isso é exemplificado em (6):

(6) a. **Você** *gosta* de estudar Linguística.

b. **Ele** *gosta* de estudar Linguística.

c. **gosta* de estudar Linguística. → 2ª ou 3ª pessoa?

Com isso, vemos que o sincretismo formal entre as 2ª e 3ª pessoas vai além dos pronomes possessivos.

Além disso, a SSP também é bloqueada quando, por exemplo, a 1ª pessoa, a 2ª pessoa e a 3ª pessoa do singular são fonologicamente idênticas no verbo:

(7) a. **Eu** *gostava* de estudar Linguística.

b. **Você** *gostava* de estudar Linguística.

c. **Ele** *gostava* de estudar Linguística.

d. **gostava* de estudar Linguística. → 1ª, 2ª ou 3ª pessoa?

Isto é, em (7), o verbo *gostar*, no pretérito imperfeito do indicativo, tem a mesma conjugação para a 1ª pessoa, como em (7a), para a 2ª pessoa, como em (7b), e para a 3ª pessoa, como em (7c). Assim, a supressão do sujeito, em (7d), é rejeitada, pois a sentença se torna ambígua. Como sabemos, esses são um dos contextos de sujeito obrigatório, já que o português brasileiro é uma língua de sujeito nulo parcial.

Assim, Perini (1985, p. 12) apresenta que, para adicionar a SSP no Princípio Um, seria necessário reformulá-lo, pois inicialmente ele era aplicável dentro do sistema dos possessivos, mas, como vimos anteriormente, esse princípio não se limita a essa categoria, podendo, também, funcionar no sistema verbal.

Esses exemplos observados têm em comum a possibilidade de ambiguidade no âmbito das pessoas gramaticais: *seu* pode ser usado para as 2ª e 3ª pessoas, e *gostava*, como aparece nos exemplos acima, pode indicar um sujeito de 1ª, 2ª ou 3ª

pessoa (*eu gostava, você gostava, ele gostava*). Assim, o Princípio Um foi reformulado:

- Princípio Um (revisto): “A ambiguidade deve ser evitada sempre que impedir recuperação da pessoa gramatical” (Perini, 1985, p. 12).

Tendo esse princípio em mente, podemos voltar ao exemplo (1) renumerado, agora, como (8):

(8) A Joana emprestou a *sua* gramática para a Joaquina.

Como foi visto, para Perini, essa ambiguidade observada no português escrito formal ocorre devido ao uso do pronome *seu* para as 2ª e 3ª pessoas gramaticais, isto é, há uma dificuldade em identificar e recuperar a pessoa gramatical referente. A partir do Princípio Um reformulado, esse possessivo começa a ser direcionado a apenas uma pessoa, que é a 2ª pessoa do singular.

Perini defende que *eu* e *nós* seriam os únicos pronomes retos a flexionarem as formas possessivas correspondentes *meu* e *nosso*, mostrados em (9a-b), de modo que os outros pronomes, como dito anteriormente, seriam contra a simetria estrutural entre pronomes possessivos e pessoais, como *você*, em (9c):

- (9) a. **Eu** vi os **meus** pontos no processo seletivo da pós.
 b. **Nós** vimos os **nostros** pontos no processo seletivo da pós.
 c. **Você** viu **seus** pontos no processo seletivo da pós.

Então, o pesquisador diz que o pronome *seu* e suas flexões se especializam para a 2ª pessoa, além da forma substitutiva *dele* ter começado a entrar para a 3ª pessoa⁷. Para evidenciar a posse, sem a ambiguidade, foi necessário substituir o *seu* de 3ª pessoa por um novo sintagma possessivo da forma *de + N*, de modo que uma sentença com o possessivo para a 3ª pessoa seria como em (10):

(10) **Luiz** viu os pontos *dele* no processo seletivo da pós.

Assim, acrescentamos correspondências ao paradigma de Perini (1985) ao dizer que a regra de formação de possessivos inclui a marcação do pronome reto

⁷ Torres Morais e Ribeiro (2014) abordam a forma *dele* já no português arcaico.

ele com a correspondência possessiva *dele*. Todavia, apesar de haver uma correspondência, *dele* não é uma flexão de *ele* da mesma forma que *eu* e *meu* e *nós* e *nosso* são flexões, como vemos em (11):

(11) eu → meu você → seu **ele** → **dele** nós → nosso **eles** → **deles**

Como dito anteriormente, com a entrada do possessivo *dele* no quadro pronominal brasileiro coloquial, Perini (1985), então, defende a substituição de *seu* na 3ª pessoa por essa nova forma, o que evita a ambiguidade na recuperação da pessoa gramatical de 2ª ou 3ª pessoa. Concordamos com esse pesquisador sobre a substituição cada vez maior de *seu* por *dele* para a 3ª pessoa, mas há circunstâncias – que serão detalhadas em outras seções – em que o uso de *seu* para a 3ª pessoa é mais comum, como em um contexto de ligação de variáveis que vemos em (12):

(12) **Todo** linguista tem a *sua* pesquisa.

No exemplo (12), o sintagma encabeçado pelo possessivo *seu* é ligado pelo SN encabeçado pelo quantificador *todo* e a sentença permanece gramatical e sem ambiguidade. Nesse contexto, o possessivo está na 3ª pessoa e é interpretado no contexto como uma variável ligada. Esses termos serão mais detalhados no capítulo 3.

Perini (1985, p. 05) ainda tece algumas considerações sobre a concordância das formas possessivas em estudo. Em termos de concordância de gênero, esse pesquisador observa uma diferença entre as formas, de modo que os possessivos sintéticos concordam com o gênero e número do nome, núcleo do sintagma nominal:

(13) *Seu* artigo / *suas* teses.

Já os possessivos analíticos concordam com o possuidor, e não com o nome que os antecede (Perini, 1985, p. 06):

(14) Artigo *dela* / tese *dela*.

Sobre isso, podemos citar, brevemente, Cerqueira (1996) que ressalta que o pronome possessivo *seu*, independentemente de sua posição, concorda com o nome que o segue, como em (15) e (16):

(15) *Sua* fotografia colorida.

(16) Uma fotografia colorida *sua*.

Em (15), o possessivo *seu* está na posição pré-nominal, e, em (16), está na posição pós-nominal, mas, em ambas as sentenças, o pronome possessivo está concordando em gênero e número com o substantivo *fotografia*.

Já o possessivo *dele* pode desviar desse padrão, apresentando um sistema de concordância independente tanto de gênero quanto de número em relação ao nome que ele modifica. O pronome possessivo *dele* fica exclusivamente na posição pós-nominal *in situ* e apresentando traços-phi compatíveis com o possuidor:

(17) *Sua* fotografia colorida *dele*.

Ainda no exemplo (17), vemos uma coocorrência de possessivos envolvendo as posições pré e pós-nominais. De acordo com Cerqueira (1996), a interpretação preferencial que se tem é o possessivo pré-nominal como agente do processo e o pós-nominal como o tema. Ou seja, a sentença em (17) apresenta um contexto em que *sua* refere-se a quem tirou a foto e *dele* a quem foi fotografado⁸.

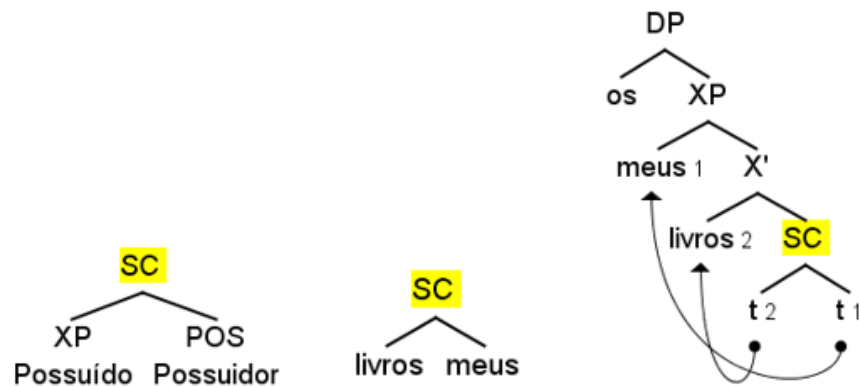
Como era de se esperar, não vemos uma concordância do *dele* com o gênero e número dos três primeiros elementos do sintagma; por outro lado, percebemos que o possessivo *sua* apresenta o comportamento oposto: concordando com o gênero e número do nome que o antecede ou o segue. Essa questão da posição do possessivo também foi apresentada rapidamente na subseção 1.3.1, quando comparamos o comportamento dos possessivos no português brasileiro com o italiano.

Para Cerqueira (1996), há, ainda, uma movimentação dos pronomes possessivos *meu*, *seu* etc., que não se observa para o pronome possessivo *dele*. Para Cerqueira, todos os pronomes possessivos são gerados em uma *small-clause*

⁸ No português arcaico, já era observado o redobro de formas possessivas - cf. Torres Morais e Ribeiro (2014) e Manes (2022).

(SC), ou mini-orção, na qual formam um constituinte com o nome. Contudo, *seu*, foco deste trabalho, vai para o domínio nominal da flexão *Agreement* (Agr), ou seja, para a posição de especificador do núcleo *Agreement Phrase* (AgrP) para que haja uma concordância entre o pronome possessivo e os outros constituintes, como o substantivo. Os esquemas na Figura 1 representam isso:

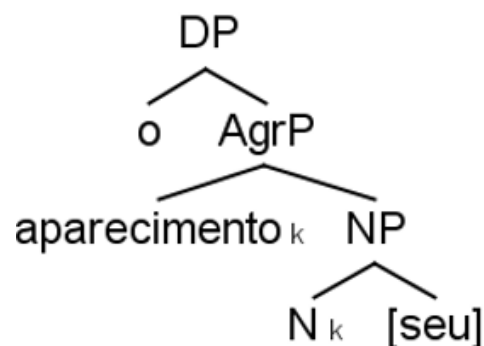
Figura 1: Formação do pronome possessivo na *small-clause*



Fonte: Cerqueira (1996, p. 46-48)

Na Figura 1, demonstramos que o pronome possessivo nasce em uma *small-clause* e que esse pronome pode sair dela dependendo dos movimentos sintáticos que a sentença determina. Na terceira árvore sintática, SC é introduzida pela operação *Merge* (juntar) como complemento de X'. Pela operação *Move* (mover), *livros* (como projeção máxima e mínima) se adjunge ao núcleo de X, e o possessivo se aloja no especificador de XP por substituição, deixando para trás os vestígios t_2 e t_1 , respectivamente.

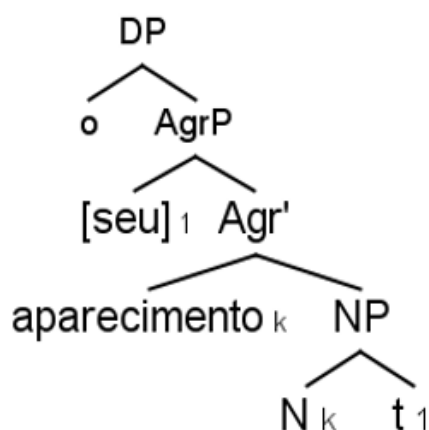
Figura 2: Esquema sintático de “O aparecimento seu”



Fonte: Cerqueira (1996, p. 135)

Sobre a Figura 2, e agora introduzindo, na árvore sintática, o possessivo analisado neste estudo, Cerqueira (1996, p. 135) diz que o núcleo N – *aparecimento* – move para especificador de AgrP e o possessivo pós-nominal permanece *in situ*. Assim, essa primeira ordenação entre os dois elementos é obtida.

Figura 3: Esquema sintático de “O seu aparecimento”

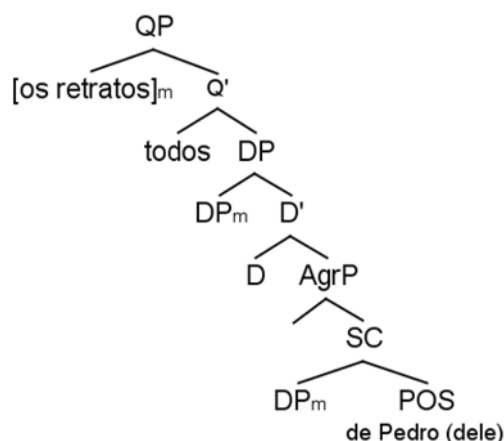


Fonte: Cerqueira (1996, p. 136)

Agora, com o exemplo da Figura 3, observamos uma diferença com o sintagma anterior, que resulta do movimento do possessivo *seu* pré-nominal para o especificador de AgrP. Isso demonstra que o *Move* desse possessivo, saindo da SC, é possível na árvore sintática, movimento que depende da posição do pronome possessivo na sentença.

Quando levamos em conta o possessivo *dele* na Figura 4, é observado que não acontece o movimento da forma possessiva *de + N* pós-nominal para o especificador de AgrP na sintaxe visível. Como o *dele* está dentro de uma projeção máxima na *small-clause*, esse possessivo pertence à fase do domínio preposicional – assumimos com Cerqueira que o pronome possessivo é um complemento do nome – que já recebeu caso, ficando *in situ*. Assim, o *dele* fica retido na base da SC, não se movimentando para camadas funcionais da árvore sintática:

Figura 4: Esquema sintático de “Os retratos todos de Pedro (dele)”



Fonte: Cerqueira (1996, p. 168)

Já sobre a forma *de vocês*, ela não varia em gênero, mas também fica apenas em posição pós-nominal. Essa é uma forma possessiva que será abordada com mais detalhes na próxima seção, ao discutirmos Kato (1985):

(18) O artigo é *de vocês* / A tese é *de vocês*.

Resumindo, esta seção abordou as discussões de Perini (1985) acerca do uso do possessivo *seu* nas 2ª e 3ª pessoas gramaticais seguindo o português padrão e o português coloquial, além de abordar a ambiguidade de *seu* e a inserção do pronome *dele* no quadro pronominal brasileiro. Esse pronome começa a substituir o uso de *seu* para a 3ª pessoa no português coloquial, mas há casos específicos em que o uso de *seu* é mais comum na 3ª pessoa, os quais ainda serão abordados neste estudo. Notamos, também, a movimentação que o possessivo *seu* faz em estruturas sintáticas, diferentemente do possessivo *dele*, a partir de Cerqueira (1996).

Perini (1985) diz que uma sentença com o pronome *seu* é ambígua quando é difícil recuperar o referente desse possessivo. Discutiremos, na próxima subseção, sobre o uso do termo ambiguidade nesses casos.

2.2.1. As diferenças entre ambiguidade, vagueza e indicialidade, por Cançado (2008)

Primeiramente, é importante fazer um recorte sobre ambiguidade, vagueza e indicialidade para que possamos comparar essas definições e explicar o motivo de escolhermos um termo diferente do de Perini (1985).

Segundo Cançado (2008, p. 58), nos exemplos ambíguos, o contexto especificará qual o sentido a ser selecionado, e, nos exemplos de vagueza, o contexto pode acrescentar informações que não estão especificadas no sentido.

Ainda segundo Cançado (2008, p. 59), um tipo de teste que pode ser feito para definir a ambiguidade ou a vagueza, pensado por Kempson (1977), é a partir do uso da palavra *também*. Isto é, se a sentença antecedente tiver mais de uma interpretação, então a segunda também terá as mesmas interpretações da sentença antecedente, como podemos ver no exemplo citado por Cançado (2008, p. 59):

(19) O João adora aquele *canto*; a Maria *também*.

Na sentença (19), a ambiguidade origina-se pelo fato de a palavra *canto* ter dois significados diferentes: *canto* podendo referir à música, ou *canto* referindo ao lugar. Se entendermos que a palavra *canto* corresponde à música, as duas sentenças terão que se referir à música. Então, a sentença (20) não seria uma paráfrase de (19):

(20) O João adora aquela *música*; a Maria adora aquele *lugar*.

Trazendo esse conhecimento para a pesquisa, o possessivo *seu* é ambíguo na abordagem de Perini (1985), pois pode-se referir a duas pessoas gramaticais, as 2ª e 3ª pessoas, como já vimos anteriormente:

(21) Maria leu o *seu* livro

Em (21), o *livro* seria do ouvinte (2ª pessoa) ou da própria Maria (3ª pessoa). Caso adicionarmos uma segunda sentença e a palavra *também*, vemos que o exemplo em (21) poderia ficar como em (22):

(22) Maria leu o *seu* livro, e eu *também*.

No nosso julgamento, se entendermos que o possessivo *seu* corresponde à 2ª pessoa, as duas sentenças, em (22), terão que se referir à 2ª pessoa, pois não é

possível ter uma interpretação em que a primeira sentença refere-se à 3ª pessoa e a segunda, à 2ª pessoa; ou vice-versa.

Essa ambiguidade, observada por Perini (1985), é a semântica. Cançado (2008, p. 70), citando Chierchia (2003), diz que esse é um “tipo de ambiguidade sistemática que não tem sua origem nem nos itens lexicais, nem na estrutura sintática e nem no escopo da sentença”. Então, a ambiguidade é gerada pelo fato de os pronomes poderem ter diversos antecedentes, por isso ela é chamada de ambiguidade semântica, pois é uma questão relacionada à correferencialidade:

(23) O **ladrão**_i roubou a casa de **José**_j com *sua*_{i/j} própria arma.

(24) **José**_i falou com *seu*_{i/j} professor?

As interpretações geradas são atribuídas ao tipo de ligação entre os pronomes das sentenças. Usando os exemplos de Cançado, em (23), o pronome *sua* pode estar coindexado tanto com *ladrão*, quanto com *José*. Há, então, dois acarretamentos distintos para a sentença, isto é, um em que o *ladrão* usou a arma dele mesmo para roubar a casa; e outra em que o *ladrão* usou a arma de *José*. Em (24), podemos entender que o falante está perguntando se o *José* falou com o *professor de José*, uma ligação anafórica; ou se foi com o *professor do ouvinte*, uma ligação dêitica (Cançado, 2008, p. 70).

Agora, opondo-se a esse comportamento, se tivermos sentenças em que exista só a vagueza dos termos, os aspectos inespecíficos do sentido são invisíveis a essa identidade do *também*. Cançado (2008, p. 59) compara isso, por exemplo, com a palavra *beijo*, que é uma palavra que pode ser considerada vaga (*beijo na mão, no rosto, na boca*), mas não é ambígua:

(25) O João *beijou* a Maria; Paulo *também*.

Cançado afirma que, quando a sentença é vaga, podemos reparar que a interpretação da especificidade da segunda sentença com *também* não fica restrita à interpretação da mesma especificidade da primeira sentença: “*João beijou a Maria no rosto e o Paulo a beijou na boca*”.

Cançado (2008, p. 60) revisita a ideia de que esse fenômeno semântico está associado a expressões que fazem referências apenas de uma maneira

aproximada, de modo que é o contexto que acrescenta as informações não especificadas pelas expressões vagas.

A linguista aborda exemplos com adjetivos relacionais como *alta*, *grande*, *simples*, etc. Assim, Cançado (2008, p. 60) diz que “se pensarmos que um elefante é grande, estaremos corretos, mas, se pensarmos que uma formiga de 20 cm é grande, também estaremos corretos.”.

Existe um outro fenômeno, a indicialidade, que pode ser confundido com a vagueza. A indicialidade está em expressões em que as referências variam de contexto para contexto, mas seus sentidos permanecem constantes, sem serem vagos.

Ou seja, a indicialidade está associada às palavras dêiticas. Por exemplo, o *eu* pode se referir a vários indivíduos no mundo, mas não pode ser considerada uma palavra de sentido vago, pois sempre quer dizer o falante do discurso, a 1ª pessoa gramatical; então, *eu* não é uma palavra vaga, mas, sim, indicial (Cançado, 2008, p. 61).

Em relação ao possessivo *seu*, para nós, ele é mais vago do que ambíguo, pois, na vagueza, é o contexto que acrescenta as informações não especificadas pelas expressões vagas. Ou seja, quando o contexto é extralinguístico, *seu* se refere à 2ª pessoa; quando é linguístico, *seu* se refere à 3ª pessoa. Para exemplificar isso, retomamos o exemplo (21) renumerado como (26):

(26) Maria leu o *seu* livro.

Em (26), notamos que o *livro* pode ser do ouvinte, a partir da leitura do contexto extralinguístico de 2ª pessoa, ou pode ser da própria *Maria*, se a leitura for do contexto linguístico de 3ª pessoa anafórica.

O pronome possessivo *seu* é indicial, pois todo pronome tem características de indicialidade, mas, ainda assim, nem todo pronome pode ser usado para duas pessoas do discurso, então a indicialidade não explica essa característica. Ou seja, o possessivo *seu* é indicial, mas isso não tem influência com a possibilidade de ele ser usado para duas pessoas do discurso.

Assim, a diferença da nossa análise para a de Perini (1985) se baseia, primordialmente, na classificação desse possessivo, já que Perini (1985) apresenta o *seu* como ambíguo, enquanto apresentamos esse possessivo como sendo vago,

por ele ser subespecificado sintaticamente, ou seja, *seu* pode ser usado para as 2ª e 3ª pessoas.

Em nossa investigação, classificamos o *seu* como vago, principalmente por esse possessivo não possuir traços-phi inerentes, de modo que o tipo de contexto que decide para qual pessoa esse pronome possessivo será direcionado.

A seguir, abordaremos os posicionamentos de Kato (1985) a respeito do uso de *seu* ou *de você* para a 2ª pessoa, além de apresentarmos os argumentos dela que são contrários aos de Perini (1985) quanto às classificações do sistema pronominal brasileiro.

2.3. As restrições pragmáticas que definem o uso de *seu* ou *de você* para a 2ª pessoa, segundo Kato (1985)

Observaremos, nesta seção, uma mudança no foco da discussão dos possessivos em um trabalho seminal sobre o tema no português brasileiro. O trabalho de Kato (1985) que será aqui discutido é a respeito de *seu* e *de você*, não sobre *seu* e *dele*. Essa pesquisadora defende restrições pragmáticas de uso, ou seja, para ela, as formas possessivas e genitivas, como *seu* e *de você*, respectivamente, estão no léxico do falante, podendo ou não ocorrer na língua falada em virtude de questões pragmáticas:

(27) A aluna pegou o **caderno seus / de vocês** para estudar.

Em (27), vemos que as formas possessivas e genitivas, *seus* e *de vocês*, podem ser usadas para relacionar o possuidor (a 2ª pessoa do plural dêitica) com o possuído *caderno*.

Kato (1985, p. 115) postula uma gramática com todas as formas possessivas e genitivas que conteria paradigmas completos, ou seja, as lacunas e a complementaridade entre as formas estariam no âmbito do uso. Então, segundo ela, não haveria gramáticas diferentes para o português padrão e o português coloquial do jeito que Perini (1985) separa, e sim apenas usos diferentes dos itens dessa única gramática. Além disso, Kato (1985, p. 108) defende as formas *de você* e *de mim*, as quais Perini considera agramaticais, apenas como não ocorrentes ou de baixa produtividade no discurso.

Kato (1985, p. 115) assume que *de você* marca a relação interpessoal como íntima, enquanto *seu* não é marcado quanto a isso. Assim, focamos, momentaneamente, no pronome possessivo *seu*, que pode ser usado tanto com *senhor*, como em (28a), quanto com *você*, como em (28b):

(28) a. O **senhor** leu o *seu* artigo?

b. **Você** leu o *seu* artigo?

Para a linguista, a alternância de formalidade em (28a-b) mostra que o possessivo *seu* não é marcado quanto à intimidade, sendo, portanto, uma forma cômoda, sobretudo quando a pessoa não sabe ao certo como se referir a alguém, ou seja, em um discurso mais respeitoso (*senhor*) ou mais casual (*você*).

Assim, Kato (1985, p. 116) se opõe ao argumento de Perini (1985), abordando que o uso de *seu* não gera ambiguidade de referência, apenas é uma forma vaga em relação à intimidade, não violando o Princípio Um, lembrado abaixo.

- Princípio Um (revisto): “A ambiguidade deve ser evitada sempre que impedir recuperação da pessoa gramatical” (Perini, 1985, p. 12).

Ou seja, esse Princípio Um impede que uma mesma forma possa ocorrer para mais de uma função, mas, como Kato (1985) aborda, o *seu* é usado apenas para a função de 2ª pessoa, não havendo a ambiguidade retratada nesse princípio.

Passamos, então, para o Princípio Três, de Kato (1985, p. 114), que complementa o Princípio Um - SSP, de Perini (1985):

- Princípio Três: “Evite usar formas diferentes para uma mesma função” (Kato, 1985, p. 114).

O Princípio Três impede a ocorrência de duas formas possessivas diferentes para a mesma função gramatical, como *seu* e *de você*, ambos para a 2ª pessoa do singular:

(29) a. A **orientadora** passou na *sua* sala (Função: 2ª pessoa).

b. *A **orientadora** passou na sala *de você* (Função: 2ª pessoa).

Assim, Kato (1985, p. 115) propõe que o Princípio Três obriga o falante a escolher apenas uma das formas para o uso de 2ª pessoa do singular, como em (29), mesmo que ambas sejam geradas pela gramática. A linguista apresenta, então, uma restrição distribucional do pronome que pode explicar o porquê da não ocorrência de *de você* na superfície, exemplificado em (29b).

Para Kato (1985), essa restrição distribucional mostra que “*você*, no léxico, seria simplesmente marcado negativamente com relação ao contexto genitivo (N ___ de + ___). O mesmo ocorreria com *eu* e *nós*” (Kato, 1985, p. 114).

Com isso, Kato (1985, p. 114) fundamenta o Princípio Três, que mostra que não devem ser usadas duas formas diferentes para a mesma função, ou seja, o *seu* é usado ao invés de *de você* para a 2ª pessoa do singular.

A partir do que foi apresentado anteriormente sobre o Princípio Três, vimos que a forma genitiva *de você*, no singular, não é usada (*vi você* - **a casa de você*), mas temos que em *de vocês*, no plural, a harmonia do sistema pronominal é tolerada (*vi vocês* - *a casa de vocês*). Kato (1985, p. 115) propõe que a única explicação que parece caber nesses casos é o grau de empatia de cada elemento.

Então, para Kato (1985, p. 117), o vínculo possuidor-possuído também parece envolver variáveis que têm a ver com a maneira com que nos relacionamos emocionalmente com o mundo. Para isso, essa pesquisadora defende o Princípio da Empatia ou Princípio Quatro, formulado a partir da tese da empatia de Kuno e Kaburaki (1975):

- Princípio Quatro: “Escolha a forma na qual o elemento com que se empatiza mais preceda o elemento com que se empatiza menos” (Kato, 1985, p. 116).

Tentando responder o motivo de, para Kato (1985), *de vocês* ser usado pelos falantes, mas *de você* não, já vimos que *você* marca a relação de intimidade interpessoal, de forma não ambígua, enquanto *seu* é neutro quanto a isso. Segundo essa pesquisadora, o mesmo não acontece com *vocês*, que é quase neutro em relação à intimidade. Assim, para ela, se *vocês* pode se referir a pessoas não íntimas, essa forma deve ocupar uma posição menos empática do que *você*, que refere-se a pessoas mais íntimas (Kato, 1985, p. 119). Notamos, então, que as formas possessivas *seu* e *de vocês* possuem em comum uma certa neutralidade na questão de intimidade, sendo mais usadas na gramática dos falantes.

Ainda para essa pesquisadora, a hierarquia de marcação se comunica com o Princípio da Empatia, uma vez que o possessivo de 1ª pessoa tem preferência hierárquica por incluir o falante e por anteceder o referente. Já o possessivo de 2ª pessoa tem uma posição menor na hierarquia que o de 1ª pessoa, aparecendo antes ou depois do referente; e o possessivo de 3ª pessoa é o último na hierarquia e só pode aparecer depois do referente nominal.

Então, para essa linguista, a 1ª pessoa é o elemento mais alto na hierarquia de empatia do falante, ou seja, quando um objeto pertence a essa pessoa, é mais favorável que a referência ao falante preceda a referência ao objeto, como em (30a), e não o contrário, como em (30b) (Kato, 1985, p. 117):

- (30) a. O *meu livro* é longo.
 b. Um *livro meu* é longo.

Ainda sobre o pronome possessivo *seu*, a autora relembra que Perini (1985) não tem uma resposta exata para o fato de esse pronome possessivo *seu* ter se especializado para a 2ª pessoa, mas apresenta a sugestão de que haveria algum tipo de hierarquia de marcação (*markedness*) entre as pessoas gramaticais.

Kato (1985) reinterpreta essa hipótese de Perini assumindo que o falante simpatiza mais com a 2ª pessoa do que com a 3ª pessoa, de modo que escolhe o possessivo *seu* para o uso na 2ª pessoa:

- (31) a. A *sua bolsa* é da CAPES?
 b. A *bolsa dela* é da CAPES?

Isso, para Kato (1985, p. 118), assegura que a referência à 2ª pessoa anteceda a referência ao objeto possuído, como em (31a), ao contrário do que ocorre com a referência da 3ª pessoa, que é sempre pós-nominal, como em (31b).

Retomando o que foi visto, Kato (1985) relaciona essa empatia citada com a ambiguidade discutida anteriormente por Perini (1985). Para essa pesquisadora, não há uma ambiguidade quanto à pessoa gramatical no uso do pronome *seu*, mas há uma vagueza quanto ao grau de intimidade, exemplificada em (32):

- (32) a. **Você** foi para o *seu* gabinete.

b. Eu fui para o *seu* gabinete, **professor / amigo**.

Isso porque Kato defende que a forma *você*, em (32a), é gramatical e marca a relação interpessoal como íntima, ao passo que *seu* não tem essa marcação de intimidade, como em (32b). Então, o possessivo *seu* é considerado uma forma neutra, como vimos anteriormente, podendo ser usado tanto com *professor*, um referente mais formal, ou *amigo*, um referente informal, por exemplo.

Feita essa exposição, vamos, agora, nos posicionar em relação à análise de Kato (1985), especificamente em relação ao Princípio de Empatia, às posições dos possessivos na sentença em cada pessoa gramatical e à neutralidade de *seu* quanto à intimidade.

Pragmaticamente, seguindo a hipótese de hierarquia de Kato (1985, p. 117), a referência à pessoa deve anteceder a referência ao substantivo, e não o contrário:

(33) a. *Minha casa*.

b. *Casa minha*.

Kato (1985, p. 117) diz que o Princípio da Empatia pode não ser aceito como gramatical se for colocado dentro da gramática. Todavia, se postulado como algo que rege o comportamento humano no uso da gramática (pragmática), ele pode ser visto com mais benevolência, segundo essa pesquisadora.

Concordamos com a linguista quanto a isso, pois nos parece arriscado usar a empatia, na gramática, para definir a preferência de uma pessoa gramatical ao invés de outra e a ordem dos elementos na sentença. Inclusive, consideramos, aqui, um dado dialetal de Minas Gerais, que é gramatical, para corroborar com esse argumento, que talvez não seja conhecido pela autora:

(34) O **livro** *meu* é curto.

Esse dado é diferente dos dados acima, não dialetais, pois apresenta um artigo definido anterior ao substantivo, somado ao pronome possessivo em posição pós-nominal. A sentença em (34) demonstra uma restrição quantitativa do substantivo, ou seja, não é qualquer *livro* que é curto, apenas o apontado, diferentemente do que é visto no exemplo (30b).

Então, se fosse realmente a empatia que estivesse regulando as formas possessivas da gramática dos falantes, esse dado, em (34), não deveria existir. Isso porque o Princípio de Empatia apresenta que a 1ª pessoa é o elemento mais alto na hierarquia de empatia do falante, então, quando um referente pertence a essa pessoa, é preferível que a referência ao falante preceda a do referente, como em (33a). Todavia, em “*O livro meu é curto*”, vemos que o referente precede a referência à 1ª pessoa, além do artigo definido e do possessivo adjetival coocorrem no caso dialetal. Isto é, o Princípio da Empatia não é sustentado em outros dialetos, se fosse inserido na gramática.

Levando esse exemplo dialetal em consideração, para nós, tanto as sentenças em (30) quanto em (34) podem ser usadas por falantes sem a necessidade de avaliar o grau de empatia da posição do pronome possessivo em relação ao SN possuído.

Observamos como a hierarquia de empatia não se aplica empiricamente para os dados em análise, pois a mudança na posição do possessivo não altera o grau de aceitabilidade das sentenças:

- (35) a. *Meus livros*, em geral, são longos, mas um *livro meu* é curto.
 b. *Seus livros*, em geral, são longos, mas um *livro seu* é curto.
 c. Os *livros dela*, em geral, são longos, mas um *livro dela* é curto.

Nesses exemplos, percebemos uma restrição de um *livro* específico a partir do uso do possessivo pós-nominal em (35a) e observamos o mesmo se analisarmos os possessivos de 2ª e 3ª pessoas, (35b) e (35c), respectivamente.

Ainda sobre fatores regulando a distribuição de *seu* para as 2ª e 3ª pessoas, Kato (1985) alega que a empatia explica, pragmaticamente, a predileção de *seu* para a 2ª pessoa do que para a 3ª pessoa. Todavia, para nós, essa alegação de grau de empatia não é o fator que está por trás do uso de *seu* para as 2ª e 3ª pessoas, pois, como vimos nos exemplos acima, há casos em que a empatia não influencia no uso dos possessivos, como é o caso do possessivo pós-nominal e artigo definido pré-nominal, por exemplo, no dialeto mineiro.

Resumindo, esta seção abordou as hipóteses de Kato (1985) sobre as formas possessivas *seu* e *de você*. Essa pesquisadora defende restrições pragmáticas de uso, ou seja, para ela, as formas possessivas e genitivas, como *seu* e *de você*,

estão no léxico do falante, podendo ou não ocorrer no discurso em virtude de questões pragmáticas. Para ela, *de você* não é usado para a 2ª pessoa do singular, pois o Princípio Três obriga o falante a escolher apenas uma forma possessiva, sendo, então, o pronome *seu*, por ser neutro na questão de intimidade. Todavia, *de vocês*, no plural para a 2ª pessoa, é tolerado, pois, contrário à *você*, que é uma forma mais íntima, *vocês* é quase neutro em relação à intimidade.

Além disso, relembremos o Princípio Um e Dois que Perini (1985) cita em estudos dele, além de apresentarmos o Princípio Três, de Kato (1985), e o Princípio da Empatia ou Princípio Quatro, formulado a partir de Kuno e Kaburaki (1975). Discutimos, também, a respeito de hierarquia dos possessivos, empatia de formas possessivas e grau de intimidade de *seu* e *de você*.

Na próxima seção, iniciaremos a discussão sobre as especificidades dos pronomes possessivos *seu* e *dele* para a 3ª pessoa gramatical a partir de pesquisas de Muller (1997).

2.4. As especificações da coocorrência dos pronomes possessivos *seu* e *dele* para a 3ª pessoa, a partir de estudos de Muller (1997)

Nesta seção, partimos do trabalho de Muller (1997) que discorre sobre a especialização dos pronomes *seu* e *dele* para a 3ª pessoa, seus tipos de antecedentes e a relação entre os pronomes possessivos e os argumentos genitivos de um sintagma nominal. Para isso, citaremos o trabalho de outros pesquisadores, como Almeida (1993), Abraçado (2000) e um trabalho posterior de Muller (2003).

Muller (1997) defende a especialização das formas possessivas de 3ª pessoa. A forma *seu* é a escolhida pelos falantes para funcionar como variável presa na retomada de SNs não-referenciais quantificadores ou genéricos, como em (36a). Já *dele* é a forma pronominal livre escolhida para retomar antecedentes referenciais específicos e capaz de estabelecer apenas relações de correferência, como em (36b).

(36) a. **Os alunos** entregam os *seus* relatórios para a professora.

b. **O João e o Jorge** entregam os relatórios *deles* para a professora.

Em (36a), *os alunos* é um SN genérico, o que faz com que o possessivo *seus* na 3ª pessoa seja uma variável ligada a esse sintagma. Uma sentença como (36a) poderia ser parafraseada como *para cada aluno x, x entregou o relatório de x*. Já em (36b), *o João e o Jorge* são SN específicos e o possessivo *deles* de 3ª pessoa apresenta correferência com esses SNs.

Como foi citado nas seções anteriores, e mostrado em (36a) e (36b), *seu* e *dele* podem se relacionar com a mesma pessoa gramatical, a 3ª pessoa, porém, percebemos diferenças entre as duas sentenças.

Segundo Muller (1997), os antecedentes de 3ª pessoa de *seu* são, na maioria dos casos, SN quantificadores ou genéricos, como, respectivamente, nos exemplos em (37a) e (37b) de Muller (1997, p. 63):

- (37) a. “tem que **cada um** pegar *sua* lancheira...”.
 b. “... **o telégrafo** vai até perdendo *sua* importância”.

Enquanto *dele* é um pronome dêitico que recupera antecedentes referenciais específicos, como em (38), também um exemplo de Muller (1997, p. 58):

- (38) “...foi a primeira peça que o **Ziembinski** apresentou em toda a vida *dele* na carreira *dele*...”.

Comparando essas formas possessivas em dados da década de 90, pesquisados por Almeida (1993) e citados em Muller (1997), observamos uma porcentagem de uso de 44,2% da forma *seu* contra 55,8% da forma *dele* para a 3ª pessoa. Assim, reiteramos que *dele* começou a substituir o *seu* para a 3ª pessoa, apesar de não apagá-lo do quadro pronominal brasileiro, assim como também mostra essa pesquisadora.

Então, a partir desses dados retirados de Muller (1997, p. 59), observamos que diferentes tipos de SNs usam estratégias diferentes para retomadas, que dizem respeito ao eixo da referencialidade:

Tabela 1: Tipo de antecedente e forma possessiva correspondente a sua retomada

	ESPECÍFICO	NÃO-ESPECÍFICO	GENÉRICO
--	------------	----------------	----------

dele/a(s)	76%	54%	6%
seu/a(s)	24%	46%	94%

Fonte: Almeida (1993)⁹

Nessa codificação, os SNs quantificadores fazem parte dos SNs não-específicos na segunda coluna da tabela acima, os quais não selecionam entidades determinadas e, dessa forma, assemelham-se aos genéricos. Isso porque Muller (1997, p. 64) mostra que uma característica comum dos SNs quantificadores, como em (39a), e dos SNs genéricos, como em (39b), é a ausência de especificidade:

(39) a. **20% dos alunos** estão em *suas* casas.

b. **Os alunos** estão em *suas* casas.

c. ***Todo aluno** está na casa *dele* / ***Cada um** está na casa *dele* → (De quem?).

Ou seja, esses SNs não apontam para um indivíduo específico, como é visto no uso de *seu* em (39a) e (39b), exemplos gramaticais com SNs quantificadores e genéricos, respectivamente. Além disso, o uso do pronome *dele* é evitado como uma estratégia de retomada desses tipos de SNs, pois gera uma estranheza na sentença, já que não há como recuperar um antecedente específico, como o exemplo (39c) mostra.

Segundo Muller (1997, p. 64), como os SNs quantificadores e genéricos estão atrelados por não serem especificados, o comportamento do genérico é, muitas vezes, equivalente a uma quantificação universal, o que também pode justificar a classificação conjunta, como ela apresenta em seu exemplo em (40):

(40) “o telegrama comum” → “todo telegrama comum”.

No entanto, Menuzzi (2003, p. 235), citando Oliveira e Silva (1991), assume que a distribuição de *seu* com antecedentes quantificadores pode ter mais nuances. O autor observa que certos quantificadores chamados de “totalmente gerais”, e exemplificados por *todo mundo*, só podem ser usados com *seu*, como em (41a). Já os chamados “indefinidos não-referenciais”, como *todo pai*, podem ser utilizados

⁹ Os dados de Almeida, no ano em que a pesquisa foi realizada, apresentam apenas as porcentagens, e não os números absolutos.

tanto com *seu* quanto com *dele*, como em (41b). Já os sintagmas “totalmente definidos”, exemplificados por nomes próprios, são comumente retomados por *dele* na sentença, como se vê em (41c):

- (41) a. **Todo mundo** quer ver [*seu* filho] em uma boa faculdade.
 b. **Todo pai** quer ver [*seu* filho/o filho *dele*] em uma boa faculdade.
 c. **João** quer ver [o filho *dele*] em uma boa faculdade.

A definição dos “indefinidos não-referenciais” de Menuzzi (2003) permite que *todo pai*, em (41b), seja usado junto com *seu* ou *dele*. Isso detalha mais o comportamento de quantificação universal de Muller (1997) abordado acima, o qual permite apenas o uso de *seu*, igual ao “totalmente gerais”, como em (41a). Assim, Menuzzi (2003) adiciona uma camada que Muller (1997) pode não ter percebido.

Muller (1997, p. 80) ainda argumenta que, em um contexto específico com quantificador c-comandante, o *seu* exige um antecedente, então ele é uma anáfora, o que vamos detalhar adiante. A linguista ainda analisa o pronome *seu* como sendo [-pronominal] por ele não se comportar como um dêitico, não buscando livremente um antecedente no contexto, do mesmo jeito que o *dele* faz.

Muller (1997, p. 43), seguindo a Teoria de Princípios e Parâmetros, ainda faz uma correspondência das formas possessivas *seu* e *dele* de 3ª pessoa a cada tipo de referente – SN quantificador, genérico e específico –, além de apresentar dois tipos de interpretações para as relações estabelecidas entre SN e pronome possessivo. Esses tipos são chamados de relações anafóricas, que são ilustrados pelos exemplos de Muller (1997, p. 43) a seguir. O primeiro é a de correferência entre o nome próprio e o pronome, em que dois ou mais SNs referem-se ao mesmo elemento no mundo:

- (42) **Jorge_i** trouxe o livro de exercícios *dele_i*.

Em (42), *Jorge* refere-se ao mesmo elemento semântico que *dele*, como podemos ver pelos índices.

E o segundo tipo, que também já vimos em Muller (1997, p. 43), é a relação entre um operador e a variável presa a ele, exemplificada em (43):

- (43) [**Cada aluno**]_i *t_i* trouxe o *seu_i* livro de exercícios.

Ou seja, em (43), o possessivo *seu* é anafórico por apresentar uma variável ligada com o SN quantificador *cada aluno*.

Isto é, a partir dos princípios da Teoria da Ligação, Muller (2003) apresenta uma diferenciação entre anáforas e pronomes: “anáforas são os itens lexicais que, por não possuírem conteúdo referencial intrínseco, exigem um antecedente, como o reflexivo *se*” (Muller, 2003, p. 26).

Assim, observemos o exemplo em (44) que mostra uma anáfora:

(44) A Maria se ama

Em (44), o pronome reflexivo *se* é ligado ao antecedente *Maria*.

Sobre os pronomes, eles “são itens lexicais que possuem conteúdo referencial próprio, podendo ou não estabelecer uma relação de dependência referencial com um antecedente, como *dela*” (Muller, 2003, p. 26).

Um exemplo de pronome é apresentado em (45):

(45) [**A Maria**]_i acha que o professor_j gosta [*dela*]_{ij}

Nesse exemplo acima, o pronome *dela* pode referir à *Maria* ou a outra pessoa. Essas duas interpretações são observadas pelos índices.

Ainda sobre anáfora e pronome, os Princípios de Ligação, originalmente propostos por Chomsky (1981), são apresentados a seguir por Muller (2003, p. 27):

- Princípio A: Uma anáfora deve estar ligada em sua categoria de regência.
- Princípio B: Um pronome deve estar livre em sua categoria de regência.
- Princípio C: Uma expressão-r deve ser livre.
- Ligação: α liga β se e somente se:
 - (i) α c-comanda β .
 - (ii) α e β estão coindexados.
- C-comando: Um nó α c-comanda um nó β , se e somente se:
 - (i) Qualquer nó ramificado que domine α também domina β .
 - (ii) α não domina β , nem β domina α .
- Categoria de regência: sentença com o sujeito especificado.
- Coindexação: dois elementos com o mesmo traço.

Vejamos a aplicação desses princípios em alguns exemplos:

- (46) a. O José lavou o carro *da vizinha*.
 b. O José lavou o carro *dela*.
 c. **O José_i**, *se_i* lavou junto com o carro.
 d. **O José_i**, disse que *ele_i* já lavou o *seu_i* carro.
 e. **O José_i**, disse que *ele_j* já lavou o *seu_i* carro.

A sentença (46a) é uma sentença basilar, que será ligeiramente modificada em (46b-e). Na sentença (46b), vemos a entrada do pronome possessivo *dela* no lugar do objeto *da vizinha*, deixando esse referente no ambiente discursivo. Assim, o Princípio B é respeitado, deixando o pronome livre na categoria de regência, que não é c-comandado com nenhum elemento da oração. A sentença (46c) evoca o Princípio A, pois o pronome reflexivo *se* liga a um referente dentro do seu próprio domínio linguístico, de forma que o reflexivo *se* deve ser ligado anaforicamente a *José*, SN que está na mesma oração em que esse pronome está.

Observe, agora, os exemplos (46d) e (46e) com os índices que indicam a existência, ou não, de correferência entre os elementos da sentença. Na sentença (46d), percebemos que *ele* e *seu* se referem a *José*, mostrando a ativação do Princípio A, a partir do uso anafórico de *seu* ligado a *José* e *ele*. E, em (46e), *ele* é dêitico como os índices apontam, respeitando o Princípio B, já que ele não está ligado a ninguém na oração em que está. Podemos notar, então, que *ele* é um pronome, que pode ser ligado a um referente fora da oração em (46e), conforme é apresentado no Princípio B.

O possessivo *seu* também é um pronome, mas não pode se referir a um referente fora da sentença na 3ª pessoa. Isso porque esse possessivo precisa ser ligado a um antecedente presente no contexto linguístico para que se refira à 3ª pessoa do discurso, como nos exemplos (46d) e (46e), em que o possessivo *seu* é ligado ao SN *José*.

2.4.1. Testando o comportamento do possessivo *seu*

Após termos realizado os testes gerais de *seu* e *dele* com os princípios de ligação, passaremos a analisar o comportamento do pronome possessivo *seu*, foco deste trabalho.

Abordando características mais específicas do possessivo *seu*, podemos citar Abraçado (2000, p. 198), que diz que o *seu* é um possessivo subcodificado, isto é, nele, verifica-se a correlação entre uma forma e várias funções, ou seja, esse possessivo pode admitir mais de uma interpretação em uma mesma sentença:

(47) João leu a *sua* tese.

Segundo essa pesquisadora, a ambiguidade ocorre não pela dificuldade em recuperar a pessoa gramatical, mas, sim, o possuidor (referente). Em (47), sem um contexto, não sabemos qual é o referente do SN possuído *tese*. Vemos uma relação disso com os estudos de Perini (1985) já abordados nesta pesquisa e vamos detalhar mais esse caso observado em (47) no próximo capítulo.

Abraçado (2000, p. 195) cita que essa ambiguidade de referente leva a questões, já levantadas por Oliveira e Silva (1986, p. 276-277), por exemplo, a confusão de referente e a confusão de número. A primeira já foi apresentada nesta pesquisa, mas a segunda, a confusão de número, ainda não foi tão detalhada.

Podemos definir essa confusão como o possessivo *seu* servindo tanto às 2ª e 3ª pessoas do singular quanto às 2ª e 3ª pessoas do plural, respectivamente:

- (48) a. Eu vi **você, João** e *seu* professor.
 b. Eu vi **vocês, João e Maria** e *seu* professor.
 c. Eu vi **vocês, João e Maria** e o professor *deles* → (de João e de Maria).

Em (48), a ambiguidade também envolve a questão do possessivo *seu* ter mais de um candidato a possuidor – *você, João* ou *ambos*. No caso em (48a), o *professor* poderia ser ou de um ouvinte (a pessoa seria da 2ª pessoa do singular) ou de *João* (3ª pessoa do singular). Já em (48b), o *professor* poderia ser ou de *vocês* (2ª pessoa do plural) ou de *João e Maria* (3ª pessoa do plural). Em (48c), o possessivo *deles* entraria para especificar essa relação de posse para a 3ª pessoa do plural.

Ainda sobre isso, essa linguista nota que o *seus*, no plural, foi substituído gradativamente por *de vocês* na 2ª pessoa do plural, algo que Perini (1985) também observou no português coloquial. A hipótese de Abraçado (2000, p. 195) para essa mudança é que *de vocês* pode recuperar os possuidores no plural, de modo que o que ela observou na subespecificação de *seu* não ocorre com a 2ª pessoa do plural:

pretendemos demonstrar que os tipos de ambiguidade que envolvem este possessivo não se resolveriam se *seu* se especializasse como possessivo de *ele*, de *eles* ou *de vocês*. Isto é: intentamos apresentar evidências de que, somente em relação a *você*, o possessivo *seu* não apresenta qualquer tipo de ambiguidade e, por isso, formas do tipo *de + N* _ já disponíveis na língua e desempenhando função similar [...] movimentaram-se em direção ao sistema pronominal, passando a desempenhar a função de possessivo na 3ª PS, 2ª PP e 3ª PP, permitindo que *seu* se estabelecesse como possessivo exclusivo de *você* (Abraçado, 2000, p. 198).

Então, a partir dessa hipótese de Abraçado (2000), a sentença (48b) poderia ser substituída por (49):

(49) Eu vi **vocês, João e Maria** e o professor *de vocês*.

Em (49), o *professor* seria dos referentes *vocês*, da 2ª pessoa do plural.

No resto desta seção, vamos nos posicionar em relação aos comportamentos de subespecificação dos pronomes possessivos, segundo Abraçado (2000), à categorização do pronome *seu* como sendo [-pronominal] e à concepção dos pronomes possessivos *seu* e *dele* como anáforas ou pronomes, segundo Muller (1997).

Concordamos com o posicionamento de Abraçado (2000, p. 198) quanto à subcodificação, isto é, a correlação entre uma forma e várias funções, mas adaptamos esse termo, nesta pesquisa, para subespecificação.

Sobre essa subespecificação, assumimos que o possessivo *seu* se encaixa tanto na 2ª pessoa quanto na 3ª pessoa e o motivo disso acontecer é por conta desse possessivo não possuir traços-phi inerentes.

Ou seja, apresentando um pouco do que vamos abordar no capítulo 3, o pronome possessivo *seu* não possui inerentemente os traços de gênero, número e pessoas, de forma que ele só pode receber esses traços por meio de outros elementos da sentença. Assim, os traços de gênero e número são recebidos dos SN possuídos, enquanto o traço de pessoa é recebido do SN possuidor.

No exemplo em (50), percebemos como os traços de gênero e número são recebidos pelo possessivo *seu*:

(50) A *sua* **dissertação** e os *seus* **artigos**.

Podemos ver que *sua* recebe o traço de gênero feminino e número singular do ser possuído *dissertação* e *seus* recebe o traço de gênero masculino e número plural do SN possuído *artigos*.

Sobre o traço de pessoa, o pronome *seu* se comporta como a maioria dos pronomes pessoais, tendo um uso dêitico e um anafórico. Em (51), por exemplo, o referente é buscado livremente no contexto de fala, isto é, o *seu* é dêitico neste caso.

(51) Foi a *sua* dissertação que eu li.

E, apenas em casos específicos, o *seu* pode se comportar como uma anáfora:

(52) **Todo docente** sabe que o *seu* papel é fundamental na educação.

No exemplo (52), o *seu* é anafórico, apresentando variável ligada com o SN quantificador *todo docente*. Sendo um pronome, de fato ele tem um uso dêitico e anafórico, como qualquer pronome, mas a diferença é que a especificação de pessoa dele varia se o uso é dêitico ou anafórico e isso não ocorre em geral com os pronomes. Ou seja, o pronome possessivo *seu* não tem marcação de pessoa, de modo que a interpretação de pessoa varia com o ambiente.

Uma análise mais aprofundada será feita no capítulo 3, adicionando os traços formais e semânticos dos pronomes *seu* e, também, *dele* para fins de comparação com esse possessivo investigado neste estudo.

Nos posicionamos, também, quanto à categorização do pronome *seu* como sendo [-pronominal], segundo Muller (1997, p. 80). A linguista analisa o pronome *seu* com essa característica, pois, para ela, esse possessivo é uma anáfora e não se comporta como um dêitico, não podendo buscar livremente um antecedente no contexto extralinguístico, do mesmo jeito que o *dele* pode fazer.

Discordamos da pesquisadora quanto a isso. Mesmo que o *seu* possa se comportar de uma forma semelhante a uma anáfora, ele continua sendo um

pronome, pois ele tem um uso dêitico por apresentar um comportamento livre em sua categoria de regência. Além disso, comportar-se como um dêitico não é um fator crucial para a classificação dos pronomes, já que há pronomes que não são dêíticos, por exemplo, o pronome relativo *que*, já que o seu antecedente é determinado exclusivamente pela própria sentença, sem depender de um contexto extralinguístico:

(53) O livro_i *que*_i eu li molhou.

O pronome *que*, em (53), retoma anaforicamente o SN *livro* na própria sentença.

Então, opondo-nos à Muller (1997, p. 43), não concebemos o possessivo *seu* como anáfora, mas, sim, pronome, apesar de poder se comportar, em casos isolados, como anáfora, como vimos no exemplo (52). Isso porque anáforas não podem ocorrer sem um antecedente, e o *seu* ocorre sem um antecedente quando é usado para a 2ª pessoa. Então, isso deixa claro que ele tem um uso anafórico, mas esse possessivo não é uma anáfora.

Concluindo, esta seção passou pela especialização dos pronomes *seu* e *dele*, seus tipos de antecedentes e relação entre os pronomes possessivos e os argumentos genitivos de um sintagma nominal.

Sobre a especialização, *seu* é a forma lexical escolhida pelos falantes para funcionar como variável presa na retomada de SN não-referenciais quantificadores e genéricos para a 3ª pessoa, enquanto *dele* é a forma pronominal livre escolhida para retomar antecedentes referenciais específicos e capaz de estabelecer apenas relações de correferência, em que dois ou mais SNs referem-se ao mesmo elemento no mundo.

Após termos realizado os testes gerais de *seu* com os princípios de ligação, passamos a analisar o comportamento mais específico desse possessivo. Sobre *seu*, citamos Abraçado (2000, p. 198), que diz que ele é um possessivo subcodificado, já que há a correlação entre uma forma e várias funções, ou seja, esse possessivo pode admitir mais de uma interpretação em uma mesma sentença, o que não ocorre com o possessivo *dele*, que é específico para a 3ª pessoa gramatical.

Apresentamos, também, os nossos posicionamentos sobre a relação aos comportamentos de subcodificação do pronome possessivo *seu* – que chamaremos de subespecificação –, segundo Abraçado (2000), sobre a categorização do pronome *seu* como sendo [-pronominal] e a concepção do pronome possessivo *seu* como anáfora ou pronome, segundo Muller (1997).

Na seção seguinte, vamos abordar como Lopes e Guedes (2020) observaram que os antecedentes específicos ou genéricos, animados ou inanimados têm relevância no uso de *seu* ou *dele* para a 3ª pessoa, segundo os falantes.

2.5. A relevância da natureza específica ou genérica e da animacidade dos antecedentes na escolha dos pronomes possessivos de 3ª pessoa, segundo Lopes e Guedes (2020)

Veremos que fatores como a natureza específica ou genérica e a animacidade animado/humano ou inanimado do referente podem ser relevantes no uso, pelos falantes, entre *seu* e *dele* para a 3ª pessoa. Isso porque ainda notamos a ocorrência de *seu* para a 3ª pessoa, apesar da alternância pela forma *dele*.

Na seção anterior, citamos brevemente os fatores condicionantes para que sintagmas nominais fossem antecedentes de *seu* e *dele*: o pronome possessivo *seu* pode ter como antecedentes SNs quantificadores e genéricos e *dele* pode ter antecedentes específicos.

Nesta seção, vamos apresentar mais hipóteses sobre a característica específica e genérica desses possessivos, segundo Lopes e Guedes (2020), além da influência da animacidade dos SNs referentes – animado e inanimado – na escolha desses pronomes possessivos de 3ª pessoa.

Antes de apresentarmos o foco desta seção, revisitaremos alguns conceitos que foram abordados durante esta pesquisa e que continuam sendo importantes para esta seção. Como já observamos, as formas *seu* e *dele* – que Lopes e Guedes (2020) chamam de forma simples e de forma perifrástica (ou forma de-possessiva), respectivamente – ainda são intercambiáveis para a 3ª pessoa do discurso, de maneira que *seu* ainda é observado e usado no português brasileiro falado para essa pessoa gramatical.

No nível morfológico, já sabemos que o *seu* flexiona o gênero e o número em função desses traços recebidos do referente possuído (cf. Cerqueira, 1996):

(54) a. O aluno e o **seu caderno** [possuído masculino SG].

b. O aluno e a **sua mochila** [possuído feminino SG].

Em (54a), notamos que o possessivo *seu* recebe os traços de gênero masculino e número singular do SN *caderno* e, em (54b), *sua* recebe os traços de gênero feminino e número singular do SN *mochila*.

Em contraste, a forma possessiva *dele* concorda em gênero e número com os traços do referente possuidor, sendo o SN *aluno*, em (55a), e o SN *namorada*, em (55b):

(55) a. O **aluno** [possuidor masculino SG] e o caderno *dele*.

b. O aluno, **a namorada** e a mochila *dela* [possuidor feminino SG].

Lopes e Guedes (2020) ainda cogitam sobre o motivo do possessivo *dele* se comportar dessa maneira, retomando a sua origem como forma possessiva:

Por ter surgido de uma forma latina demonstrativa (o demonstrativo *ille*, que tinha valor dêitico) morfologicamente marcada para os traços de gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural), *dele* se comporta como uma estratégia possessiva que dá uma precisão muito maior às características morfossintáticas do referente possuidor, enquanto *seu*, por outro lado, foca no referente possuído (Lopes e Guedes, 2020, p. 101).

As autoras ainda apresentam dados de trabalhos diacrônicos em que *dele* era frequentemente usado em construções de redobro, reforçando e apontando o possuidor, ser animado, mostrado no exemplo das autoras em (56):

(56)

E pore~ma~dou e outorgou esse G(onça)lo moniz q(ue) depos **ssa morte dele** fiq(ue) liure e q(ui)the esse meyo desse casal. a esse Moest(eir)o de villari~o. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)" (Lacerda, 2010, p. 21).

"E porém mandou e outorgou esse Gonçalo Moniz que, depois da sua morte dele, fique livre e quite esse meio desse casal a esse Mosteiro de Villarinho".¹⁰

¹⁰ Todas as modernizações do português arcaico/medieval para o português brasileiro foram realizadas por meio da ferramenta ChatGPT.

Nesse exemplo acima, vemos que o *dele*, no século XIII, era usado juntamente com *ssa* (*seu*), reforçando quem era o referente possuidor, que, no caso do exemplo, é [+humano]. Já o possessivo *seu*, segundo Lopes e Guedes (2020, p. 101), não foca tanto nos traços do referente possuidor por não trazer as marcas que focalizam o referente.

Como também vimos anteriormente e com Cerqueira (1996), no nível sintático, *seu* e *dele* ocupam posições diferentes na estrutura do sintagma possessivo em relação ao antecedente possuidor. Sobre isso, Lopes e Guedes (2020, p. 84) também notam que *seu*, na 3ª pessoa, pode anteceder ou suceder o referente possuído, como mostram os exemplos em (57), respectivamente:

- (57) a. Todo pesquisador envia o **seu artigo** para a revista.
 b. Todo pesquisador envia um **artigo seu** para a revista.

Enquanto isso, a forma *dele* só pode estar posposta ao referente, como em (58a), sob a condição de ocasionar agramaticalidade caso esteja antes, como em (58b):

- (58) a. Eu vi que a pesquisadora enviou o **artigo dela** para a revista.
 b. *Eu vi que a pesquisadora enviou o **dela artigo** para a revista.

Então, levando em conta os contrastes dos pronomes usados para a 3ª pessoa no português brasileiro, além de mostrar que *seu* e *dele* ainda se configuram como variantes, Lopes e Guedes (2020, p. 85) revisitaram amostras de falas coletadas por Guedes (2015) do corpus de concordância Corporaport¹¹. Esse corpus contém entrevistas realizadas por moradores do bairro de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro.

Lopes e Guedes (2020) levaram em conta o aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa Laboviana para estabelecer, como grupo de fatores internos, as variáveis independentes, como a natureza genérica/específica e a animacidade do possuidor (animado/inanimado), o tipo de posse e a posição sintática do possessivo. Para os fatores externos, foram controlados a faixa etária, o

¹¹ Esse corpus disponibiliza materiais de análise nas mais diversas variedades da Língua Portuguesa. As amostras estão disponíveis no endereço <https://corporaport.letras.ufrj.br>. Esse projeto é coordenado por Sílvia Rodrigues Vieira (FL/UFRJ) e Sílvia Figueiredo Brandão (FL/UFRJ).

grau de escolaridade e o gênero do falante, de modo que se pudessem verificar a influência desses fatores como possíveis atuantes na alternância entre os possessivos em estudo (Lopes e Guedes, 2020, p. 85).

Sobre os fatores natureza e animacidade do possuidor, as entrevistas do Corporaport passaram por análise estatística (GoldVarbX). Os resultados obtidos foram que, enquanto *seu*, quando usado para a 3ª pessoa, é favorecido quando o referente é genérico e/ou inanimado, *dele* é favorecido quando o referente é específico e/ou humano (Lopes e Guedes, 2020, p. 85).¹². Esses resultados reforçam o que já tinha sido constatado por Muller: *seu* relaciona-se a um referente genérico e *dele* a um referente específico. A essas características, as autoras adicionaram refinamentos: *seu* relaciona-se também a um referente inanimado e *dele* a um referente humano.

Tendo em vista esses resultados analisados estatisticamente, Lopes e Guedes (2020, p. 86) decidiram realizar uma segunda etapa da pesquisa sobre a natureza e a animacidade do possuidor na alternância entre os possessivos de 3ª pessoa na modalidade escrita. Um teste experimental verificaria se *seu* com referente genérico e/ou inanimado e *dele* com referente específico e/ou humano consistiam em uma realidade psicológica na mente do falante, além de provar que, se esses fatores realmente forem significativos para o uso entre *seu* e *dele*, haverá diferenças perceptivas entre os possuidores de cada possessivo.

Nesta segunda etapa de estudo, Lopes e Guedes (2020, p. 87) escolheram uma tarefa de julgamento de aceitabilidade com 24 sentenças aleatorizadas usando a escala Likert – que era composta por notas que iam de 1 a 5, sendo a 1 a nota mais baixa, representando a não aceitabilidade do falante, e a nota 5 relativa à nota mais alta, indicando a aceitação da sentença pelo falante.

Isso porque essa escala permite que seja observada a relevância dos fatores de natureza (genérico vs. específico) e animacidade (humano vs. inanimado) do possuidor na percepção dos possessivos pelos falantes do português brasileiro do Rio de Janeiro (Lopes e Guedes, 2020, p. 87). Um detalhe importante é que o participante só via uma sentença por vez. Assim, ele não podia fazer comparações das sentenças pela troca do pronome possessivo.

¹² Mesmo que o estudo seja baseado em uma amostra específica de dados referentes à cidade do Rio de Janeiro, os resultados mostram que uma especialização de formas está em andamento, influenciada pelos traços de natureza e animacidade do referente possuidor (Lopes e Guedes, 2020, p. 86).

Com o propósito de padronizar o perfil dos participantes da tarefa experimental para evitar desvios no resultado desse segundo teste, Lopes e Guedes (2020, p. 91), diferentemente do primeiro teste, tentaram neutralizar fatores externos como naturalidade/origem diferentes, larga diferença de idade, níveis de escolaridade distintos ou mesmo diferentes percursos acadêmicos.

Assim, os resultados desse segundo teste demonstraram que algumas notas na escala atribuídas pelos participantes para *seu* comprovaram que esse possessivo ainda é usado no discurso, pelo menos entre falantes do Rio de Janeiro – onde o teste foi feito –, como um possessivo de 3ª pessoa:

Em termos dos resultados globais, com as notas de todos os participantes, percebe-se que as sentenças com o pronome *seu*, comparativamente as com *dele*, receberam as notas mais altas, uma vez que a mediana para *seu* atinge a nota 4 da escala em três de quatro condições experimentais. Quanto ao *dele*, observa-se que a mediana atinge um ponto intermediário da escala (nota 3), também em três de quatro condições experimentais testadas. No que se refere à posição da barra (caixa) com a concentração das notas, observamos que para *seu* as notas se concentram entre os pontos 3 e 5 da escala, enquanto para as sentenças com *dele* as caixas se concentram entre as notas 2 e 4 da escala (Lopes e Guedes, 2020, p. 94).

Quando se nota cada condição experimental individualmente, os resultados são mais esclarecedores, por exemplo, quando olhamos que as notas mais altas são atribuídas à forma possessiva *dele* com referente possuidor de traço específico e humano (média 3,02). A média mais baixa aparece justamente quando a forma *dele* refere-se a um possuidor de traços genérico e inanimado (média 2,33) (Lopes e Guedes, 2020, p. 94).

A sentença em (59), retirada de Lopes e Guedes (2020, p. 96), exemplifica o ambiente em que *dele* é aceito mais naturalmente pelos falantes: com um antecedente específico e humano.

(59) O primeiro colocado no concurso ganhou nota máxima no projeto *dele*.

Sobre o possessivo *seu*, os resultados contrariam as hipóteses das autoras, mostrando que esse possessivo teve sua maior média (4,47) com referentes, ao mesmo tempo, específicos e inanimados, seguido pelos referentes, ao mesmo tempo, genéricos e inanimados (4,2). A média mais baixa para o possessivo *seu* (3,8) foi com os fatores humano e específico, em conjunto, o que mais uma vez

comprova o argumento de que esses fatores são, na verdade, mais propícios a *dele* (Lopes e Guedes, 2020, p. 95).

Assim, a partir de tais resultados, as autoras cogitam que a variável animacidade do possuidor é, no caso do possessivo *seu*, mais significativa do que a variável natureza do possuidor. Isto é, o traço inanimado do antecedente de *seu* é mais relevante que a sua natureza específica ou genérica, como podemos ver em (60a) e (60b):

- (60) a. **O Brasil** [inanimado e específico] e o *seu* atual presidente importam com a educação do país.
- b. **Os países** [inanimado e genérico] e os *seus* governantes devem investir em educação (Lopes e Guedes, 2020, p. 96).

Ou seja, vemos que os exemplos em (60a) e (60b) compartilham o traço inanimado do antecedente de *seu*, que é o mais relevante quando esse possessivo é usado para a 3ª pessoa, de maneira que os traços específico e genérico ficam em segundo plano.

Inclusive, esse fator pode ser adicionado aos motivos do *seu* ainda ser usado para a 3ª pessoa. Isso porque os traços específico e genérico do antecedente desse possessivo não são tão relevantes para a diferenciação com o *dele* – que será apresentado a seguir –, o que pode fazer com que o *seu* encaixe facilmente com a 3ª pessoa, seja o seu antecedente específico ou genérico, mas não animado.

Já a forma possessiva *dele* é favorecida quando o referente é humano e específico, como na sentença em (61):

- (61) **João** [humano e específico] recebeu a prova *dele*.

Isso porque, para os referentes específicos, a concentração de notas de *dele* ficou alta no teste, apresentando o intervalo de 2 a 4, enquanto que, com referentes genéricos, as notas ficaram baixas, entre 2 e 3. Semelhantemente, os resultados do traço humano receberam avaliações mais altas na escala, de 2 a 4, e as notas para o traço inanimado ficaram entre 2 e 3 (Lopes e Guedes, 2020, p. 97-98).

Dessa forma, a hipótese de Lopes e Guedes (2020, p. 97) de que o pronome perifrástico *dele* é mais bem avaliado e mais favorecido para referentes específicos foi comprovada.

Assim, as autoras concluíram que, em termos estatísticos, a natureza do possuidor não foi necessariamente eficiente para diferenciar o possessivo *seu* do *dele* no teste experimental realizado. Já o fator animacidade do referente possuidor apresentou uma significância de diferenciação entre esses dois possessivos.

Então, percebemos que, se avaliarmos só o fator natureza específico ou genérico, ele não parece decidir a diferença entre *seu* e *dele* para a 3ª pessoa em sentenças, já que esses possessivos compartilham a natureza específica do possuidor. Podemos falar de uma certa hierarquia – diferente daquela hierarquia empática de Kato (1985) –, em que, para o possessivo *seu*, as características que estão no primeiro lugar de uso são os traços do possuidor inanimado e específico, juntos, seguidos de inanimado e genérico. Já para *dele*, o primeiro lugar é o traço humano e específico do possuidor, depois humano e genérico. Isso segundo esse teste realizado pelas pesquisadoras.

Dessa forma, ainda observaremos, no discurso entre falantes, o *seu* sendo usado para seres humanos, assim como também veremos *dele* sendo usado para seres inanimados, mas talvez será em uma frequência menor do que os traços mais recorrentes que citamos acima. O foco do teste foi definir as diferenças nítidas entre esses dois possessivos que são usados para a 3ª pessoa gramatical.

Resumindo esse teste de Lopes e Guedes (2020) e juntando o resultado com as novas hipóteses, temos que o pronome possessivo *seu* é mais usado quando o referente é inanimado, podendo ser específico ou genérico, e o *dele* é favorecido quando o referente é humano e específico, ambos os casos para a 3ª pessoa.

Notamos que Muller (1997) tenha percebido uma tendência de antecedentes quantificadores e genéricos para *seu* de 3ª pessoa, e trabalhos como de Lopes e Guedes mostram que a questão pode ter mais nuances, como a animacidade dos antecedentes.

No teste de Lopes e Guedes (2020), apareceu uma alta taxa do traço específico do antecedente de *seu* para a 3ª pessoa. Já os traços humano e específico do referente de *dele*, no teste, são validados pela nossa análise.

Apesar dos participantes do teste de Lopes e Guedes (2020) terem sido do Rio de Janeiro, acreditamos que a variação possivelmente seria mínima no resto do

Brasil, já que o uso de *seu* e *dele* é abrangente em todo o país. Futuramente, mais testes, em outras regiões do Brasil, deveriam – e poderão – ser feitos para uma comprovação mais detalhada acerca disso.

2.6. Conclusão

Este capítulo 2 retratou os posicionamentos de diversos linguistas, como Perini (1985), Kato (1985), Muller (1997) e Lopes e Guedes (2020), acerca das especificações dos pronomes possessivos de 2ª e 3ª pessoas gramaticais, como *seu*, *de você* e *dele*.

Perini (1985) defende que *dele* é atualmente o pronome possessivo de 3ª pessoa do português brasileiro, já que *seu*, depois de mudanças no quadro pronominal pela inserção de *você* no sistema linguístico, migrou para a 2ª pessoa e começou a ser substituído por *dele* para a 3ª pessoa. Ele apresenta os sistemas pronominais padrão e coloquial e suas diferenças em relação aos possessivos de 2ª e 3ª pessoas gramaticais. Isto é, enquanto o sistema pronominal padrão apresenta o possessivo *seu* ambíguo para as 2ª e 3ª pessoas, isso não é observado no sistema pronominal coloquial, em que *seu* refere-se a apenas uma pessoa gramatical, a 2ª pessoa do singular, pois, para o plural, há a forma *de vocês*. O pesquisador ainda aborda a entrada do *dele* para a 3ª pessoa e como isso impacta o sistema pronominal brasileiro. Em meio a isso, Perini (1985) ainda relaciona essas distribuições entre possessivos e pessoas gramaticais com os seus Princípios Um e Dois.

Kato (1985) apresenta divergências com Perini (1985) quanto ao uso do pronome possessivo *seu*. Essa pesquisadora defende que as restrições do possessivo *seu* dependem do contexto de uso, e discute, também, a escolha de *de você* ou *seu* para a 2ª pessoa em sentenças. Kato (1985) também aborda mais dois princípios – Princípio Três e Princípio Quatro. Enquanto Perini (1985) impede a ocorrência de uma forma para mais de uma função, Kato impede a ocorrência de mais de uma forma para a mesma função, defendendo a escolha do pronome possessivo *seu* para a 2ª pessoa a partir dessas restrições pragmáticas de uso.

Muller (1997), por sua vez, aborda as especificidades dos pronomes possessivos *seu* e *dele* para a 3ª pessoa, detalhando os tipos de antecedentes e a relação entre os pronomes possessivos e os sintagmas nominais. Essa

pesquisadora aborda a hipótese de especialização de formas, já que, para ela, *seu* e *dele* não apresentam o mesmo comportamento, não cumprindo, então, as mesmas funções, de forma que um possessivo não pode substituir o outro por cada um possuir uma especificidade própria, que não tem a ver com a pessoa do discurso necessariamente. Assim, para essa pesquisadora, *dele* é um pronome que ocorre com antecedentes específicos (ou seja, referentes que apontam para um determinado indivíduo), enquanto *seu* pode ocorrer também com SN não-referenciais (quantificadores e genéricos).

Finalmente, Lopes e Guedes (2020) apresentam argumentos sobre como a natureza e a animacidade dos antecedentes nominais podem auxiliar no uso entre *seu* e *dele* para a 3ª pessoa, a partir de um teste experimental que realizaram com falantes de português do Rio de Janeiro. Posicionamo-nos tanto do lado Muller (1997) em alguns argumentos, quanto de Lopes e Guedes (2020), acreditando que os fatores de natureza (específica ou genérica) e de animacidade (animado ou inanimado) se mostrem importantes na distribuição de *seu* e *dele* para a 3ª pessoa, apesar de o fator animacidade ser bem mais relevante nessa escolha, como foi comprovado no segundo teste.

Então, resumindo os pontos principais deste capítulo 2, podemos começar a construir nosso próprio posicionamento sobre a distribuição do possessivo *seu*. O possessivo *seu* apresenta características sintáticas de subespecificação por poder ser usado para duas pessoas gramaticais diferentes (*você* e *ele*). Apesar de *seu* ser mais frequente para a 2ª pessoa, ele ainda aparece para a 3ª quando refere-se a SNs quantificadores e genéricos, de modo que não desapareceu do quadro pronominal brasileiro. Para a 3ª pessoa, o uso de *dele* é amplo e o referente deve ser um SN específico. Outra característica desses pronomes possessivos é a relevância dos traços-phi dos referentes e antecedentes, de maneira que *seu* flexiona em número e gênero com os traços do SN possuído, enquanto *dele* flexiona em número e gênero com os traços do possuidor.

Assim, a distribuição dos possessivos *seu* e *dele* respeita os tipos de referentes, além da posição sintática contribuir para a gramaticalidade da sentença, isto é, *seu* pode aparecer antes ou depois do referente, mas *dele* deve apenas aparecer após o antecedente nominal, sob o risco da sentença ficar agramatical caso apareça antes desse antecedente de 3ª pessoa. A partir de pesquisas anteriores, percebemos, também, como elementos arcaicos de redobro – *ssa* e *lhi* –

reforçaram o traço possessivo de *dele* e como o uso desse possessivo é mais frequente quando o antecedente é [+animado], enquanto o uso de *seu* ser mais visto quando o referente é [+inanimado].

No próximo capítulo, revisitaremos pontos importantes sobre pronome, anáfora, correferência e variável ligada, aprofundando mais nesses termos, além de lembrar características importantes do uso de *seu* para as 2ª e 3ª pessoas, respectivamente.

No capítulo 3, continuaremos a análise do pronome possessivo *seu*, nosso objeto de estudo. Basearemos-nos na pesquisa de Almeida e Minussi (2021) sobre as ocorrências de *seu* para as 2ª e 3ª pessoas, e *dele* para a 3ª pessoa, como também uma explicação do porquê ainda há, mesmo que raramente, o uso de *seu* com antecedente definido para a 3ª pessoa. Além disso, também basearemos-nos no estudo de Marcotulio (2012) sobre os traços formais e semânticos de *Vossa Mercê*, trazendo-os para a investigação do pronome possessivo *seu*.

CAPÍTULO 3

AS ESPECIFICAÇÕES DE TRAÇOS-PHI DO PRONOME POSSESSIVO *SEU* PARA AS 2ª E 3ª PESSOAS

3.1. Introdução

Este capítulo analisa o compartilhamento do possessivo *seu* para as 2ª e 3ª pessoas do discurso a partir de uma perspectiva formal, isto é, por meio da descrição de regras que ocorrem na língua interna dos falantes. Alguns termos e algumas características citadas no decorrer da pesquisa serão revisitadas neste capítulo, contribuindo para a construção linear da nossa análise sobre o pronome possessivo *seu* para as 2ª e 3ª pessoas gramaticais. Defenderemos, aqui, a característica dêitica do *seu* para a 2ª pessoa e a anafórica do *seu* para a 3ª pessoa, além de revisarmos os tipos de referentes e antecedentes que têm uma relevância no uso do possessivo *seu* para essas duas pessoas gramaticais.

Para contextualizar as nossas hipóteses e corroborá-las, apresentaremos os posicionamentos de Menuzzi (2003) e Muller (2003) acerca das classificações de pronome, anáfora, correferência e variável ligada que, também, são importantes para determinar o uso do pronome possessivo *seu*.

Além disso, apresentaremos, na análise, como explicamos o uso de *seu* para a 3ª pessoa quando o antecedente é definido, assim como direcionamos os traços formais e semânticos desse pronome possessivo para as 2ª e 3ª pessoas gramaticais.

Este capítulo está organizado em 7 seções. A seção 3.2. retoma as principais características dos termos pronome, anáfora, correferência e variável ligada por Muller (2003) e Menuzzi (2003), as quais servirão como base para as próximas seções deste capítulo.

A seção 3.3. revisita as características responsáveis pelo uso de *seu* para a 2ª pessoa, como o tipo de contexto do possuidor e o tipo de referente desse possessivo. Discutiremos alguns casos interessantes para corroborar com nossa investigação.

Depois, na seção 3.4., revisitamos, também, alguns fatores importantes para o direcionamento de *seu* para a 3ª pessoa, como o tipo de animacidade e o tipo dos antecedentes desse possessivo nessa pessoa gramatical.

A seção 3.5. apresenta uma discussão acerca do *seu* para a 3ª pessoa com antecedentes específicos, como nomes próprios, a partir de dados de Almeida e Minussi (2021). Buscamos responder ao questionamento inicial *Por que o pronome possessivo seu ainda é usado para a 3ª pessoa com antecedentes definidos?*.

A seção 3.6. mostra uma investigação dos traços formais e semânticos sobre o SN *Vossa Mercê*, segundo Marcotulio (2012), de modo que adaptamos a análise desses traços para o pronome possessivo *seu* nas 2ª e 3ª pessoas. Essas informações contribuirão para a nossa resposta ao questionamento central da pesquisa: *Por que o pronome possessivo seu pode ser usado tanto para as 2ª pessoas quanto para as 3ª pessoas?*.

Finalizamos o capítulo 3 com nossas conclusões e hipóteses.

3.2. As definições de pronome, anáfora, correferência e variável ligada, por Muller (2003) e Menuzzi (2003)

Muller (2003, p. 18) apresenta uma discussão inicial sobre pronome, anáfora, correferência e variável ligada, que pode ser relacionada com o uso de *seu* para a 3ª pessoa gramatical, assunto que vai contextualizar a nossa análise do objeto de estudo.

Primeiramente, essa linguista define o que é pronome, baseando-se em Heim e Kratzer (1998), para as quais os pronomes são semanticamente variáveis, pois a interpretação é estabelecida ou pelo contexto ou por sua dependência em relação aos antecedentes (Muller, 2003, p. 18). Observemos, então, os exemplos dessa pesquisadora:

- (1) **Eu** estou cansada.
- (2) **João** brigou com Arnold Schwarzenegger. **Ele** se machucou bastante.
- (3) **Qualquer aluno** gosta quando *seu* trabalho é julgado melhor que o dos outros.

Segundo Muller (2003, p. 19), no exemplo (1), o pronome *eu*, variável em um sentido semântico, terá a sua denotação estabelecida por algum valor que será atribuído em um contexto linguístico ou extralinguístico, já que a denotação desses pronomes não é lexicalmente fixa, então varia a partir dos valores contextuais ou pela ligação a um operador.

Os exemplos (2) e (3) mostram, respectivamente, que a denotação do pronome reflexivo *se* e do possessivo *seu* covariam com o valor de cada antecedente. Em (2), o antecedente do reflexivo *se* covaria com o referente *ele*, em um contexto linguístico, que é *João*. Já em (3), o antecedente do possessivo *seu* covaria com o referente estabelecido por *qualquer aluno*, que pode ser *José*, *Maria* e assim por diante.

Em (3), essa relação de dependência entre o possessivo e um SN quantificador deixa clara a característica anafórica desse possessivo. Por isso, Muller se filia à tradição mais antiga deste termo – anáfora – ao “utilizá-lo para expressar relações de dependência referencial entre sintagmas nominais, e não apenas para os pronomes do tipo reflexivo, como faz a Teoria da Ligação” (Muller, 2003, p. 18), e nos posicionamos junto a ela. Os exemplos (4) e (5) mostram isso, respectivamente:

- (4) a. **O aluno** conversou com o professor. *Ele* disse que não leu o artigo para a aula.
- b. O professor conversou com **o aluno**. *Ele* disse que não leu o artigo para a aula.
- (5) **Ela** se ama.

Em (4a-b), o pronome pessoal *ele* é anafórico e tem, como antecedente, o SN *O aluno*, havendo uma relação de dependência entre o pronome e o antecedente, esteja o SN *aluno* em posição de sujeito ou de objeto, respectivamente. Em (5), temos um exemplo de anáfora com pronome reflexivo, que também demonstra essa dependência entre o pronome e o antecedente.

Continuando a relacionar essas propriedades ao objeto de estudo, observemos a sentença em (6):

(6) **Qualquer professor** gosta quando *seu* trabalho é apresentado em congressos.

A interpretação de *seu* na sentença acima é anafórica, de modo que o possessivo se liga ao SN quantificador *qualquer aluno* e refere-se à 3ª pessoa. Essa ligação também acontece com pronomes relativos, no exemplo em (7), ou interrogativos, no exemplo em (8) (Muller, 2003, p. 21):

(7) **Qualquer aluno**_i *que*_i tem o *seu*_i artigo publicado fica feliz.

(8) **Quais alunos**_i *que*_i têm os *seus*_i artigos publicados?

Em (7) e (8), os pronomes relativo e interrogativo se ligam ao SN *aluno*, e o possessivo *seu* na 3ª pessoa também tem uma ligação com esse SN. Os índices representam essas interpretações.

Apresentamos, agora, como os termos pronome e anáfora foram interpretados por Menuzzi (2003) e relacionados com as noções de variável ligada e correferência.

Esse pesquisador cita duas interpretações em seu texto – interpretação com identidade estrita e interpretação com identidade relaxada –, que são observadas em contextos de elipse do SV quando uma ambiguidade é percebida em sentenças (Menuzzi, 2003, p. 214).

A primeira leitura é a “interpretação com identidade estrita” e diz respeito à correferência, em que “pronomes e outros SNs que possuem antecedentes podem ser correferenciais ao antecedente, denotando o mesmo indivíduo que ele” (Menuzzi, 2003, p. 214)¹³:

(9) a. João [_{SV1} disse que gostou de *seu*₁ trabalho], e Pedro também [_{SV2} ____].

b. João₁ [_{SV1} disse que gostou de *seu*₁ trabalho], e Pedro₂ também [_{SV2} disse que gostou de *seu*₁ trabalho].

¹³ Menuzzi (2003) utiliza o pronome possessivo *dele* nos exemplos de correferência e variável ligada, mas vamos adaptá-los usando o *seu*, nosso objeto de estudo, comprovando que esse possessivo também é um pronome, apesar de se comportar em casos específicos, que serão detalhados neste capítulo, como uma anáfora.

Em (9a), observamos que o pronome *seu* elíptico pode ter a mesma identidade do *seu* expresso, ou seja, o mesmo SN como antecedente, pois ambos denotam o mesmo indivíduo, o antecedente *João*, como fica ilustrado no exemplo em (9b). Assim, essa é a interpretação capturada pela correferência.

Por outro lado, a sentença (9a) também pode ser entendida como a sentença em (10):

(10) João₁ [_{SV1} disse que gostou de *seu*₁ trabalho], e Pedro₂ também [_{SV2} disse que gostou de *seu*₂ trabalho].

No exemplo em (10), a leitura observada é a “interpretação com identidade relaxada”. Nessa interpretação, o *seu* elíptico não denota o mesmo indivíduo que o *seu* expresso, isto é, não é o antecedente *João*, como foi visto em (9b), e sim *Pedro*. Essa é a interpretação capturada pela variável ligada.

Menuzzi também observa que, com SN quantificador ou genérico e possessivo na mesma sentença, “é claro que um pronome só pode ser interpretado como uma variável ligada” (Menuzzi, 2003, p. 216):

(11) **Todo pesquisador**_i tem que escrever a *sua*_i pesquisa.

Em (11), o pronome *seu* correferre com *todo professor* quando esse pronome possessivo e o seu antecedente estão ligados na mesma sentença. Assim, vemos o pronome possessivo *seu* interpretado como uma variável ligada ao SN quantificador.

Muller (2003, p. 23) aborda um exemplo em que não ocorre o que foi visto em (11):

(12) ***Nenhum professor**_i está interessado no trabalho de Jorge_i. Ele_i não deve ser convidado.

Em (12), há uma agramaticalidade na sentença, pois sintagmas quantificadores – *nenhum professor* – só conseguem ligar variáveis dentro de sua própria sentença. Além disso, há uma ligação de *nenhum professor* com *Jorge*, que já é ilícita. Em seguida, há a ligação de *Jorge* com *ele*, que não é ilícita a priori, mas passa a ser se considerarmos que *nenhum professor* também está ligado a *ele*.

Também Menuzzi (2003, p. 237), usando o exemplo em (13), mostra que o possessivo *dele* pode ser interpretado como uma variável ligada quando há SNs quantificadores nas sentenças:

(13) A professora [elogia **todo aluno**] no boletim *dele*.

Isso acontece no exemplo (13), pois o possessivo *dele* é ligado ao SN quantificador *todo aluno*, e não ao SN *professora*. Observamos, então, uma diferença sintática desses exemplos para os anteriores.

Como vimos no capítulo 2, o possessivo *dele* é marcado para pessoa, ou seja, *dele* já possui o traço inerente de 3ª pessoa. Isso faz com que, em casos em que há um SN definido como antecedente, como em (14), esse pronome seja correferencial, recuperando antecedentes referenciais específicos e denotando o mesmo indivíduo:

(14) **José_i** disse que a orientadora gostou da tese *dele_i*.

Em (14), o pronome possessivo *dele* apresenta correferência com o SN definido *José*.

Nesta seção, vimos que *seu* é um pronome e que as definições de anáfora, correferência e variável ligada estão relacionadas ao uso desse pronome possessivo para a 3ª pessoa gramatical. Além disso, analisamos, também, como a correferência e a variável ligada são observadas tanto no pronome possessivo *seu* quanto no possessivo *dele*.

Na próxima seção, estabeleceremos as situações em que o pronome possessivo *seu* é usado para a 2ª pessoa, analisando exemplos para corroborar com a análise.

3.3. Revisitando contextos em que o pronome possessivo *seu* é usado para a 2ª pessoa gramatical

Estamos analisando, nesta pesquisa, a hipótese do possessivo *seu* não possuir traço de pessoa inerente, o que motiva o fato de esse possessivo ser usado para as 2ª e 3ª pessoas gramaticais. Isso é uma característica diferente de outros

pronomes, por exemplo, os pessoais, como *eu*, *você* e *ele*, que já são marcados quanto à 1ª, 2ª e a 3ª pessoa gramatical, respectivamente, e não podem ser usados para outras pessoas do discurso. Assim, esta seção abordará os contextos em que o possessivo *seu* recebe traços da 2ª pessoa.

Para esta seção, é necessário abordar alguns conceitos importantes sobre a dêixis para auxiliar na continuidade da análise desse possessivo em foco. A partir de Cançado (2008, p. 54), podemos resumir que os elementos dêiticos permitem identificar pessoas, coisas, momentos e lugares a partir da situação da fala, isto é, a partir do contexto.

Assim, o sentido da sentença "*Este livro é muito bom*" será: existe um determinado *livro* que tem como qualidade ser *bom*, em qualquer contexto. O que vai variar é o referente do *livro* no mundo, isto é, o sentido dos dêiticos é um "roteiro para encontrar referentes", como diz Cançado (2008, p. 54), citando Ilari e Geraldi (1987).

Então, focando, inicialmente, no comportamento do pronome possessivo *seu* na 2ª pessoa, observamos que ele possui característica dêitica, isto é, o referente desse possessivo está no ambiente discursivo, como exemplificado em (15):

(15) O *seu* livro está em cima da mesa.

No exemplo (15), o *livro* pode ser de qualquer referente ouvinte (ou seja, aquele com quem o falante conversa), isto é, o referente só poderá ser recuperado em um contexto extralinguístico. Todavia, o referente ouvinte também pode aparecer na sentença, como em (16).

(16) **Você** trouxe o *seu* livro para a aula.

No exemplo (16), o *seu* está na 2ª pessoa e o referente aparece na sentença. Quando o *você* está presente na oração, a interpretação de *seu* é automaticamente de 2ª pessoa. Aprofundando mais nas diferenças entre o referente *você* presente ou não na sentença, observemos os exemplos em (17) e (18):

(17) O *seu* livro foi trazido por você.

(18) **Você** trouxe o livro e o *seu* pai te deu mais um.

O exemplo em (17) é diferente de um exemplo como (18). Em (17), o possessivo *seu* faz parte do sujeito da sentença, que é dêitico, ou seja, o referente está no ambiente discursivo. Então, quando esse possessivo não tem antecedente na sentença, ele é automaticamente dêitico de 2ª pessoa. O *por você*, no final da sentença, é um adjunto, não influenciando o direcionamento desse possessivo. Em (18), vemos duas orações, que é a diferença básica para a sentença em (17), e a referência do sujeito é o receptor da mensagem quando o pronome *você* é usado, portanto, se trata da 2ª pessoa do discurso e o *seu* recebe esse traço de pessoa, igual acontece em (16).

Nesta seção, revimos alguns fatores importantes para o direcionamento de *seu* para a 2ª pessoa. Isto é, o *seu* é direcionado para a 2ª pessoa quando o referente é dêitico, pois depende do ambiente de fala, e quando *você* de 2ª pessoa aparece na sentença.

Na próxima seção mostraremos os tipos de antecedentes que são ligados ao *seu* de 3ª pessoa e as situações em que esse possessivo é usado para essa pessoa gramatical.

3.4. Revisitando contextos em que o pronome possessivo *seu* é ligado à 3ª pessoa gramatical

Vimos, na seção anterior, os casos de uso do possessivo *seu* para a 2ª pessoa. Agora, analisaremos sobre as características que direcionam o *seu* para a 3ª pessoa. Listamos, a seguir, o traço de animacidade do antecedente, os tipos de antecedentes desse possessivo para essa pessoa gramatical e o tipo do contexto do possuidor.

Como vimos na seção 2.5., o resultado do teste experimental feito por Lopes e Guedes (2020, p. 95) concluiu que os antecedentes do possessivo *seu*, na 3ª pessoa, possuem, em sua maioria, o traço inanimado, como pode ser observado no exemplo (19) a seguir:

(19) **A tese** e a *sua* relevância motivam o pós-graduando.

Em (19), *a tese* não é um ser vivo, possuindo traço inanimado, o que, segundo Lopes e Guedes (2020), contribui para o direcionamento de *seu* para essa 3ª pessoa.

Relembramos, também, que, de acordo com Muller (1997), os antecedentes de 3ª pessoa de *seu* são, na maioria dos casos, sintagmas quantificadores ou sintagmas genéricos na 3ª pessoa. Esses SNs também direcionam o possessivo para essa pessoa gramatical, como nos exemplos (20a) e (20b), respectivamente:

- (20) a. **Cada aluno** tem que postar a *sua* atividade na plataforma.
 b. **O professor** sabe de *sua* importância para o ensino.

Em (20a), *cada aluno* é um SN quantificador que está na 3ª pessoa, o que faz com que o possessivo *seu* seja direcionado a essa pessoa gramatical. O mesmo ocorre em (20b), a única diferença é que o SN *o professor* é genérico nessa sentença, ou seja, diz respeito à classe *professores*.

Ainda sobre isso, a classificação de Almeida e Minussi (2021, p. 69), que será apresentada na próxima seção, apresenta a 3ª pessoa generalizada (3G), detalhando que ela foi criada para especificar os casos em que a pessoa do antecedente é uma 3ª pessoa, mas é generalizada, como *todo mundo, o povo, as mulheres, cada um, etc.*

Comparando essa classificação com a nossa pesquisa, também analisamos esses casos como antecedentes de 3ª pessoa, já que, citando os exemplos acima, *todo mundo* e *cada um* referem-se a SNs quantificadores e *o povo* e *as mulheres* referem-se a SNs genéricos, classificações da nossa proposta.

Agora, observemos o exemplo (21), em que *você* não se refere à 2ª pessoa gramatical:

- (21) **Você** tem que trabalhar a semana inteira e não tem tempo para o *seu* merecido descanso.

Primeiro, vamos contextualizar o exemplo em (21). Pense no seguinte cenário: um falante diz a sentença acima ao ser entrevistado para um jornal local sobre a escala de trabalho de 44 horas semanais, em que ele é um trabalhador que não tem muitas folgas para descansar.

Então, vemos que, quando o trabalhador se dirige ao entrevistador, o pronome pessoal *você* não está se referindo à 2ª pessoa gramatical, ou seja, ao ouvinte. Isso porque, neste contexto, o pronome pessoal é uma 3ª pessoa genérica, sendo o sujeito das duas orações, em que, na segunda, o sujeito é oculto e o possessivo *seu* é ligado a ele. Isto é, o pronome *você* é interpretado como *todo mundo*. Havendo, então, uma característica de genericidade que direciona o *seu* para a 3ª pessoa, em vez de 2ª.

Ainda sobre isso, podemos dizer que o verbo no presente pode ter uma influência na indicação se, em determinada sentença, o *você* é uma 3ª pessoa generalizada ou não. Quando ele é, o verbo tem que estar no presente, enquanto o tempo no passado pode indicar que *você* é de 2ª pessoa. Todavia, mais estudos devem ser realizados para essa comprovação.

Apresentaremos, a seguir, mais exemplos para discutirmos acerca da genericidade do pronome pessoal *você*.

(22) O *seu* merecido descanso não é recompensado.

Em (22), não observamos uma genericidade na sentença, já que o *seu* é dêitico e se refere à 2ª pessoa. Isso porque o possessivo não possui antecedente na própria sentença, buscando o referente no contexto extralinguístico.

(23) No Brasil funciona assim: *seu* esforço não é recompensado.

Em (23), o possessivo *seu* se refere à 3ª pessoa, pois o *seu* apresenta uma genericidade, ou seja, há um contexto genérico em que o *seu* tem a interpretação de *todo mundo*. Vemos, então, uma interpretação generalizada que não precisa do *você* de 3ª pessoa. Assim, notamos que a genericidade pode ser mais importante para o direcionamento de *seu* para a 3ª pessoa do que o antecedente.

Com isso, um exemplo como (24), que já foi visto anteriormente, suspende esse elemento genérico:

(24) **Você** pegou o *seu* livro e entregou para ele.

Em (24), *você* é o referente e o *seu* é relativo à 2ª pessoa, já que o traço de pessoa vem “de graça” para esse possessivo.

A partir dos exemplos vistos anteriormente, podemos notar que o possessivo *seu* é usado para a 2ª pessoa em todos os contextos, menos o genérico e quando tem o quantificador variável. Já o *seu* para a 3ª pessoa é usado em contextos genéricos.

Sobre a genericidade, às vezes o uso de *seu* com interpretação de *todo mundo* não é por causa de um antecedente quantificador ou genérico qualquer, como discorre Muller (1997). Por exemplo, em (23), a característica *No Brasil* independe do antecedente.

Com isso, em (21), não podemos interpretar esse possessivo *seu* como sendo de 2ª pessoa do mesmo modo que acontece no exemplo em (16) citado na seção 3.3.: “ *Você trouxe o seu livro para a aula* ”. Isso porque, no exemplo em (21), *seu* está ligado ao SN genérico *você* , que é um dos casos em que o possessivo *seu* recebe os traços de 3ª pessoa, enquanto que, em (16), *seu* se refere a *você* , sendo, nesse caso, um referente de 2ª pessoa.

Vemos diferenças entre as nossas hipóteses e as classificações de Almeida e Minussi (2021), que ainda mostraremos na próxima seção. Esses pesquisadores apresentam duas categorias de antecedentes: a 2ª pessoa generalizada (2G) e a 3ª pessoa generalizada, como já vimos. Essa 2G foi elaborada para designar os casos em que a 2ª pessoa, *você* , se refere a qualquer pessoa, se comportando como um pronome de 2ª pessoa indeterminada.

Então, para eles, o *você* apresentado no exemplo (21) seria uma 2G, isto é, uma 2ª pessoa generalizada com o *você* tendo uma referência indeterminada. Todavia, para a nossa pesquisa, esse *você* é um pronome genérico de 3ª pessoa, porque o *seu* de 2ª pessoa dêitico não pode ter uma leitura generalizada.

Seguindo Muller (1997), sobre o *seu* para a 3ª pessoa, já sabemos que ele é anafórico por esse possessivo apresentar uma variável ligada com o antecedente quantificador ou genérico de 3ª pessoa, o qual está em um contexto linguístico, como em (25):

(25) Todo pós-graduando / O pós-graduando quer o seu sucesso profissional.

Ou seja, no exemplo em (25), o possessivo *seu* está na 3ª pessoa e é anafórico por ele estar ligado ao SN quantificador *todo pós-graduando* ou a um SN genérico *O pós-graduando*.

Então, é essencial revisitar, também, a definição de anáfora – nos termos de Muller – para contribuir com o entendimento do possessivo *seu* para a 3ª pessoa. A anáfora consiste em identificar objetos, pessoas, momentos, lugares e ações anteriormente mencionados no discurso ou na sentença:

(26) Tem **um aluno** aí fora. *Ele* quer ler os livros.

Ou seja, em (26), o pronome *ele* é anafórico ao SN *um aluno*.

Assim, nesta seção, revisitamos alguns fatores importantes para o direcionamento de *seu* para a 3ª pessoa. Isto é, como o traço inanimado do antecedente direciona esse possessivo para a 3ª pessoa gramatical, como também os tipos de antecedentes – SN quantificadores e genéricos – desse possessivo que influenciam o uso do *seu* para essa pessoa gramatical. Observamos, além disso, como a anáfora está relacionada com esse possessivo e com esses antecedentes na 3ª pessoa. Essa revisão foi importante para reafirmar a distribuição de *seu* para as 2ª e 3ª pessoas gramaticais.

Na próxima seção, vamos comentar mais sobre os casos de 2G e 3G e vamos analisar, principalmente, o pronome possessivo *seu* para a 3ª pessoa quando ele apresenta um antecedente definido, que é diferente dos exemplos e das explicações de *seu* para a 3ª pessoa que foram apresentadas até então.

3.5 O uso do pronome possessivo *seu* para a 3ª pessoa com antecedente definido, a partir de dados de Almeida e Minussi (2021)

Nesta seção, faremos uma discussão e uma análise do uso de *seu* para a 3ª pessoa quando o antecedente é definido, como um nome próprio. Para isso, vamos investigar as ocorrências do tipo de pessoa que os pronomes *seu* e *dele* retomam, a partir de dados de Almeida e Minussi (2021).

Sobre o pronome possessivo *seu* para a 3ª pessoa, observemos o seguinte exemplo:

(27) **João** abraçou o *seu* irmão.

Como já vimos no decorrer desta pesquisa, esse exemplo é visto como ambíguo por alguns pesquisadores, como Perini (1985), podendo ser interpretado como:

(28) a. João_i abraçou o seu_i irmão.

b. João_i abraçou o seu_j irmão.

Interpretando os índices das sentenças, no exemplo (28a), o *irmão* em evidência é do próprio *João*, enquanto que, no exemplo (28b), o *irmão* é de um indivíduo que está no mundo, fora da sentença.

Procuramos, então, uma alternativa de interpretação para esse caso que é considerado ambíguo e que gerou pesquisas sobre como manter essa ambiguidade sob controle ao evitá-la. Por exemplo, Perini (1985), que foi citado neste estudo, introduziu o argumento do uso de *dele* para a 3ª pessoa, no português coloquial, com o objetivo de evitar o uso de *seu* nessa pessoa gramatical.

Levando em conta o que foi discutido acima, estamos tratando esse caso do *seu* para a 3ª pessoa com antecedente definido em uma seção à parte, pois esse uso existe na língua dos falantes, e os autores da nossa revisão de literatura, no capítulo 2, exceto Kato, que não trata do assunto, apresentam *seu* para a 3ª pessoa como uma exceção. Ou seja, o exemplo em (28) é um caso ambíguo, como diz Perini (1985), sendo um caso de *seu* de 3ª pessoa em que o antecedente não é SN quantificador e nem genérico, como pesquisou Muller (1997).

Isto é, como foi discutido no início deste capítulo, propomos que o *seu* é usado para a 3ª pessoa quando esse possessivo apresenta um antecedente quantificador ou genérico, de modo que o *seu* para a 3ª pessoa com antecedente definido não é incluso nessas análises.

Então, o nosso foco, nesta seção, é analisar a motivação do possessivo *seu* ter sido usado para a 3ª pessoa, como no exemplo em (28), já que *João* é um SN definido, e não um SN quantificador e nem genérico.

Assim, também interpretamos esse uso como sendo uma exceção do uso de *seu* para a 3ª pessoa. Argumentamos, então, que esse possessivo aparece junto a um antecedente definido por ser um resquício de quando o *seu* não estava em competição com o *dele*, ou seja, essa era a realidade da gramática da língua dos

falantes das camadas mais populares quando o *dele* ainda não pertencia ao quadro pronominal brasileiro. Hoje, sabemos que o *dele* é mais usado para a 3ª pessoa no geral, pois esse possessivo está substituindo o *seu* para a 3ª pessoa aos poucos, como apresentou Perini (1985).

Procurando comprovar essa nossa hipótese, apresentaremos dados de Almeida e Minussi (2021) sobre os contextos de uso dos possessivos *seu* e *dele*. Observemos, então, a Tabela 1:

Tabela 1: Pronomes *seu(s)/sua(s)/dele(s)* e *dela(s)* em cada contexto

seu(s)/sua(s)							
Ocorrências				Percentual			
Pronome	RD	RF	Total Geral	Pronome	RD	RF	Total Geral
seu	22	15	37	seu	59,4	40,6	100
seus	6	3	9	seus	66,6	33,4	100
sua	27	13	40	sua	67,5	32,5	100
suas	4	2	6	suas	66,6	33,4	100
Total	59	33	92	Percentual	64,1	35,9	100
dele(s)/dela(s)							
Ocorrências				Percentual			
Pronome	RD	RF	Total Geral	Pronome	RD	RF	Total Geral
dela	19	31	50	dela	38	62	100
delas	2	5	7	delas	28,6	71,4	100
dele	20	36	56	dele	35,7	64,3	100
deles	15	22	37	deles	40,5	59,5	100
Total	56	94	150	Percentual	37,3	62,7	100
Total Geral	115	127	242	Percentual Total	47,6	52,4	100

Fonte: Almeida e Minussi (2021, p. 70)

Nessa tabela, Almeida e Minussi (2021, p. 69) apresentam quantas vezes os pronomes *seu* e *dele* aparecem em um corpus de fala do projeto SP2010, coletado e transcrito pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística da USP. Do total de 709 enunciados, 242 foram selecionados, focando apenas nos enunciados do entrevistado e nos contextos de retomada dentro da Categoria de Regência (CR), a RD, e retomada fora de CR, a RF.

O exemplo (29a), retirado de Almeida e Minussi (2021, p. 72), apresenta a RD com *cada um* sendo retomado por *seu*, e, em seguida, *cada um* é retomado por *sua*, que está em RF. Já o exemplo (29b), também de Almeida e Minussi (2021, p. 75), apresenta a RF com o pronome *ela* sendo retomado por *dela* em sentenças diferentes:

(29) a.[**Cada um_i**, vai pro *seu_i* lado] [cria a *sua_i* vida] eu já não eu já não penso assim.

RD

RF

b.[Ele resolveu registrar **ela_i**] [mas porque ele voltou a namorar com a mãe dela_i]

RF

Na Tabela 1, observamos que o *seu* aparece em 92 sentenças. Em 64,1% dos casos, esses pronomes ocorreram no contexto de RD contra 35,9% no contexto de RF. Enquanto isso, o *dele* aparece 150 vezes e 62,7% dos casos foi no contexto de RF contra 37,3% no contexto de RD.

Isso significa dizer que o pronome *seu* ocorre mais em RD, apresentando uma característica que foi retomada no início deste capítulo, que é a presença da variável ligada do possessivo *seu* anafórico com o antecedente de 3ª pessoa no contexto linguístico, já o *dele* aparece mais em RF, ou seja, em uma sentença posterior a do antecedente, sendo um pronome correferencial.

Após essa breve revisão das retomadas e focando no pronome possessivo *seu* visto na Tabela 1, podemos comprovar a argumentação do uso de *seu* para a 3ª pessoa em antecedentes definidos a partir da próxima tabela de Almeida e Minussi (2021, p. 70), que detalha as 92 ocorrências retiradas da tabela acima.

Assim, a Tabela 2 de Almeida e Minussi (2021, p. 71) nos mostra as ocorrências de *seu* quando tem como antecedente as 2ª e 3ª pessoas e 2G e 3G:

Tabela 2: Ocorrências do tipo de pessoa que os pronomes *seu(s)/sua(s)* retomam

Pronome/Pessoa	Ocorrências				Total Geral
	2	3	2G	3G	
seu	2	3	14	18	37
seus	0	1	3	5	9
sua	3	3	17	17	40
suas	0	0	2	4	6
Total Geral	5	7	36	44	92

Fonte: Almeida e Minussi (2021, p. 70)

Podemos ver na Tabela 2 que o antecedente 3G parece ser a escolha de uso preferida dos falantes, já que, das 92 sentenças, 44 casos são utilizados para retomar uma 3ª pessoa generalizada, isto é, uma pessoa indeterminada. Todavia, focaremos na 3ª pessoa, sem ser a generalizada, ou seja, a 3ª pessoa que pode apresentar antecedentes definidos. Essa pessoa gramatical apresenta 7 casos, só perde para os casos de 2ª pessoa, que é a menor taxa de retomada.

Então, a baixa frequência de *seu* para a 3ª pessoa demonstra como esse uso, mesmo ainda presente no sistema, está cada vez mais sendo diminuído pelo uso de *dele* nessa pessoa gramatical. Comprovamos esse argumento apresentando a Tabela 3 com as 150 ocorrências do pronome *dele* que também foram detalhadas a partir da Tabela 1:

Tabela 3: Ocorrências do tipo de pessoa que os pronomes *dele(s)/dela(s)* retomam

Pronome/Pessoa	Ocorrências				Total Geral
	2	2G	3	3G	
dela	0	0	48	2	50
delas	0	0	5	2	7
dele	0	0	55	1	56
deles	0	0	35	2	37
Total Geral	0	0	143	7	150

Fonte: Almeida e Minussi (2021, p. 71)

A Tabela 3 demonstra que a forma *dele* e suas flexões possuem apenas os antecedentes de 3ª pessoa e 3G. Das 150 ocorrências, apenas 7 casos são de 3G e a maioria é de 3ª pessoa, que pode apresentar antecedentes definidos, o que comprova que essa forma é a mais usada para essa pessoa gramatical, se comparada com a forma *seu* para a 3ª pessoa.

Sobre isso, já sabemos que *dele* possui os traços-phi recebidos do possuidor, sendo que fica mais fácil distinguir morfologicamente o traço de pessoa em *dele* do que em *seu*. Isso porque *dele* possui traço de 3ª pessoa inerente, como no exemplo (30), substituindo cada vez mais o *seu* nessa mesma pessoa gramatical:

(30) José e **Maria** leram, ao mesmo tempo, o livro *dela*.

Observamos que o traço de pessoa de *dele*, diferentemente de *seu*, sempre

será relativo à 3ª pessoa e os traços de número e gênero dependem do possuidor, e não do SN possuído igual ocorre com o *seu*. Nesse exemplo em (30), *dela* está no gênero feminino e no número singular, pois acompanha os traços-phi do possuidor, ou seja, *Maria*, e não *João e Maria*.

Já o uso de *seu* para a 3ª pessoa, no mesmo exemplo acima, mudaria toda a semântica da sentença:

(31) **José e Maria** leram, ao mesmo tempo, o *seu* livro.

No exemplo (31), *o livro* pode ser de *João* ou de *Maria* ou pode ser dos dois, a interpretação de posse é uma incógnita, pois dependemos do contexto para saber de quem o *seu* estaria recebendo o traço de pessoa, se é de uma ou de ambas as 3ª pessoas definidas.

Então, apresentamos a resposta para uma das perguntas da pesquisa: *Por que o pronome possessivo seu ainda é usado para a 3ª pessoa com antecedentes definidos?*. Isso nos mostra como o uso de *seu* para a 3ª pessoa com antecedente definido é uma exceção da língua que ainda observamos, mas que está diminuindo cada vez mais com a ascensão da forma *dele* que já possui o traço de 3ª pessoa inerente, se ligando a antecedentes definidos, como nomes próprios.

Sobre a pergunta central do começo da pesquisa: *Por que o pronome possessivo seu pode ser usado tanto para as 2ª pessoas quanto para as 3ª pessoas?*, respondemos que o possessivo *seu* não tem traços de pessoa inerente – diferentemente do possessivo *dele* que já possui o traço de 3ª pessoa. Assim, a especificação da pessoa gramatical a qual *seu* será direcionada depende desses processos que ocorrem no ambiente sintático, ou seja, no contexto linguístico – se for de 3ª pessoa – ou na situação discursiva – se for de 2ª pessoa.

Nesta seção, apresentamos comprovações que o *seu* de 3ª pessoa está sendo substituído por *dele* nessa mesma pessoa gramatical, por ter traço de 3ª pessoa inerente, além de que o *seu* de 3ª pessoa com antecedente definido é uma exceção do uso desse possessivo para essa pessoa gramatical, e tratamos isso como um resquício de quando o possessivo *dele* ainda não era usado para a 3ª pessoa do discurso.

Veremos, a seguir, como os traços formais e semânticos são responsáveis para esse encaixe do possessivo *seu* para as 2ª e 3ª pessoas gramaticais.

3.6. Os traços formais e semânticos do pronome possessivo *seu*, uma análise comparativa com o sintagma *Vossa Mercê*, de Marcotulio (2012)

Nesta seção, vamos apresentar a nossa análise sobre os traços formais e semânticos que o pronome possessivo *seu* recebe. Teremos como base a tese de Marcotulio (2012), a qual apresenta os traços formais e semânticos de *Vossa Mercê* a partir do processo de gramaticalização que essa forma passou, na gramática do português dos séculos XIV a XVI, de modo que o sintagma possessivo é reanalisado em um sintagma pronominal, passando por uma redução estrutural.

Ou seja, vamos observar os traços formais e semânticos de *Vossa Mercê* para utilizá-los em nossa análise do pronome possessivo *seu*, além de observar uma semelhança entre o comportamento anafórico e dêitico dos sintagmas possessivos e pronominais da forma *Vossa Mercê* com o possessivo *seu* para as 2ª e 3ª pessoas gramaticais.

O primeiro passo é demonstrar que as formas homófonas de *Vossa Mercê* apresentam estatutos categoriais diferentes, uma vez que seu comportamento sintático é distinto, isto é, o sintagma possessivo *Vossa Mercê* e o sintagma pronominal *Vossa Mercê* (Marcotulio, 2012, p. 35). Apresentaremos as características do sintagma possessivo e, depois, as do sintagma pronominal.

Em termos de estrutura, o sintagma possessivo *Vossa Mercê* é constituído de um possessivo, de um nome e de uma relação sintática que se estabelece entre eles, como em (32), um exemplo retirado de Marcotulio (2012, p. 52)¹⁴:

(32)

Senhor, eu vos tenho em grande merce isto, que me encarregaes, e espero, com a graça do Senhor Deus com os bons senhores cavaleiros de vosso Reino, de trabalhar como seu serviço e vossa vontade e mandado seja cumprido; e pois, **Senhor**, se esta cousa se ha de fazer, seja **vossa merce** quererdes for, tanto poereis a terra em melhor estado e defensao. (CdP, Cronica de D. Afonso Henriques, Duarte Galvão, 1500-1525).

¹⁴ Marcotulio (2012) utiliza exemplos retirados do Corpus do Português (CdP), projeto elaborado pelos professores Mark Davies (Brigham Young University, EUA) e Michael Ferreira (Georgetown University, EUA), disponível on-line em <http://www.corpusdoportugues.org>, que reúne materiais distintos dos séculos XIII ao XX.

“Senhor, eu vos tenho em grande apreço por isto que me encarregais, e espero, com a graça do Senhor Deus e com os bons senhores cavaleiros de vosso Reino, trabalhar para que seu serviço, vossa vontade e vosso mandado sejam cumpridos; e pois, Senhor, se esta coisa há de ser feita, seja de vossa mercê querer que assim seja, pois assim podereis colocar a terra em melhor estado e defesa.”.

Em (32), *Vossa Mercê* é um pronome possessivo, ainda não é pronominal. Isso porque *vós* é o pronome pessoal usado nesse exemplo, como pode ser observado pela flexão dos verbos na 2ª pessoa do plural, o clítico *vos*, etc., daí a existência do possessivo *vossa*. Assim, *Vossa Mercê* não era um pronome pessoal por conta dessas características, esse sintagma possessivo poderia ser parafraseado por *a mercê do Senhor*, o que demonstra a característica da relação entre o *Senhor* e o que ele possui, no caso, a *mercê*, uma retribuição.

Uma vez que *Vossa Mercê* era um sintagma possessivo à época do exemplo, há uma decomposição entre pronome possessivo e nome, ou seja, uma separação desses itens. Existe, por exemplo, *grande mercê* e *vossa vontade*, não havendo, nesse exemplo em (32), um bloco como um pronome pronominal apresenta. Assim, é possível, também, a existência de outros sintagmas possessivos com o nome *mercê* em que o possessivo é diferente de *vossa*, por exemplo, *minha mercê*, *tua mercê*, *sua mercê* e *nossa mercê*. O exemplo a seguir também foi retirado de Marcotulio (2012, p. 54):

(33)

Digo te Diocleciano que **tua mercee** e tua misericórdia muito he vaa e malvada.
(CdP, Flos sanctorum - Flores de direito -, 1513).

“Digo-te, Diocleciano, que tua mercê e tua misericórdia é muito vãs e perversas.”.

Vemos, então, em (33), o pronome possessivo *tua* junto com o nome *mercê*, sendo, também, um sintagma possessivo.

Já no sintagma pronominal, o possessivo e o nome já não mais atuam como itens independentes e fazem parte de um composto “congelado”, como no exemplo em (34) retirado de Marcotulio (2012, p. 75):

(34)

E parece que **Vossa Mercê** deve ir adiante por ele agora, enquanto temos a frol do Verão na mão; e com o que achar ou descobrir até meado o mês de Janeiro, primeiro que virá, de mil e quinhentos e vinte anos, **Vossa Mercê** faça fundamento de tornar na volta de Espanha, porque daí adiante os dias minguem já de golpe, e por razão dos temporais hão-de ser mais pesados que os de agora. (CdP, Décadas da Asia, Década Terceira, Livros I-X, João de Barros, século XVI).

“E parece que Vossa Mercê deve seguir adiante por ele agora, enquanto temos a flor do verão em mãos; e com o que encontrar ou descobrir até meados do mês de janeiro do ano de mil quinhentos e vinte, Vossa Mercê deve planejar o retorno à Espanha, porque, a partir daí, os dias já diminuem rapidamente e, por causa dos temporais, serão mais rigorosos do que agora.”.

Em (34), por *Vossa Mercê* ser um “bloco único”, não há mobilidade entre os constituintes, de modo que “**E parece que Mercê Vossa deve ir adiante por ele agora [...]*”, por exemplo, seria uma sentença agramatical.

O sintagma pronominal *Vossa Mercê* pode apresentar flexão de número, referindo-se à 2ª pessoa do plural, como podemos ver no exemplo (35):

(35)

Ja que Vossa Merce quer ensacar-me, não posso eu fugir a isso, mas é necessario ser um pouco comprido; e se for enfadonho, ponham **Vossas Mercês** a culpa a si, ou me mandem alevantar a qualquer hora que os enfadar. (CdP, Soldado prático, Diogo de Couto, 1588) (Marcotulio, 2012, p. 77).

“Já que Vossa Mercê quer me ensacar, não posso fugir disso, mas é necessário que seja um pouco demorado; e, se for enfadonho, ponham Vossas Mercês a culpa em si mesmos ou me mandem levantar a qualquer hora em que os aborrecer.”

Além disso, segundo Marcotulio (2012, p. 48), sobre a referência, o sintagma pronominal tem a propriedade de fazer referência à 2ª pessoa do discurso. O sintagma possessivo, por sua vez, não apresenta essa especificação para pessoa, possibilitando, como vimos no exemplo (33), a existência de *tua mercê* e de outras formas possessivas, como *minha mercê*, *sua mercê* e *nossa mercê*.

Na comparação desses sintagmas, a forma de tratamento *Vossa Mercê* possui comportamento pronominal, que se deve à propriedade dêitica – de fazer

referência à 2ª pessoa do discurso –, em contraposição à propriedade anafórica do sintagma possessivo *Vossa Mercê*.

Essa mudança de sintagma possessivo para sintagma pronominal foi resultado da mudança dos traços formais e traços semânticos de cada tipo de sintagma, ou seja, já que o sintagma possessivo podia variar a forma possessiva, como vimos acima, os traços de pessoa, gênero e número também mudavam em relação ao nome, já com o “bloco” *Vossa Mercê* do sintagma pronominal, esses traços do conjunto podem ou não ser variáveis, como vamos analisar a seguir.

Ainda sobre traços, Marcotulio (2012, p. 89) cita um outro sistema de traços formais e semânticos proposto por Lopes e Rumeu (2007) juntamente com os traços de duas categorias, de Rooryck (2004):

a) traços variáveis: [α] – não apresentam um valor especificado, sendo sintaticamente subespecificados;

b) traços não-variáveis: [\emptyset] – marcados para a ausência de um determinado valor – ou especificados para um determinado valor fixo.

Assim, os traços desse sistema estão no Quadro 1:

Quadro 1: Os traços formais e semânticos de gênero, número e pessoa

Traços de gênero	Traços de número	Traços de pessoa
a. feminino, formal: [+fem]	a. plural, formal: [+pl]	a. 1P, formal: [+eu]
b. masculino, formal: [-fem]	b. singular, formal: [-pl]	b. 2P, formal: [-eu]
c. variável, formal: [α fem]	c. variável, formal: [α pl]	c. 3P, formal: [\emptyset eu]
d. ausente, formal: [\emptyset fem]	d. ausente, formal: [\emptyset pl]	d. 1P, semântico: [+EU]
e. feminino, semântico: [+FEM]	e. plural, semântico: [+PL]	e. 2P, semântico: [-EU]
f. masculino, semântico: [-FEM]	f. singular, semântico: [-PL]	f. 3P, semântico: [\emptyset EU]

g. variável, semântico: [α FEM]	g. variável, semântico: [α PL]	
h. ausente, semântico: [∅ FEM]	h. ausente, semântico: [∅ PL]	

Fonte: Marcotulio (2012, p. 90)

Observamos, nesse quadro, a separação entre os traços formais – representados por letras minúsculas – e os semânticos – representados por letras maiúsculas. Esses traços sintáticos e semânticos também são observados em pronomes, como o *você*, em que o traço formal e o traço semântico de pessoa desse pronome são diferentes: gramaticalmente, essa forma é especificada como 3ª pessoa, mas semanticamente funciona como 2ª pessoa, possuindo, então, os traços [∅ eu] e [-EU] desse sistema.

Assim, Marcotulio (2012, p. 90) aplicou esse sistema de traços proposto por Lopes e Rumeu (2007) à forma *Vossa Mercê* que apresenta comportamento pronominal, pois o sintagma possessivo *Vossa Mercê* é reanalisado em sintagma pronominal:

Quadro 2: Proposta de traços formais e semânticos para a forma pronominal *Vossa Mercê*

Traços	<i>Vossa Mercê</i> Traço formal / traço semântico
gênero	[+ fem] / [α FEM]
número	[α pl] / [α PL]
pessoa	[∅ eu] / [- EU]

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Marcotulio (2012, p. 90)

Explicando essa análise, no traço de gênero, o traço formal [+ fem] é dado à presença do possessivo *vossa* em concordância com o nome *mercê*. Já o traço semântico possui uma interpretação subespecificada [α FEM], pois, como forma de tratamento, pode se referir a indivíduos do sexo feminino ou masculino.

Quanto ao traço de número, o traço formal é subespecificado em relação ao número [α pl], já que são vistas tanto formas no singular quanto no plural: *Vossas Mercês*. O traço semântico [α PL] apresenta uma subespecificação de número plural, uma vez que essa forma pronominal pode ou não receber uma interpretação pluralizada, de acordo com a presença do traço de número formal.

Em relação ao traço de pessoa, a forma *Vossa Mercê* apresenta o traço formal [\emptyset eu] como 3ª pessoa, “uma conservação da pessoa formal típica do nome” (Marcotulio, 2012, p. 90). Ou seja, é mantida a especificação original de 3ª pessoa na concordância verbal. Já a pessoa semântica se apresenta como [- EU], a 2ª pessoa do discurso.

Usamos esse sistema de traços de Marcotulio (2012) para analisar o pronome possessivo *seu*, porque o comportamento dúbio dos sintagmas *Vossa Mercê* se assemelha com o de *seu* para as 2ª e 3ª pessoas, tanto as características dêiticas e anafóricas observadas nas duplas quanto os traços semânticos e sintáticos:

Quadro 3: Proposta de traços formais e semânticos para o pronome possessivo *Seu*

Traços	Seu Traço formal / traço semântico
gênero	[α fem] / [α FEM]
número	[α pl] / [α PL]
pessoa	[\emptyset eu] / [- EU] e [\emptyset EU]

Fonte: Elaboração própria

O possessivo *seu* é um exemplo de elemento que possui traços variáveis e não-variáveis. Levando em consideração o que foi mostrado acima, os traços formais de gênero e número são variáveis por serem sintaticamente subespecificados, já que dependem e são recebidos dos traços de gênero e número do SN possuído presente na sentença. Os traços semânticos também são variáveis pelo mesmo motivo. Já o traço de pessoa assume uma interpretação formal [\emptyset eu], referindo sintaticamente à 3ª pessoa, remetendo à origem desse possessivo, e o traço semântico é subespecificado, podendo ser [-EU], de 2ª pessoa, e [\emptyset EU], de 3ª

pessoa, a escolha da pessoa depende do contexto. Ou seja, a leitura do *seu* de 2ª e 3ª pessoa é semântica, especificada, já a leitura formal é sempre de 3ª pessoa.

Podemos comparar, também, o que foi dito anteriormente sobre a propriedade dêitica ou anafórica de cada tipo de sintagma de *Vossa Mercê* com o pronome possessivo *seu*, listando aqui, as semelhanças observadas entre essas formas. Isto é, tanto o sintagma pronominal e o sintagma possessivo *Vossa Mercê* quanto o pronome possessivo *seu* de 2ª pessoa e de 3ª pessoa apresentam características dêiticas e anafóricas.

Como já apresentado, o sintagma pronominal *Vossa Mercê* possui uma propriedade dêitica, por fazer referência à 2ª pessoa do discurso, como no exemplo de Marcotulio (2012, p. 74), em (36). O que pode ser relacionado com o possessivo *seu* quando refere-se à 2ª pessoa dêitica, como em (37):

(36) senhor, que **Vossa Merce** me lembrou uma cousa, que me esquecia, e que eu trazia muito estudada, pera ser a primeira sobre que gritasse neste reino. (CdP, Soldado prático, Diogo de Couto, 1588).

“Senhor, Vossa Mercê me lembrou de uma coisa que eu havia esquecido e que eu tinha muito estudada, para ser a primeira sobre a qual clamasse neste reino.”.

(37) É o *seu* livro que eu quero.

Ambos os casos compartilham um referente de 2ª pessoa, já que o sintagma pronominal *Vossa Mercê* foi gramaticalizado em *você* e o referente dêitico, em (37), é o pronome *você* no mundo.

Em contraposição, vemos a propriedade anafórica do sintagma possessivo *Vossa Mercê*, como pode ser visto no exemplo de Marcotulio (2012, p. 51), em (38). Toda pessoa de 3ª pessoa é anafórica para ele, mas, na gramática gerativa, a anáfora é antecedente no discurso. Então, em (38), *Vossa Mercê* não tem antecedente, de modo que esse sintagma não seria anafórico na Teoria de Ligação, apenas nessa explicação do Marcotulio (2012).

Podemos dizer que esse sintagma se aproxima do comportamento do pronome possessivo *seu* de 3ª pessoa, como em (39):

(38)

E poren, senhor, ave de mÿ doo e piedade! E, por honrra do grande linhagen que vos sabeades de que eu venho, que nõ sofrades a nem hûu que me faça mal nem força. E, se **vossa mercee** fosse que me quisessedes vender, algûus homeens hey eu que se doeryã de mym e vos dariam por mÿ muy grande algo. (CdP, Crónica Geral de Espanha, 1344).

“E, portanto, senhor, tende de mim dó e piedade! E, pela honra da grande linhagem da qual sabeis que descendo, não permitais que ninguém me cause mal ou violência. E, se fosse de vossa mercê querer me vender, há alguns homens que teriam compaixão de mim e vos dariam por mim um grande valor.

(39) **Cada padre** sabe pregar a *sua* missa.

Ou seja, em (38), a 3ª pessoa é anafórica para Marcotulio (2012) e, em (39), o elemento possessivo é anafórico e depende do valor do antecedente – *cada padre*. Assim, com caráter anafórico, o sintagma possessivo *Vossa Mercê* poderia ser substituído por outros nomes ou por um pronome de 3ª pessoa, o que evidencia seu comportamento nominal e a ausência de especificação para o traço de 2ª pessoa, como vimos em (38).

Concluimos, então, que há os traços variáveis e não-variáveis, propostos por Lopes e Rumeu (2007), os quais se diferem quando analisados em elementos gramaticais, e que são vantajosos para a análise do *seu* igual foram para a do *Vossa Mercê*. Marcotulio (2012) utilizou esses traços ao investigar as características do sintagma pronominal *Vossa Mercê*. Nós utilizamos esse sistema de traços formais e semânticos para analisar o pronome possessivo *seu*, principalmente o traço de pessoa, o qual possui, a nosso ver, uma interpretação formal [Øeu], que se refere gramaticalmente à 3ª pessoa, e o traço semântico que é subespecificado, pois pode ser [-EU], de 2ª pessoa, ou [ØEU], de 3ª pessoa, dependendo do contexto analisado.

Essa mudança dos traços semânticos diferente dos traços formais, que está acontecendo com o *seu*, ocorreu com outros elementos da língua, como o *Vossa Mercê*. Vimos que o valor de *seu* ainda não mudou totalmente, pois ainda está em andamento, inclusive, pela entrada de *dele* no sistema pronominal brasileiro para evitar esse uso dúbio, o que é diferente do que aconteceu com *Vossa Mercê*, por ser um processo já finalizado.

Notamos, também, as características quando o sintagma *Vossa Mercê* é pronominal e quando esse mesmo sintagma é possessivo, relacionando-se com as pessoas gramaticais, além das propriedades dêiticas e anafóricas, respectivamente, as quais se assemelham com o comportamento do pronome possessivo *seu* para as 2ª e 3ª pessoas do discurso.

3.7. Conclusão

Este capítulo analisou o compartilhamento do possessivo *seu* para as 2ª e 3ª pessoas. Discorreremos sobre como os tipos de SN referenciais ou antecedentes do possessivo *seu* têm um papel relevante no direcionamento para essas pessoas gramaticais. Os posicionamentos de Menuzzi (2003) e Muller (2003) corroboram acerca da classificação de pronome e anáfora, correferência e variável ligada.

Vimos que o possessivo *seu* pode ir tanto para a 2ª quanto para a 3ª pessoa porque esse pronome possessivo não tem marcação de pessoa, por isso ele flutua entre ambas, ou seja, *seu* não tem traços inerentes de pessoa, de modo que precisa do ambiente sintático para ser especificado como 2ª ou 3ª pessoa. Quando esse possessivo recebe traços de 3ª, ele é anafórico (tem um antecedente e apresenta variável presa). Quando recebe traços de 2ª, ele é dêitico (o referente está em um contexto extralinguístico).

Revisitamos alguns fatores importantes para o direcionamento de *seu* para a 2ª pessoa, como esse possessivo sendo dêitico, de forma que o referente da sentença aparece em um contexto extralinguístico. Já o *seu* é direcionado para a 3ª pessoa quando o antecedente tem um traço inanimado do referente, além dos antecedentes de 3ª pessoa de *seu* serem sintagmas quantificadores ou sintagmas genéricos. Isso porque o possessivo *seu* vai para a 3ª pessoa quando ele é anafórico, retomando o SN da sentença, por exemplo, um SN quantificador, que tem o possessivo *seu* como variável presa.

Todavia, também vimos o caso em que *seu* é usado para a 3ª pessoa com um antecedente definido, o qual julgamos ser uma exceção da língua que ainda está presente na língua dos falantes escolarizados, apesar de estar diminuindo cada vez mais com a ascensão de *dele*, que já possui o traço de 3ª pessoa inerente, se ligando a antecedentes definidos, como os nomes próprios.

Observamos, também, os traços variáveis e não-variáveis, propostos por Lopes e Rumeu (2007), que se diferenciam quando são analisados separadamente. Enquanto Marcotulio (2012) usou esses traços para investigar o sintagma pronominal *Vossa Mercê*, utilizamos, em nossa pesquisa, esse sistema de traços formais e semânticos ao analisar o pronome possessivo *seu*. Nosso foco foi, principalmente, o traço de pessoa para que pudéssemos tentar responder o porquê de esse possessivo ser usado tanto para a 2ª pessoa quanto para a 3ª pessoa. A nosso ver, o pronome possessivo *seu* recebe uma interpretação formal [Øeu], se referindo gramaticalmente à 3ª pessoa, e o traço semântico é subespecificado, pois pode ser [-EU], de 2ª pessoa, ou [ØEU], de 3ª pessoa, dependendo apenas do contexto em que esse possessivo se insere.

Finalizamos este capítulo apresentando características semelhantes entre o sintagma pronominal *Vossa Mercê* com o possessivo *seu* de 2ª pessoa e o sintagma possessivo *Vossa Mercê* com o possessivo *seu* de 3ª pessoa, relacionando-os por meio das características dêiticas e anafóricas, respectivamente.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou as motivações para o pronome possessivo *seu* ser usado para as 2ª e 3ª pessoas gramaticais por meio de uma abordagem formal, isto é, pela descrição de regras que ocorrem na língua interna dos falantes.

Esta pesquisa objetivou pesquisar as especificidades do pronome possessivo *seu*, a partir dos traços-phi dos referentes e antecedentes que acompanham esse possessivo, para investigar a sua relação com as 2ª e 3ª pessoas gramaticais, além de compará-lo, em pontos específicos, com o possessivo *dele* para a 3ª pessoa. Mostramos, também, os tipos de antecedentes, como SNs quantificadores e SNs genéricos, e a relevância das definições de pronome, dêixis, anáfora, correferência e variável ligada no uso de *seu* para essas duas pessoas gramaticais.

Para tanto, esta dissertação perpassou as características sintáticas dos pronomes possessivos, relacionando-os com os pronomes pessoais e investigando, a todo momento, a distribuição de *seu* para as 2ª e 3ª pessoas. Tudo isso ocorreu por meio de discussões das abordagens prévias da literatura, como Perini (1985), Kato (1985), Muller (1997) e (2003), Abraçado (2000), Menuzzi (2003), entre outros linguistas que foram citados no decorrer deste estudo.

Como resultado, vimos que o possessivo *seu* pode ir tanto para a 2ª quanto para a 3ª pessoa porque esse pronome possessivo não tem o traço de pessoa inerente, por isso ele flutua entre ambas, de modo que *seu* precisa do ambiente sintático para ser especificado como de 2ª ou de 3ª pessoa. Quando esse possessivo recebe traços de 2ª, ele é dêitico e o referente está em um contexto extralinguístico; quando recebe traços de 3ª, ele é anafórico e apresenta variável presa com um antecedente quantificador ou genérico.

Também notamos o caso em que *seu* é usado para a 3ª pessoa com um antecedente específico, o qual julgamos ser uma exceção da língua que ainda está presente na língua dos falantes. Esse uso está diminuindo cada vez mais com a ascensão de *dele*, uma forma que já possui o traço de 3ª pessoa inerente, a qual se liga a antecedentes definidos, como os nomes próprios.

Ainda analisando o pronome possessivo *seu*, notamos que os traços variáveis e não-variáveis, propostos por Lopes e Rumeu (2007), são diferentes, se

investigados separadamente. Em sua tese, Marcotulio (2012) usa esses traços para analisar o sintagma pronominal *Vossa Mercê*. Utilizamos, em nossa pesquisa, esse sistema de traços formais e semânticos para investigar o pronome possessivo *seu*, como vimos em *Vossa Mercê*. Assim, nossa análise focou, principalmente, no traço de pessoa para que pudéssemos responder a motivação de esse possessivo ser usado para as 2ª e 3ª pessoas gramaticais. Além disso, a análise de Marcotulio (2012) também nos serve como base para direcionar o comportamento dêitico ou anafórico para cada interpretação do pronome possessivo *seu*.

Assim, seguindo os traços apresentados no Quadro 1 do capítulo 3, o pronome possessivo *seu* recebe o traço de pessoa formal [\emptyset eu], se referindo gramaticalmente à 3ª pessoa, e recebe o traço semântico subespecificado [-EU], de 2ª pessoa, ou [\emptyset EU], de 3ª pessoa. A escolha de qual traço semântico o *seu* vai receber depende do contexto em que esse possessivo se insere.

Com isso, percebemos que o comportamento que o *seu* apresenta atualmente já foi observado, também, em outros elementos, como o sintagma *Vossa Mercê*, que passou de um sintagma possessivo para um sintagma pronominal. No meio desse processo, ocorreu o fenômeno da ambiguidade, pois as formas apenas se diferenciavam quando os seus traços semânticos e sintáticos eram investigados. Esse processo também pôde ser notado no pronome pessoal *você*, que, dependendo do contexto, pode ter uma interpretação de 2ª ou 3ª pessoa, como vimos, inclusive, por ser uma decomposição do sintagma pronominal *Vossa Mercê*. Assim, mais investigações sobre esse fenômeno dúbio de elementos do português brasileiro são interessantes, pois contribuem com os estudos da língua dos falantes.

Nas considerações finais, como este trabalho faz parte de uma pequena leva desse assunto nos estudos formais, algumas lacunas podem ter ficado em aberto, o que mostra que mais investigações futuras são interessantes e essenciais para a continuidade dessa pesquisa, e de outras, sobre o pronome possessivo *seu*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAÇADO, J. O possessivo seu: diferentes tipos de vagueza e de posse. *Revista Gragoatá*, v. 5, n. 9, p. 193-203, 2000.

ALMEIDA, A. *Pronomes possessivos de 3ª pessoa no Português Falado de São Paulo*. Iniciação Científica. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

ALMEIDA, B.; MINUSSI, R. O comportamento dos pronomes possessivos seu(s); sua(s); dele(s) e dela(s) na recuperação de seus antecedentes. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 17, p. 60-80, n. 3, 2021.

BROWN, R.; GILMAN, A. *The pronouns of power and solidarity*. In: SEBEOK, T. (Ed.). *Style in language*, Cambridge: MIT Press, 1960.

CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. 2. ed. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008.

CARDINALETTI, A. *On The Deficient/Strong Opposition in Possessive Systems*. In: ALEXIADOU, A.; Ch. Wilder (eds). *Possessors, Predicates and Movement in the Determiner Phrase*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 17-53, 1998.

CARNIE, A. *Syntax: A Generative Introduction*. 3 ed. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2013.

CASTILHO, A. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CERQUEIRA, V. *A sintaxe do possessivo no português brasileiro*. 1996. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

CHOMSKY, N. *Lectures and government and binding: the Pisa lectures*, Dordrecht, Foris, 1981.

CORPORAPORT. *Corpora de variedades do português em análise*. Disponível em: <https://corporaport.letas.ufrj.br>.

CORPUS DO PORTUGUÊS (CdP). Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>.

GUEDES, D. *Possessivos simples e perifrásticos no português brasileiro: investigando a 3ª pessoa*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

LOPES, C.; GUEDES, D. Formas possessivas de terceira pessoa: Confrontando *seu* e *dele* a partir da abordagem experimental. *Revista Confluência*, Rio de Janeiro, n. 58, p. 82-105, 2020.

HARLEY, H.; RITTER, E. Person and Number in Pronouns: A Feature-Geometric Analysis. *Language*, vol. 78, n. 3, pp. 482-526, 2002,. JSTOR, Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3086897>. Acesso em: 02 mar. 2025.

HEIM, I.; KRATZER, A. *Semantics in Generative Grammar*. Malden, Mass, Oxford, U.K.: Blackwell, 1998.

IHSANE, T. A typology of possessive modifiers. In: COENE, M; D'HULST, Y. *From NP to DP: Volume 2: The expression of possession in noun phrases*. John Benjamins B.V., 2003. p. 23-42.

ILARI, R.; GERALDI, J. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1987.

KATO, M. A complementaridade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: réplica a Perini. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, vol. 1, n. 1-2, p. 107-120. 1985.

KEMPSON, R. *Teoria Semântica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

KUNO, S.; KABURAKI, E. Empathy and syntax. *Linguistic Inquiry*, v. 6, n. 4, p. 627-672, 1975.

LOPES, C.; RUMEU, M. *O quadro de pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos*. In: CASTILHO, A.; TORRES MORAIS, M.; LOPES, R.; CYRINO, S. (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro – Estudos dedicados a Mary Aizawa Kato*. São Paulo: Fapesp, Campinas: Pontes Editores, p. 419-436, 2007.

LUZ, M. Fórmulas de tratamento no português arcaico – subsídios para o seu estudo. In: *Revista Portuguesa de Filologia*. Vols. VII, VIII e IX. Coimbra: Ed. Casa do Castelo. 1958.

MANES, H. *A estratégia do redobro de possessivos no português e no francês: uma análise comparativa*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

MARCOTULIO, L. *Vossa Mercê bem sabe de onde viestes: um caso de gramaticalização na história do português*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MENON, O. O sistema pronominal do Português do Brasil. *Letras*, Curitiba: Editora UFPR, n. 44, p. 91-106, 1995.

MENUZZI, S. Escopo e “variáveis ligadas típicas” do português brasileiro. *Revista Letras*. Curitiba: Editora UFPR. n. 61, especial, p. 211-244, 2003.

MÜLLER, A. *A gramática das formas possessivas no português do Brasil*. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MÜLLER, A. Pronomes e anáfora - O estado da arte. *Revista Linha d'Água*, n. 16, p. 17-37, 2003.

NEVES, M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA E SILVA, G. *Estertores do possessivo seu na terceira pessoa*. Relatório final de pesquisa: Projeto Subsídio do Projeto Censo à Educação. UFRJ/FALE/Fundação Universitária José Bonifácio, Rio de Janeiro. v. 2, 1986.

OLIVEIRA E SILVA, G. Um caso de definitude. *Revista Organon*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 5, n.18, p. 90-108, 1991.

PERINI, M. O surgimento do sistema possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, [S. l.], v. 1, n. 1/2, p. 1-16, 1985. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/31141>. Acesso em: 7 maio. 2025.

PERINI, M. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ROORYCK, J. *The Formal Architecture of the Left Periphery*. In: RIZZI, L. (Ed.), *The Structure of CP and IP: The Cartography of Syntactic Structures*. Oxford University Press. Vol. 2, pp. 350-373, 2004.

SCHOORLEMMER, M. *Possessors, articles and definiteness*. In: ALEXIADOU, A.; WILDER, C. (Ed.). *Possessors, predicates and movement in the determiner phrase*. Amsterdam: John Benjamins, p. 55-86, 1998.

SILVA, M. *Variação dos pronomes possessivos de terceira pessoa do singular seu(a)(s)/dele(a) em natal-rn: aspectos sociais e estilísticos*. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

SOARES, A. *Segunda e terceira pessoa - o pronome possessivo em questão: uma análise variacionista*. Dissertação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

TORRES MORAIS, M.; RIBEIRO, I. Possessivos de 3ª pessoa: o português arcaico e o português brasileiro contemporâneo. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 16, n. spe, p. 15-51, dez. 2014 <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16ispep15-5>.